

Dissertação de Mestrado

**TRABALHADORES DAS INDÚSTRIAS METALÚRGICAS,
MECÂNICAS E MATERIAL ELÉTRICO DO SUL CATARINENSE
(1979-2018)**

FERNANDO DEBRIDA MARTINS



UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE

**PPGDS - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO
SOCIOECONÔMICO**

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO
SOCIOECONÔMICO - PPGDS**

FERNANDO DEBRIDA MARTINS

**TRABALHADORES DAS INDÚSTRIAS METALÚRGICAS, MECÂNICAS E
MATERIAL ELÉTRICO DO SUL CATARINENSE (1979-2018)**

CRICIÚMA

2022

FERNANDO DEBRIDA MARTINS

**TRABALHADORES DAS INDÚSTRIAS METALÚRGICAS, MECÂNICAS E
MATERIAL ELÉTRICO DO SUL CATARINENSE (1979-2018)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Socioeconômico da Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Socioeconômico.

Orientador: Prof. Dr. João Henrique Zanellato
Coorientador: Prof. Dr. Rafael Rodrigo Muller

CRICIÚMA

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

M386t Martins, Fernando Debrida.

Trabalhadores das indústrias metalúrgicas,
mecânicas e material elétrico do Sul Catarinense
(1979-2018) / Fernando Debrida Martins. - 2022.
90 p. : il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade do Extremo
Sul Catarinense, Programa de Pós-Graduação em
Desenvolvimento Socioeconômico, Criciúma, 2022.

Orientação: João Henrique Zanelatto.

Coorientação: Rafael Rodrigo Muller.

1. Metalúrgicos - Santa Catarina, Região Sul. 2.
Trabalhadores do ferro e do aço - Santa Catarina,
Região Sul. 3. Indústrias metalúrgicas - Santa
Catarina, Região Sul. 4. Sindicato dos
Trabalhadores Metalúrgicos de Criciúma e Região. I.
Título.

CDD 23. ed. 331.88098164

Bibliotecária Eliziane de Lucca Alosilla - CRB 14/1101
Biblioteca Central Prof. Eurico Back - UNESC

FERNANDO DEBRIDA MARTINS

**TRABALHADORES DAS INDÚSTRIAS METALÚRGICAS,
MECÂNICAS E MATERIAL ELÉTRICO DO SUL
CATARINENSE (1979-2016)**

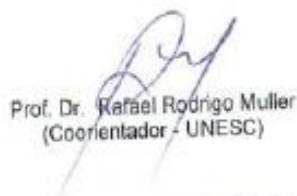
Esta dissertação foi julgada e aprovada para obtenção do Grau de Mestre em Desenvolvimento Socioeconômico no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Socioeconômico da Universidade do Extremo Sul Catarinense.

Criciúma, 10 de novembro de 2021.

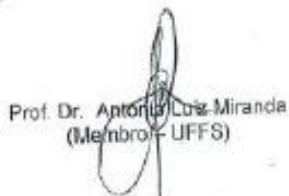
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. João Henrique Zanelatto
(Presidente e Orientador - UNESC)



Prof. Dr. Rafael Rodrigo Muller
(Coorientador - UNESC)



Prof. Dr. Antonio Luiz Miranda
(Membro - UFFS)



Prof. Dr. Reginaldo de Souza Vieira
(Membro - UNESC)



Fernando Debrida Martins
(Discente)



Prof. Dr. Dimas de Oliveira Estevam
Coordenador Adjunto do PPGDS - UNESC

Dedico este trabalho ao meu filho Augusto
Marcos Martins.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador o professor Dr. João Henrique Zanelatto.

Ao professor Dr. Antônio Luiz Miranda.

Ao professor Dr. Rafael Rodrigo Muller.

Ao professor Dr. Reginaldo de Souza Vieira.

Ao Professor Dr. Alcides Goulart Filho.

E ao Max Vergílio.

Os Sindicatos continuam sendo um dos principais – senão o principal- movimento social existente em nosso país, seja pelo número de trabalhadores aí organizados, seja pelo seu potencial de atuação e força política de intervenção na realidade.

José Maria de Almeida

RESUMO

O objetivo desta dissertação foi analisar o surgimento e crescimento da indústria metal mecânica e de material elétrico de Criciúma e região. Assim como o perfil dos trabalhadores do setor, a fundação e organização do Sindicato dos Metalúrgicos e as lutas dos trabalhadores por melhores salários e condições de trabalho. Percebemos que o setor surge e se desenvolve em função da diversificação econômica que ocorre em nossa região a partir da crise do carvão. Esta crise faz com que os empreendedores locais busquem alternativas e comecem a empreender em novos ramos entre eles o metalúrgico. Com as indústrias forma-se uma classe de trabalhadores e com estes trabalhadores surge a necessidade da organização. Dessa necessidade de organização é fundado na década de 1960 o SINMETAL – Sindicato dos metalúrgicos de Criciúma e região. O Sindicato foi fundado num período difícil de nossa história, a ditadura civil-militar de 1964. Por quinze longos anos Sindicato fica de mãos atadas, não há greves, não há reivindicações. Porém, no final dos anos 1970 uma onda de greves que começa no ABC paulista se espalha pelo país e chega até Criciúma. Essa onda de greves faz ressurgir o sindicalismo combativo que perdura até nossos dias. Mesmo com os ataques sofridos pelo avanço do neoliberalismo dos governos Fernando Collor de Mello e Fernando Henrique Cardoso o sindicalismo brasileiro se mantém firme na defesa da classe trabalhadora.

ABSTRACT

The objective of this dissertation was to analyze the emergence and growth of the metal mechanic and electrical material industry in Criciúma and region. As well as the profile of workers in the sector, the founding, and organization of the Metalworkers Union and the struggles of workers for better wages and working conditions. We realize that the sector arises and develops as a result of the economic diversification that has taken place in our region since the coal crisis. This crisis makes local entrepreneurs look for alternatives and start to undertake in new fields, including metallurgical. With industries, a class of workers is formed and with these workers, the need for organization arises. From this need for organization, SINMETAL – Metalworkers Union of Criciúma and region was founded in the 1960s. The Union was founded in a difficult period of our history, the civil-military dictatorship of 1964. For fifteen long years, the Union's hands are tied, there are no strikes, there are no demands. However, at the end of the 1970s, a wave of strikes that began in the ABC region of São Paulo spread across the country and reached Criciúma. This wave of strikes revived the combative unionism that persists to this day. Even with the attacks suffered by the advance of neoliberalism of the Fernando Collor de Mello and Fernando Henrique Cardoso governments, Brazilian unionism remains firm in the defense of the working class.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Quantidade de metalúrgicas por ano no período (1985-2018)	36
Tabela 2 – Quantidade de trabalhadores por ano de 1985 até 2018	40
Tabela 3 – Quantidade de trabalhadores por gênero entre os anos de (1985-2018).....	43
Tabela 4 – Vínculos formais de trabalho no setor de metalurgia por porte do estabelecimento [1985-2019]	47
Tabela 5 – Quantidade de trabalhadores por região do estado de Santa Catarina.....	48
Tabela 6 – Vínculos formais de trabalho no setor de metalurgia por faixa-etária [1985-2019]	49
Tabela 7 – Vínculos formais de trabalho no setor de metalurgia por nível de escolaridade [1985-2019].....	51
Tabela 8 – Vínculos formais de trabalho no setor de metalurgia por sexo [1985-2019]	53
Tabela 9 – Vínculos formais de trabalho no setor de metalurgia por nacionalidade [1985-2019]	55
Tabela 10 – Vínculos formais de trabalho no setor de metalurgia por nacionalidade brasileira [1985-2019]	56
Tabela 11 – Vínculos formais de trabalho no setor de metalurgia por faixa de horas contratuais semanais [1985-2019]	57
Tabela 12 – Vínculos formais de trabalho no setor metalurgia por faixa de remuneração em dezembro em salários mínimos [1985-2019]	58
Tabela 13 – Vínculos formais de trabalho no setor de metalurgia por faixa de tempo de emprego [1985-2019]	60
Tabela 14 – Vínculos formais de trabalho no setor de metalurgia por natureza jurídica especial [1985-2019]	61
Tabela 15 – Vínculos formais de trabalho no setor de metalurgia por natureza jurídica [1985-2019].....	62

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- SICAL – Siderúrgica Catarinense Limitada
- MECRIL – Metalúrgica Criciumense Limitada
- SIDESA – Siderúrgica Criciumense Sociedade Anônima
- ICON – Industrial Conventos Sociedade Anônima
- SINMETAL – Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas Metal mecânicas e de Material Elétrico de Criciúma e região
- SINDIMETAL – Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Criciúma
- CUT- Central Única dos Trabalhadores
- CSN – Companhia Siderúrgica Nacional
- SINDIMAQ – Sindicato das Indústrias de Máquinas e equipamentos
- SIMEC – Sindicato das Indústrias Metalúrgicas de Caravaggio
- BRAMETAL – Metalúrgica Brandão Limitada
- INO – Metalúrgica Manoel Inocêncio
- SPIIROD – Spillere Indústria de Componentes Rodoviários
- MDS – Metalúrgica Dovílio Spillere
- MERCOSUL – Mercado Comum do Sul
- SINDREPA – Sindicato Reparação de Veículos
- RAIS – Relação Anual de Informações Anuais
- PEA – População Economicamente Ativa
- DIEESE – Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos
- MTE – Ministério do Trabalho e Emprego
- PT – Partido dos Trabalhadores

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 O CRESCIMENTO DA INDÚSTRIA METALÚRGICA E A CONSTITUIÇÃO DA MÃO DE OBRA NO SETOR.....	26
1.1 O SURGIMENTO, O CRESCIMENTO E A EXPANSÃO DA INDÚSTRIA METALÚRGICA NA REGIÃO CARBONÍFERA.....	27
1.2 A ORGANIZAÇÃO DAS EMPRESAS: OS PATRÕES E SEUS SINDICATOS	29
1.3 ALGUMAS DAS PRINCIPAIS EMPRESAS DO SETOR METAL MECÂNICO.	30
1.3.1 Empresas filiadas ao Sindimetal Criciúma	30
1.3.2 Empresas filiadas ao Simec Caravaggio.....	33
1.4 A MÃO DE OBRA DO SETOR METAL MECÂNICO E A DE MATERIAL ELÉTRICO EM CRICIÚMA E NA REGIÃO	37
1.5 A PRESENÇA DA MÃO DE OBRA FEMININA NO SETOR METAL MECÂNICO E DE MATERIAL ELÉTRICO DE CRICIÚMA E REGIÃO	42
2 O PERFIL DOS TRABALHADORES DAS INDÚSTRIAS METALÚRGICAS MECÂNICAS E DE MATERIAL ELÉTRICO DE CRICIÚMA E REGIÃO	46
3 AS LUTAS DOS TRABALHADORES METALÚRGICOS, SUAS CONQUISTAS E SEUS REVESES	64
3.1 PRIMEIRA FASE: O SINDICATO NO CONTEXTO DA GUERRA FRIA E DA DITADURA CIVIL-MILITAR - 1962 – 1979	65
3.2 SEGUNDA FASE: DAS LUTAS E DAS CONQUISTAS EM ÂMBITO NACIONAL E LOCAL AO AVANÇO NEOLIBERAL: 1979 - 2002	68
3.3 TERCEIRA FASE: DO PRAGMATISMO NAS LUTAS DOS TRABALHADORES À REFORMA TRABALHISTA: 2002 – 2018	78
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	86
REFERÊNCIAS	89

INTRODUÇÃO

Este trabalho abordou a trajetória do Sindicato dos Trabalhadores nas indústrias metalúrgicas, mecânicas e de material elétrico de Criciúma e região, com suas lutas, conquistas e reveses. Apontou ainda para o perfil dos trabalhadores deste setor. Abordou o surgimento e o crescimento do setor na região, o qual de acordo com os pesquisadores se deu a partir da década de 1950 com a diversificação econômica que se observou na região carbonífera a partir de então. Diversificação essa que foi alavancada, inicialmente, pelo setor cerâmico, setor que passou a ser uma alternativa dos empresários locais diante da chamada “crise do carvão”, já analisada por outros autores, como Maurício Aurélio dos Santos, no livro *Crescimento e crise na região sul de Santa Catarina*, onde afirma: “A indústria metalúrgica é outro setor nesse universo, que teve início no final da década de 50, com a criação da Mecril, pela família Búrigo”. (SANTOS, 1997, p.100). Segundo o autor, a partir desse período, dezenas de empresas pequenas e médias surgiram para atender à procura de peças, de equipamentos e de componentes, tanto pela mineração quanto pela recente indústria cerâmica.

Como observamos acima, a diversificação econômica da região foi impulsionada pela indústria cerâmica, que, logo, fez surgir também outros setores além do metal mecânico, nosso principal assunto neste trabalho, como o setor de vestuário, o de plásticos, o setor químico, o de calçados, que também alavancaram os setores de comércio e o de serviços já existentes – que começam a se ampliar. De acordo com Santos (1997), a “diversificação da Região Carbonífera, inaugurada pela Indústria Cerâmica, é mais forte na cidade de Criciúma, mas logo se espalha por outros municípios”. Com o tempo, ela atinge todas as cidades da região, tornando-se, atualmente, um polo bem desenvolvido, exportando seus produtos para várias regiões do país e até para outros países.

Fazendo um parêntese, queremos apresentar a cidade. Criciúma é uma cidade do sul de Santa Catarina que foi oficialmente colonizada por imigrantes italianos no final do século XIX e, posteriormente, foi sendo ocupada por imigrantes vindos de diversos outros países e de regiões do próprio Brasil, principalmente com o advento da descoberta do carvão. Comemora sua data oficial de fundação em 6 de janeiro. Junto com o colonizador, veio seu modo de vida, seus costumes, sua cultura, sua tradição; entretanto, é preciso lembrar que a cidade e a região onde hoje vivemos já era habitada antes da chegada do imigrante europeu, por indígenas, assim como todo o território de nosso país. No entanto, a cultura indígena era bem diferente da europeia, pois não havia produção de excedente, muito menos comércio. Os povos indígenas viviam da caça e da pesca, da coleta de frutos, grãos e raízes; viviam integrados à natureza e

não a destruíam. Essas populações foram praticamente extintas em função da ocupação europeia, a qual provocou o assassinato desses povos e propagou doenças que acabaram com a quase totalidade desses indígenas.

Porém, o que se pretende neste trabalho está relacionado à história proveniente dos acontecimentos advindos da chegada do imigrante europeu e a sua forma de vida, sua cultura, sua economia, seus costumes. Não podemos esquecer, no entanto, que o estado de Santa Catarina e a região litorânea já era habitada por açorianos, lusos, negros desde o século XVIII, com a fundação de Laguna, que, junto a Tubarão e Araranguá, já eram as principais cidades da região até a década de 1940.

A economia da cidade, então, começa nos moldes europeus, com a agricultura e a pecuária. Aqui chegados, os primeiros europeus precisavam se alimentar e, desta forma, foi necessário plantar e criar animais. Como já foi dito, os imigrantes trouxeram sua forma de vida da Europa, porém, a economia da cidade e da região acabou sendo alavancada, mesmo, a partir da descoberta do carvão, que se deu por volta do final do século XIX, o que provocou a transformação da cidade em definitivo. Segundo Santos, “a extração e beneficiamento do carvão configuram-se, desde o início do século XX, como atividades econômicas primordiais no Sul de Santa Catarina”, em se referindo ao século XX. Em suas propriedades, colonos se depararam com o carvão mineral e viram o fato como uma fonte de renda a ser explorada.

Portanto, foi no início do século XX que esta riqueza mineral foi efetivamente sendo explorada e comercializada, quando a população de Criciúma e da região começa a crescer significativamente. A migração da população de outras regiões do Estado cresce bastante, porque a região começa a oferecer empregos para muita gente. A partir das primeiras décadas do século XX, com a chegada de um elevado número de trabalhadores, começa a se formar, por assim dizer, uma classe trabalhadora, constituída por mineiros, que vai paulatinamente movimentando a história da cidade e da região.

A diversificação da economia começa, por volta das décadas de 1950 e 1960, com o surgimento, ou, pelo menos, com o aumento e o incremento da indústria metalúrgica na cidade e na região. Segundo Goularti Filho (2016, p.147):

Muitas metalúrgicas da região que surgiram nos anos 1950 e 1960 para atender as minas ou a agricultura ainda estão em atividade e tiveram origem em pequenas oficinas ou no comércio. A metalúrgica mais antiga da região é a metalúrgica Spillere, em Nova Veneza, fundada em 1946, que começou suas atividades funcionando com uma caldeira a vapor produzindo implementos agrícolas a tração animal. A segunda mais antiga é a Metalúrgica Criciúma Ltda. (Mecril), que começou em 1958 fabricando ferramentas agrícolas; em 1969, diversificou a produção produzindo ferramentas galvanizadas para a rede de distribuição de energia elétrica. Em 1960, nasceu a siderúrgica Criciúma Ltda. (Sidesa), para atender o ramo da construção civil,

porém, em seguida, voltou-se para o complexo carbonífero e para a indústria cerâmica. Em 1962, foi fundada a Becker, que iniciou produzindo carrocerias para a Jeep e, em seguida, ampliou para a produção de caçambas basculantes.

Uma das metalúrgicas de maior longevidade na região, de acordo com Goularti Filho, é a metalúrgica Spillere, localizada na cidade de Nova Veneza, fundada em 1946; posteriormente, foram fundadas outras metalúrgicas, como a Metalúrgica Criciúma Ltda – Mecril, fundada em 1958, seguida, em 1960, da Siderúrgica Criciumense SA - Sidesa. Em 1962, é fundada a Becker (hoje extinta), e assim por diante a metalurgia de Criciúma e da região foi-se ampliando. Em 1972, por iniciativa do grupo Freitas, é fundada a Industrial Conventos, hoje denominada *Icon*. Em 1970, também já havia sido fundada a Siderúrgica Catarinense Ltda - Sical. E, assim, respectivamente vai se formando uma indústria metalúrgica significativa na região. Hoje, são mais de uma centena de empresas que compõem o setor, entre médias, grandes e pequenas.

Com o crescimento e expansão das empresas, cresceu também a necessidade de ampliação da força de trabalho para o desenvolvimento das atividades do setor. A classe de trabalhadores metalúrgicos compreende, na região, desde trabalhadores de pequenas empresas mecânicas até trabalhadores de grandes indústrias exportadoras. O setor gera emprego e renda para centenas de trabalhadores e suas famílias. No entanto, também gera o conflito *capital x trabalho*. Como em toda economia capitalista, junto com o crescimento da indústria e do emprego, aparecem os conflitos inerentes ao sistema. Com a classe trabalhadora, surgem os problemas de sobrevivência, a exploração da mão de obra que gera a luta por melhores salários, por melhores condições de trabalho e vida, entre outras questões.

Acreditamos que nossa pesquisa se justifica pela relevância socioeconômica do setor metal mecânico em Criciúma e região, sua contribuição para o crescimento da oferta de emprego e de renda para a população, uma vez que se trata de um movimento de absorção da mão de obra ociosa deixada pela queda da produção do carvão, na chamada “crise do carvão”, já estudada por alguns outros pesquisadores. Nossa pesquisa está voltada, principalmente, para as lutas, as greves, as conquistas, as derrotas da classe trabalhadora da cidade e da região, que não tem tido a devida atenção de historiadores e pesquisadores.

O setor historicamente emprega um grande número de trabalhadores que tiram dele o seu sustento e o de suas famílias, o que contribui para a criação de seus filhos, para o seu lazer, o seu consumo, os estudos próprios e dos seus filhos, entre outras questões. No entanto, o capitalismo é um sistema de interesses antagônicos entre patrões e empregados, em que, quanto menor os salários, maior é o lucro dos empregadores, e, a exemplo de todos os países capitalistas no mundo, os trabalhadores de Criciúma e da região também foram se organizando. Fundaram

e construíram seu sindicato e, ao longo dos anos, muitas vezes tiveram que entrar em embates com o capital, com os empresários e fizeram greves, paralisações, reivindicações, a fim de lutar por seus direitos.

Também há uma justificativa por motivação pessoal, posto que é apaixonante estudar a trajetória da classe trabalhadora. É ela que produz a riqueza do mundo. Nós, nascidos dentro da classe trabalhadora, devemos nos orgulhar de nossa condição de produtores de riqueza. A identificação, há muito tempo com os trabalhadores deste setor, por ter vivido e crescido entre algumas empresas metalúrgicas do bairro em que vivi minha infância também é uma questão pessoal importante, já desde sempre percebi que essa categoria sempre foi combativa. No ABC paulista, e em Criciúma e região a categoria enfrentou até mesmo o período sombrio da Ditadura Civil Militar, quando a contestação da classe era punida com prisões e com repressão explícita dos movimentos e das greves. Portanto, nossa atenção como pesquisador pertencente à classe trabalhadora é a de dar visibilidade histórica, social, econômica para os trabalhadores deste setor, que tem uma atenção razoável em nível nacional, porém, em nível local e regional, isso não acontece. Suas histórias e suas lutas não podem cair no esquecimento - tem que ser pesquisadas e valorizadas.

Consideramos que a região foi/é carente em pesquisas sobre a classe operária e seus sindicatos, suas associações de classe, suas lutas, suas angústias, talvez, exceto, no setor do carvão, mas isso se verifica em diversos setores da nossa economia, inclusive no metalúrgico, no comércio, na indústria química e de plásticos e muitas outras. De acordo com nosso levantamento bibliográfico, foram encontrados alguns estudos sobre os trabalhadores metalúrgicos na região. O primeiro que encontramos foi o livro intitulado “O operário e o padre: História da criação do Sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos de Criciúma e região – SINMETAL”, escrito pelo memorialista Sebastião Tavares Pereira. Percebemos, claramente com a leitura desse livro, que o autor é filho do fundador do Sindicato, o senhor Raul Clemente Pereira. A obra é praticamente toda baseada nas recordações de Sebastião; quando era criança, quando conviveu com seu pai durante o período de fundação e de organização do Sindicato na década de 1960. O fato curioso que é apontado pelo autor é o caso de o Sindicato ter sido fundado com o auxílio de um padre. Na época, vivíamos o período da história chamado de Guerra Fria, a Igreja Católica de então e as elites burguesas nacionais e internacionais temiam o avanço do comunismo, por isso a presença do padre Hélio Simas auxiliando na fundação do sindicato. A principal tarefa do padre na época era divulgar a encíclica papal *MATER ET MAGISTRA*, que defendia a participação dos trabalhadores em suas lutas, porém, advogava em defesa do catolicismo. Segundo Pereira (2012, p. 30-31).

Em 28 de julho de 1965, no 16 mês de vigência do movimento revolucionário de 1964, o padre Hélio José de Simas encontrava-se em Criciúma, no Estado de Santa Catarina, no Sul do Brasil, participando do evento de transformação da Associação Profissional em Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e do Material Elétrico da Zona Sul do Estado de Santa Catarina, Sinmetal, conforme a sigla atualmente utilizada. Veio de Porto Alegre, no Rio grande do Sul, especialmente para assistir à solenidade de entrega da Carta Sindical. Não foi chamado para compor a mesa dos trabalhos, ao contrário do que deveria ocorrer. Não se pode considerar uma gafe do amigo sindicalista Raul Clemente Pereira. Certamente solicitou para não ir a mesa, onde se juntavam membros do clero, sindicalistas, o deputado federal e minerador Diomício Freitas e outras autoridades.

O padre Hélio Simas, por ocasião da fundação do Sindicato, coordenava cursos de sindicalismo que eram ministrados por professores, advogados, juízes, delegados, ou seja, profissionais com conhecimentos nas áreas necessárias para a formação dos sindicalistas, porém, a preocupação maior era a de formar sindicalistas cristãos, que não se envolvessem com as ideias marxistas, principalmente pela questão do ateísmo dessas ideias e pela extinção da propriedade privada, também pregada por essas ideias. Enfim, havia uma grande preocupação pela conciliação de classes nas intenções do padre.

Outra fonte bibliográfica existente constatada em nossas pesquisas foi a tese do professor da UFFS- Universidade Federal da Fronteira Sul, Antônio Luiz Miranda, defendida na Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC em 2013, que, apesar de não ser especificamente sobre o movimento sindical dos metalúrgicos, dá subsídios para nos guiar em nossa pesquisa. *Trajetórias e Experiências do Movimento Operário Sindical de Criciúma – SC: Da Ditadura Militar a Nova República (1964-1990)* faz um apanhado do movimento operário e sindical na região em várias categorias, passando pelos mineiros, pelos ceramistas, pelos metalúrgicos, pelos, vestuaristas e, pelos calçadistas.

Especificamente sobre o movimento dos metalúrgicos, dedicou uma subseção intitulada “Nós somos metalúrgicos! Iguais aos do ABC”, em que nos conta sobre a onda de greves que começou em 1979 com os metalúrgicos. De acordo com Miranda, uma série de greves e de protestos abalou as estruturas de Criciúma em setembro daquele ano. Vivíamos o período em que o governo militar vinha perdendo força e credibilidade, tanto na região como em todo Brasil, era o período da Anistia. A repressão já não era tão constante e a situação da classe operária de Criciúma e da região era lamentável. Havia empresas metalúrgicas que controlavam até mesmo o horário e a frequência de ida dos empregados ao banheiro. Sem contar, evidentemente, com o arrocho salarial da categoria, que vinha de muito tempo sem reajuste. Conforme Miranda (2013, pp. 26 e 27):

Essa categoria vinha num processo de mobilização e reivindicação há pelo menos dois meses. Existia uma disparidade muito grande entre a proposta de reajuste salarial apresentada pelos empresários e a reivindicada pela categoria. Enquanto os

empresários ofereciam 30% a título de antecipação do dissídio, que estava marcado para março do ano seguinte, os metalúrgicos reivindicavam 60%, sendo 30% de reajuste imediato e 30% como antecipação.

Podemos perceber, nas palavras de Miranda (2013), uma forte mobilização reivindicatória da categoria, que, na época, se espalhava desde o ABC paulista e que chegava em Criciúma com a mesma força e intensidade. Trabalhadores unidos por seus direitos enfrentavam empresários e o governo, mesmo em tempos de ditadura. Miranda considera essa a maior mobilização dos metalúrgicos em Criciúma desde a fundação do Sindicato. De acordo com ele, a greve ocorrida naquela época surgiu da base, pois não foi decidida em assembleia. A categoria, indignada, passou por cima do Sindicato. Segundo Miranda, a reação dos empresários foi a pior possível, pois se recusavam a dar qualquer tipo de aumento. O empresário Guido Búrigo, presidente de um Sindicato patronal na época, se mostrava irredutível. Em suas declarações aos jornais, afirmava que as empresas não tinham como pagar o aumento e que eles já tinham ganho tudo o que as empresas podiam pagar. Os metalúrgicos, como elo mais frágil das negociações na relação *capital x trabalho*, não sabiam o que iria acontecer, porém, a situação era grave e os trabalhadores também estavam irredutíveis. Enfim, segundo Miranda, a situação se alastrou e acabou se generalizando, com a participação, na sequência, de mineiros, de ceramistas e de outras categorias.

Também encontramos um artigo científico de autoria de Zanelatto e França, cujo estudo fez parte do desenvolvimento de uma pesquisa que foi encomendada pelo próprio Sindicato para averiguar o perfil dos trabalhadores do setor; a intenção era fazer uma radiografia do perfil desses trabalhadores, com relação a “nível de formação, de idade dos trabalhadores, de tempo de profissão e de empresa, o padrão de vida dos profissionais e as formações familiares” (ZANELATTO e FRANÇA, 2016, p.115). Segundo os autores, o artigo foi o fechamento de uma pesquisa quantitativa realizada por meio de entrevistas aplicadas com os trabalhadores.

Para o embasamento da pesquisa no que diz respeito à história da economia de Criciúma, da região e de todo estado de Santa Catarina no período pesquisado, foi utilizado o importante trabalho bibliográfico do professor do curso de economia da UNESC, Alcides Goularti Filho, *Formação Econômica de Santa Catarina*, porque acreditamos ser, hoje, uma das principais obras publicadas para entendermos a economia do estado desde a fundação das primeiras cidades, como São Francisco do Sul, Santo Antônio dos Anjos de Laguna (atual Laguna) e Desterro (atual Florianópolis), passando pelas primeiras atividades agrícolas e pecuárias, as primeiras atividades extrativistas da madeira, da erva-mate, em algumas regiões do estado, e do carvão, na região sul, até a industrialização atual das indústrias têxteis, metalúrgicas, cerâmicas,

calçadistas, e do setor de alimentos no oeste catarinense, e assim por diante. O livro de Alcides Goularti Filho é o resultado de sua tese de doutorado que o autor defendeu na Unicamp e é de um peso acadêmico muito relevante, conforme o que segue (2016, p. 32 - 33):

Para chegar à redação final do texto, literalmente percorri um longo caminho. Foram feitas viagens pelo estado, passando por todas as mesorregiões. No planalto serrano, estive em Lages, Otacílio Costa e Correia Pinto; no Alto Vale do Rio do Peixe, Caçador e Videira; no planalto norte, Canoinhas, Três Barras, Mafra, Rio Negrinho e São Bento do Sul; no Vale do Itajaí, Blumenau, Brusque e Itajaí; no Norte, Joinville e Jaraguá do Sul; no Oeste, Chapecó, Itá, Seara, Concórdia e Joaçaba; e no sul do estado, Criciúma, Araranguá, Içara, Tubarão, Cocal do Sul, Urussanga, Imbituba e Capivari de Baixo. Ao todo foram 28 municípios, sem contar as inúmeras viagens para Florianópolis. Fiz pesquisas em 47 bibliotecas do estado: 18 bibliotecas universitárias, cinco arquivos históricos, quatro centros de memória, 15 institucionais, seis municipais, duas privadas e o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. Também recorri às fontes orais para a construção do texto, com 83 entrevistas. Destas entrevistas, 33 foram feitas em empresas localizadas em todo o território catarinense, nos diversos ramos industriais, das quais em doze tive a oportunidade de conhecer o processo produtivo.

Seu livro foi uma tentativa de compreender a história da economia de Santa Catarina em uma perspectiva marxista. Estuda a economia catarinense em sua totalidade, desde os primórdios, com a chegada dos primeiros açorianos no litoral, passando pela leva de imigrantes italianos, alemães, poloneses, que começaram a chegar a partir do final do século XIX. Estuda as primeiras atividades extrativistas do carvão, da erva-mate, da madeira, passa pelas atividades agropecuárias dos primeiros habitantes europeus do nosso estado e relaciona essas atividades com a futura industrialização, que foi por elas impulsionada.

Como podemos perceber, com a leitura do livro, Goularti Filho não se debruça especificamente sobre a evolução da indústria metalúrgica na região, mas nos dá indícios para percebermos o crescimento que ocorreu no setor a partir da década de 1960. É possível verificar que a indústria cerâmica e a extração de carvão já existentes são o impulso para o nascimento da indústria metal mecânica. Alguns grupos empresariais, que já trabalhavam na área de extração de carvão e de cerâmica, passam a pensar na necessidade de produzir suas próprias máquinas e implementos para satisfazer suas próprias necessidades, sem o intermédio de terceiros. É o que fazem muitos empresários, como é o caso do Grupo Freitas. Outras iniciativas surgem de outros empreendedores, incentivados pelo mercado consumidor nascente para produtos metal mecânicos e metalúrgicos na região.

A indústria metalúrgica foi se constituindo paralelamente à indústria carbonífera e cerâmica, sendo que, à medida que ocorria a expansão da exploração do carvão e do setor cerâmico, o setor metalúrgico também ia se expandindo. Posteriormente, o setor foi se ampliando e, na atualidade, está constituído por grandes, pequenas e médias empresas. Diante

disso, as questões norteadoras da pesquisa foram as seguintes: *Como se processou a organização sindical no setor metalúrgico, mecânico e material elétrico em Criciúma e região? Como se processaram suas lutas, suas mobilizações, suas greves, suas conquistas e conflitos internos?*

Assim, nosso objetivo central foi analisar a organização sindical dos trabalhadores (suas lutas por direitos, seu perfil) no setor metalúrgico, metal mecânico e material elétrico do município de Criciúma e da região no período de 1979 a 2019. Além disso, buscamos, ainda: a) contextualizar o crescimento da indústria metalúrgica em Criciúma e região; b) destacar o processo de organização dos trabalhadores da indústria metalúrgica com atenção para a constituição da associação em 1962 e na fundação do Sindicato em 1964; c) evidenciar as lutas, as mobilizações, as greves, as conquistas, os reveses, os conflitos internos ocorridos no período; d) destacar como se processavam as relações com outros sindicatos e centrais sindicais; e) identificar o perfil dos trabalhadores da indústria metalúrgica da região nos aspectos de escolaridade, de sexo, de idade, de tempo de serviço, de renda e de rotatividade da mão de obra no setor; presença de trabalhadores migrantes e imigrantes na região.

Dentre as categorias de análise que foram utilizadas está a categoria de “experiência” de Thompson, posto que ele faz uma crítica ao estruturalismo de Althusser. De acordo com Vendramini (2006 p.126), “o estruturalismo marxista caracteriza-se por compreender a reprodução e a produção no sentido restrito e exclusivo de ‘práticas econômicas de produção’”. No entanto, Thompson defende que a classe trabalhadora possui suas vivências e as pessoas vivenciam e experimentam seu cotidiano e seu dia a dia; como elas pensam as relações e como as transformam provoca mudanças, o que é reforçado pela cultura dos modos de vida, pelas visões de mundo, pelos valores e ideologias, pelos sentimentos e crenças. Não são apenas os cientistas, os filósofos e os acadêmicos que desenvolvem e possuem conhecimento; todos possuem e desenvolvem conhecimento constantemente. De acordo com Thompson (1981, p.15), “*experiência* – uma categoria que, por mais imperfeita que seja, é indispensável ao historiador, já que compreende a resposta mental e emocional, seja de um indivíduo ou de um grupo social, a muitos acontecimentos inter-relacionados ou a muitas repetições do mesmo tipo de acontecimento”. E é a partir da experiência que as pessoas agem, mobilizam-se em vários espaços, institucionalizados ou não, agem individual e coletivamente.

Outra categoria de análise é a categoria *trabalho*, de Ricardo Antunes, que analisa as transformações ocorridas no mundo do trabalho, principalmente a partir da década de 1980. Com a implantação, no pós-guerra, do modelo Toyotista de produção, baseado na automação e na utilização cada vez maior de robôs no processo de produção, ocorre uma significava

diminuição do contingente de trabalhadores - essa tendência, que surge no Japão, tem se espalhado pelo mundo. De acordo com Antunes (2015, p. 73),

Há, portanto, mutações no universo da classe trabalhadora, que varia de ramo para ramo, de setor para setor etc. desqualificou-se em vários ramos, diminuiu em outros, como no mineiro, metalúrgico e construção naval, praticamente desapareceu em setores que foram que foram inteiramente informatizados, como nos gráficos, e requalificou-se em outros, como na siderurgia, onde se pode presenciar “ a formação de um segmento particular de ‘operários-técnicos’ de alta responsabilidade , portadores de características profissionais e referências culturais sensivelmente diversas do restante do pessoal operário. Eles se encontram, por exemplo, nos postos de coordenação nas cabines de operação a nível de altos-fornos, aciaria, vaza contínua...Observa-se fenômeno similar na indústria automobilística, com a criação dos ‘coordenadores-técnicos’ encarregados de assegurar os reparos e a manutenção de instalações altamente automatizadas, assistidos por profissionais de nível inferior e de especialidades diferentes”

Essa automação e essa robotização do processo produtivo nas grandes indústrias têm causado um desemprego estrutural e empurrado a classe trabalhadora para a informalidade e o setor de serviços - trabalhos temporários, parciais, subcontratados, terceirizados. Os trabalhadores que são jogados na economia informal têm aumentado enormemente, “enfim, a este enorme contingente que chega até a faixa de 50% da população trabalhadora dos países avançados, quando nele se incluem também os desempregados, que alguns chamam de *proletariado pós-industrial* e que preferimos denominar de *subproletariado* moderno.”

Segundo Antunes, esse fenômeno afeta também o movimento sindical, causando uma crise sem precedentes na luta da classe trabalhadora, que não se observava desde o início da Revolução Industrial. Para Antunes, há uma tendência mundial para a dessindicalização. As décadas de 1980/1990 observaram um número decrescente de trabalhadores sindicalizados. “Na Espanha, França, Grã-Bretanha, Países Baixos e, em menor medida, na Itália, Irlanda, Grécia e Portugal, houve forte queda nas taxas de sindicalização” (Antunes, 2015, p. 81). No entanto, Antunes continua defendendo a centralidade do trabalho, pois, de acordo com ele, só o trabalho humano concreto ou abstrato é capaz de produzir valor às mercadorias, tanto valor de uso como valor de troca. Antunes coloca que (2015, p. 95):

Ao contrário daqueles autores que defendem a perda da centralidade da categoria *trabalho* na sociedade contemporânea, as tendências em curso, quer em direção a uma maior intelectualização do trabalho fabril ou ao incremento do trabalho qualificado, quer em direção à desqualificação ou à subproletarização, não permitem concluir pela perda desta centralidade no universo de uma *sociedade produtora de mercadorias*. Ainda que presenciando uma redução quantitativa (com repercussões qualitativas) no mundo produtivo, o *trabalho abstrato* cumpre o papel decisivo na criação de valores de troca. As mercadorias geradas no mundo do capital resultam da atividade (manual e/ ou intelectual) que decorre do trabalho humano em interação com os meios de produção. A “diminuição do fator subjetivo do processo de trabalho em relação aos seus fatores objetivos” ou “o aumento crescente do capital constante em relação à variável” reduz relativamente, mas não elimina, o papel do trabalho coletivo na produção de valores de troca (Marx, 1975, p. 723-724). Os produtos criados pela

Toyota, Benetton ou Volvo, por exemplo, não são outra coisa senão *mercadoria* que resultam da interação da interação entre *trabalho vivo* e *trabalho morto*, capital variável e capital constante.

Assim, entramos na nossa próxima categoria de análise, que é a categoria *sindicalismo*, de Armado Boito Jr., cuja obra, *O Sindicalismo de Estado no Brasil: uma análise crítica da estrutura sindical*, coloca que o sindicalismo brasileiro, desde a década de 1930, quando foi institucionalizado pelo governo de Getúlio Vargas, tem sido um movimento que faz parte do aparelho de Estado. A estrutura do sindicato brasileiro, de acordo com ele, obedece a uma estrutura imposta pelo Estado. De acordo com Boito Jr., essa estrutura permanece intacta desde a legalização dos sindicatos, em 1930, no início do governo Vargas, até os dias atuais. A necessidade da unicidade sindical, da investidura sindical, com a chamada Carta Sindical, do reconhecimento do estado para o seu funcionamento, tudo isso se mantém intacto desde os primórdios do surgimento do sindicalismo no Brasil até os dias atuais.

Ele afirma que o Brasil passou por várias mudanças políticas e institucionais, ou seja, passamos pela Era Vargas, de 1930 a 1945, depois pelo período de redemocratização, de 1945 a 1964, com os governos Dutra, Vargas, JK, Quadros e Goulart, e a estrutura sindical se manteve a mesma por todos esses anos. Durante o período da Ditadura Militar, de 1964 a 1985, sindicalistas foram presos, expulsos, as diretorias dos sindicatos foram destituídas e substituídas por diretorias indicadas pelos militares e, da mesma forma, a estrutura sindical não se modificou. Voltamos ao período democrático, no qual nos encontramos atualmente, que começa com a eleição de Tancredo Neves pelo colégio eleitoral e o governo de José Sarney, e a estrutura sindical de atrelamento ao Estado permanece. As mudanças, segundo Boito Jr., são superficiais e não mexem nas estruturas mais profundas. De acordo com ele, alguns pesquisadores foram otimistas demais ao acreditar que, com as greves de 1978, no ABC paulista, com a criação da CUT, que nasceu passando por cima da legislação vigente na época, a estrutura sindical teria se alterado, porém, segundo ele, nem com a constituição de 1988 se alterou a estrutura sindical, pois ela continuou intacta, preservou-se a unicidade sindical, a necessidade de reconhecimento do sindicato pelo Estado e a cobrança compulsória do imposto sindical na folha de pagamento dos trabalhadores.

De acordo com Boito Jr., o que mudou foram as situações conjunturais, ou seja, nos períodos democráticos, o Estado não interveio nos sindicatos destituindo direções, prendendo sindicalistas combativos, nomeando direções pelegas e submissas ao governo, e a estrutura sempre permaneceu a mesma. Hoje, estamos vivenciando mais algumas mudanças, como o fim do imposto sindical compulsório, mas, novamente, não podemos dizer que a estrutura sindical

está se alterando. Para Boito Jr., (1991, p. 27), “a investidura sindical, que se consuma na concessão, pelo Estado, da carta de reconhecimento ou carta sindical, é a característica fundamental, e por isso invariante, do sindicato de Estado”. Segundo o autor, essa necessidade de reconhecimento estatal se arrasta desde os primórdios da Era Vargas. De acordo com Boito Jr. (1991, p. 39),

A investidura sindical, a unicidade sindical e as contribuições obrigatórias por força da lei geram um *aparelho sindical* integrado ao Estado e separado dos trabalhadores. Essa separação caracteriza-se pela impossibilidade de os trabalhadores deliberarem sobre questões de organização referentes ao aparelho sindical. Não decidem qual o organismo sindical que os representa, não são responsáveis e não controlam as suas finanças e não podem estabelecer livremente as normas que regem o funcionamento do aparelho sindical. Este é um órgão de direito público, cujas normas de funcionamento são estabelecidas por lei. Tal situação estrutural do aparelho sindical oficial produz uma série de efeitos que, comumente, e de maneira errônea, são tomados pela estrutura que os produz. A destituição de diretorias sindicais pelo Ministério do Trabalho, a tutela das DRT's sobre as eleições sindicais, a imposição de um estatuto padrão, o controle das finanças dos sindicatos, o peleguismo, a ausência de organização sindical nos locais de trabalho, o assistencialismo e a organização fragmentada por categorias profissionais não constituem a estrutura sindical. São, na verdade, efeitos necessários ou contingentes dessa estrutura, isto é, são decorrência da existência de um aparelho sindical cuja representatividade e recursos materiais são uma outorga do Estado.

Podemos perceber, nas palavras do autor, que, salvo algumas mudanças superficiais, como é o caso das contribuições obrigatórias, a tese dele continua atualíssima. A estrutura sindical brasileira, atrelada ao Estado, permanece intacta. Boito Jr. tem razão ao afirmar que, no Brasil, o trabalhador não se identifica com o sindicato como sendo uma instituição que o representa; fica alheio ao processo, não participa das assembleias e não se empenha na organização do próprio sindicato por não se sentir representado. Acredito que devemos acrescentar a falta de politização e de pertencimento de classe que sempre foi um de nossos problemas. No entanto, a questão problemática atualmente não é apenas brasileira, pois é possível notar um fenômeno mundial que vem ocorrendo até entre os países centrais, que é o fenômeno de dessindicalização, porque, de acordo com Antunes (2015, p. 81):

A Europa Ocidental em seu conjunto, excluída a Espanha, Portugal e Grécia, reduziu de 41% em 1980 para 34% em 1989. Incorporando-se àqueles três países acima citados, as taxas seriam ainda menores. Pode-se lembrar, para efeito de comparação, o Japão, cuja taxa caiu de 30% para 25%, no mesmo período, e os Estados Unidos, cuja redução foi de 23% para 16% (Visser, 1993, p.18-19). Na Espanha, França e Grã-Bretanha, Países Baixos e, em menor medida, na Itália, Irlanda, Grécia, e Portugal, houve forte queda nas taxas de sindicalização, bem como uma queda absoluta do número de membros (de que foram exemplos a Espanha, França e Grã-Bretanha). Houve um ligeiro recuo, principalmente na segunda metade década, na Bélgica, Luxemburgo, Alemanha Ocidental, Áustria e Dinamarca. Na Finlândia, Noruega e Suécia o sindicalismo viu aumentar os seus efetivos durante os anos 1980, mas uma mudança também começou a se verificar a partir de 1988 (idem, p.19).

Isto posto, Antunes afirma que, apesar dessa tendência no sentido da dessindicalização, há países que ainda mantêm um alto índice de sindicalização, como é o caso do norte da Europa, principalmente os países nórdicos, como: Finlândia, Noruega e Suécia, coincidentemente os que possuem o menor índice de desigualdade do mundo. Ele afirma que, na Suécia, mais de 80% dos trabalhadores são sindicalizados, o que vai na contramão da tendência mundial.

A princípio para realizarmos a pesquisa, pretendíamos fazer uma série de entrevistas com as pessoas que fizeram parte da história da indústria metalúrgica e do movimento sindical da categoria durante o período pesquisado. Seriam entrevistados sindicalistas e ex-sindicalistas, entre eles ex-presidentes do Sindicato como, Francisco Pedro dos Santos, bem como alguns outros ex-presidentes que já passaram pela direção como: Antônio Carlos Leandro, Oderi Gomes, José Machado, Dorival Sazan, entre outros. Porém, em decorrência da pandemia que assolou o país e o mundo os planos da pesquisa foram modificados. Acreditamos na importância das fontes orais porque as fontes escritas são escassas, e as vezes até mesmo inexistentes. Porém, não foi possível sua realização.

Em conversas com sindicalista também fui informado que muitas lutas do Sindicato não foram registradas pelos sindicalistas ou pelos trabalhadores (de forma escrita) e estas estão na memória dos trabalhadores e sindicalistas. Em conversa com o atual presidente, também fiquei sabendo que o Sindicato também possui poucos registros fotográficos, porque os sindicalistas nunca tiveram este tipo de preocupação, a de registrar os momentos das greves, das paralisações, das assembleias, das negociações com os patrões, o que dificulta sobremaneira a pesquisa.

Portanto, para a realização da presente pesquisa, me utilizei de várias fontes documentais entre estas fontes se encontram fontes primárias e secundárias. Entre as fontes secundárias estão as pesquisas já realizadas e publicadas em livros, dissertações em teses e em artigos científicos. Entre as fontes primárias estão jornais locais, estaduais e nacionais assim como o informativo do próprio Sindicato.

Outra fonte utilizada na escrita da dissertação foram o acesso aos dados pesquisados nos dados obtidos com base em fontes digitais como as informações de *sites* governamentais principalmente o da Relação Anual de Informações Sociais – RAIS, nos *sites* do sindicato dos trabalhadores e dos sindicatos patronais, assim como nos *sites* das próprias empresas. Outra fonte relevante para esse trabalho foi a imprensa local, estadual e nacional com destaque para o informativo do próprio Sindicato o *Zé Ferreiro*, o *Jornal do Metalúrgico*, *Jornal do Sul*, o *Jornal de Santa Catarina* e o jornal *O Estado*.

Por fim, essa dissertação foi estruturada em três capítulos: No primeiro tratamos da diversificação econômica ocorrida em Criciúma e região, que começa por volta dos anos 1940, 1950, com um grande impulso nos anos 1970, e continua em crescimento até os dias de hoje. A economia da região tem sua mola propulsora com a extração do carvão, como já foi bastante estudado na região, e se diversifica com o passar dos anos com a indústria cerâmica, metalúrgica, de plásticos, química, de vestuário e outras.

No segundo capítulo buscamos analisar/traçar o perfil dos trabalhadores do setor com ênfase nos seguintes aspectos: a quantidade de trabalhadores por porte do estabelecimento, a quantidade de trabalhadores por região do estado, a renda pessoal, a faixa de horas contratuais semanais, a escolaridade, a faixa etária, o sexo, a quantidade de mulheres no setor, a raça ou a cor, o tempo de serviço na empresa e na profissão, quantidade de estrangeiros na atividade, a natureza jurídica das empresas em que trabalham.

O terceiro capítulo buscou dar visibilidade para a trajetória de organização das lutas do Sindicato dos trabalhadores no período pesquisado (1962-2018). Começando pela criação da Associação em 1962, que foi transformada em Sindicato em 1965. No capítulo buscamos enfatizar três fases experimentadas pelos trabalhadores do setor e seu Sindicato, as lutas locais e sua relação com os processos de mudanças em âmbito nacional.

1 O CRESCIMENTO DA INDÚSTRIA METALÚRGICA E A CONSTITUIÇÃO DA MÃO DE OBRA NO SETOR

O presente capítulo visa a tratar da expansão da indústria metal mecânica e de material elétrico de Criciúma (ocorrida a partir da década de 1960, por conta de um contexto de diversificação econômica em transcurso na cidade e região) e o crescimento da mão de obra que vai surgindo juntamente com essa atividade industrial, que impulsiona a economia da cidade e da região. Já existe uma produção bastante significativa demonstrando que a economia de Criciúma e da região teve seu grande impulso a partir da extração do carvão. Desde a chegada dos primeiros imigrantes italianos, e até mesmo anteriormente, com a passagem dos tropeiros pela região de Lauro Muller, já se sabia da existência do carvão nesse território.

No entanto, um bom tempo foi necessário para que a exploração do minério fosse efetivamente realizada. Volpato (2001) afirma, em seu livro *Vidas Marcadas Trabalhadores do Carvão*, que o conhecimento sobre a existência das jazidas de carvão já vinha do final do XIX, porém, a exploração em larga escala somente acontece com a construção da Estrada de Ferro Dona Thereza Christina no começo da década de 1920.

A empresa Lage e Irmãos, de propriedade do empresário carioca Henrique Lage, em sociedade com seus irmãos, é apontada pela autora como a primeira a minerar na região. Ela ainda afirma serem eles os primeiros a empreender pesquisas e iniciativas na obtenção das informações necessárias sobre a viabilidade da extração do carvão com a ajuda do Visconde de Barbacena. Informações tais como a qualidade do produto, o mercado consumidor, a infraestrutura de transporte foi conseguidas por meio de pesquisas empreendidas na região com o apoio do Império brasileiro. Segundo Volpato (2001, p. 17).

A exploração do carvão mineral no Brasil começou no Rio Grande do Sul, por iniciativa do Governo daquele Estado. Em Santa Catarina, as primeiras minas foram abertas nas cabeceiras do rio Tubarão, no município de Lauro Muller, no final do século passado. Em Criciúma, a mineração começou timidamente em 1913, quando a firma Lage e Irmãos, empresa pioneira na região, abriu a primeira mina no subsolo do distrito, então pertencente a Araranguá. A partir da primeira, outras foram surgindo e novas empresas foram se estabelecendo no distrito de Criciúma, que aos poucos se tornou o centro de referência desta atividade. O grande impulso da indústria carbonífera aconteceu com a instalação da CSN (Companhia Siderúrgica Nacional), em 1945, que passou a consumir, o carvão metalúrgico.

Também já é bem conhecida e estudada na historiografia a questão da baixa qualidade do carvão de Criciúma e da região, do constante subsídio que esse minério recebeu do governo durante muitos anos de sua exploração. O carvão catarinense teve seus altos e baixos, sendo que suas fases de alta exploração e de lucro foram nos períodos das guerras mundiais - a primeira de 1914 a 1918 e a segunda de 1939 a 1945. As crises, por sua vez, aconteceram no

entre guerras, quando se restabeleceu a importação do carvão europeu, e no final da Segunda Grande Guerra. Entretanto, a extração do carvão ainda continuou sendo uma das principais atividades econômicas durante as décadas de 1960 e 1970. A principal crise do carvão teve início apenas em meados da década de 1980, sendo que entra em colapso na década de 1990, com a abertura do mercado promovida pelo governo de Fernando Collor de Mello. Segundo Teixeira (1996, p. 68):

Depois de meio século de protecionismo, o governo brasileiro decide pôr fim ao acordo que obrigava as empresas siderúrgicas a consumirem o carvão metalúrgico nacional em apenas 6% do seu consumo (era de 10%), reduzindo mais 30% do mercado, ficando apenas a comercialização do carvão energético. Esta medida governamental gerou a maior crise de toda a história do setor. Um dos indicadores dessa crise se relaciona ao mercado de trabalho. Nos últimos 9 anos, mais de 7.290 mineiros foram demitidos.

A diversificação econômica, que já vinha ocorrendo há algumas décadas, vai se intensificando como forma de alternativa para os empresários da região. Eles passam, então, a investir em alternativas de ramos de negócios menos arriscados e é a partir daí que vão surgindo novas indústrias na região, como a indústria cerâmica, calçadista, do vestuário, química, de plásticos, metal mecânica e de material elétrico. Para Teixeira (1996, p. 115):

Com o fim do exclusivismo da mineração e o desenvolvimento de novos ramos industriais, altera-se, em parte, a configuração das elites locais. As próprias empresas mineradoras se diversificam, algumas, inclusive, abandonam a mineração e passam a dar prioridade a outros ramos de atividade mais lucrativos e menos dependentes das oscilações políticas governamentais e cíclicas crises do carvão. Na nova configuração econômico-empresarial temos um cenário diferente na cidade, agora caracterizada pela diversificação da economia e o pluralismo político e cultural.

É nesse contexto histórico que vai se diversificando a industrialização da região, ou seja, quando o carvão já não é visto pelos empresários como uma fonte única de riqueza viável. É assim que começa a aposta nos vários setores que foram mencionados anteriormente, sendo que nossa discussão se dará de forma específica com relação ao setor metal mecânico e de material elétrico. Atualmente, existem empresas em diversos ramos produzindo equipamentos para setores não ligados aos tradicionais, como a mineração e a cerâmica. Há empresas que fabricam peças para a indústria automobilística, para a construção civil, estruturas metálicas para transmissão de redes elétricas, utensílios domésticos, indústria química, indústria alimentícia e indústria de vidro.

1.1 O SURGIMENTO, O CRESCIMENTO E A EXPANSÃO DA INDÚSTRIA METALÚRGICA NA REGIÃO CARBONÍFERA.

Como já foi exposto, a indústria carbonífera foi a mola propulsora da economia da região. No entanto, a partir da década de 1960, começa o surgimento e a expansão de outras

atividades econômicas, tais como a cerâmica, a metal mecânica, a de material elétrico, a indústria têxtil, do vestuário e calçadista - o comércio se amplia. Porém, a indústria metal mecânica tem uma origem um pouco mais remota. De acordo com Goularti Filho (2016, p. 65-66):

Durante o período de 1880 a 1945, podemos dizer que se originam e crescem em Santa Catarina as indústrias madeireiras, alimentar, carbonífera e têxtil. A metalmecânica e a moveleira também nascem nesse período, porém tem um crescimento mais acelerado somente anos posteriores. Nesse período, ocorreram grandes mudanças sociodemográficas em Santa Catarina: a primeira com a entrada de imigrantes europeus, de 1875 a 1900, no Vale do Itajaí, norte e sul, e que se estende em ritmo desacelerado até o início dos anos 1920; e a segunda com o movimento migratório de imigrantes e descendentes provenientes do Rio Grande do Sul, a partir de 1917, em direção ao oeste catarinense, estendendo-se até os anos 1950, e que fazia parte das pioneiras da colonização capitalista (fronteira agrícola).

Também de acordo com Goularti Filho, em seu livro *Formação Econômica de Santa Catarina* (2016, p. 146 - 147):

Para entender as origens da indústria metal mecânica na região de Criciúma, necessariamente temos que entender a expansão das atividades carboníferas, o desempenho das pequenas atividades comerciais e manufatureiras nos anos 1950 e 1960 e a expansão da agricultura familiar. Durante os anos 1950 e 1960, as minas da região carbonífera entraram num processo de mecanização que ia desde o transporte até o beneficiamento. Grande parte dos serviços de mecânica e manutenção das carboníferas era executada pelas próprias companhias, a outra parte dos serviços por oficinas locais.

A primeira metalúrgica de que se tem notícia na região é a Metalúrgica Spillere, em Nova Veneza, que foi fundada em 1946 pelos irmãos Dovílio Spillere, João Spillere e Jerônimo Spillere. Ela começou com produção de implementos agrícolas de tração animal. Desde a fundação, até 1957, a empresa trabalhava com um sistema de caldeira a vapor. Atualmente, a atividade é a trefilação de perfis em aço quadrado, chato, redondo e perfis especiais sob desenho, fabricação de peças para atender ao mercado ferroviário e de construção civil.

Em 1958, foi fundada a Metalúrgica Criciúma Ltda, e, em 1960, foi fundada a Siderúrgica Criciúma Ltda. Em 1962, tiveram início as atividades da Metalúrgica Carrocerias Becker, fundada por Erich Becker, atualmente desativada em decorrência de sua falência. Em 1972, foi fundada, pelo Grupo Freitas, a Industrial Conventos, hoje denominada Icon. De acordo com o *site* oficial da empresa, a Icon funciona há mais de 45 anos no ramo metalúrgico e, atualmente, possui várias unidades que produzem para a indústria cerâmica, para a mineração, indústria de cimento e agroindústria.

1.2 A ORGANIZAÇÃO DAS EMPRESAS: OS PATRÕES E SEUS SINDICATOS

O crescimento (e a expansão que vamos abordar em seguida), bem como a preocupação com a crescente organização dos trabalhadores, levou os empresários a filiarem suas empresas em Sindicatos que representavam o setor. Importante colocar que as empresas também possuem seus sindicatos para negociarem as convenções coletivas de trabalho, embora não possuam a obrigação legal da unicidade sindical. Na região carbonífera, as empresas são filiadas a cinco sindicatos diferentes, sendo que o sindicato patronal que mais possui empresas filiadas na região é o Sindimetal. Este sindicato foi fundado em 1975, tendo como primeiro presidente o Sr. Mário Búrigo (empresário do setor na época). No entanto, podemos observar que muitas empresas não são associadas ao Sindimetal, até mesmo a própria Icon - uma empresa grande e tradicional na região. Esta empresa é filiada a um outro sindicato patronal, o Sindimaq, que possui sua sede em São Paulo/SP e congrega empresas fabricantes de máquinas de todo o território nacional. Interessante observar que a região do distrito de Caravaggio, no município de Nova Veneza, tem seu próprio sindicato patronal, o Simec Caravaggio, o qual conta com um total de 25 empresas filiadas, todas com sede no distrito de Caravaggio. Outras empresas são filiadas ao Sindimetal Braço do Norte/FIESC - sindicato que congrega empresas de Braço do Norte e de São Ludgero. Outras empresas, ainda, são filiadas ao sindicato Reparação de Veículos, que congrega as grandes, as médias e as pequenas oficinas de conserto e de reparação de veículos. Com base nessas informações, é possível observar que o sindicato patronal com maior número de filiados é o Sindimetal, com sede em Criciúma. De acordo com o *site* oficial desse Sindicato:

Contamos com 100 empresas associadas, em torno de 7.600 funcionários, abrangendo os municípios de: Criciúma, Lauro Muller, Içara, Balneário Rincão, Urussanga, Orleans, Morro da Fumaça, Cocal do Sul, Sangão, Treviso, Siderópolis, Forquilha, Morro Grande, Meleiro, Maracajá, Araranguá, Balneário Arroio do Silva, Balneário Gaivota, Timbé do Sul, Turvo, Ermo, Jacinto Machado, Sombrio, Santa Rosa do Sul, Praia Grande, São João do Sul e Passo de Torres. As primeiras empresas do setor eram pequenas ferrarias, instaladas no final da década de 40 que incorporam o conhecimento no tratamento de metais dos imigrantes italianos. Aos poucos, em parte para atender a demanda crescente da migração o carvão e da indústria cerâmica, novas empresas e novos produtos foram somando-se, e entre 1950 e 1980, período base para o crescimento do setor. Entretanto, a partir do início da década de 90, acelerou-se a queda da produção carbonífera de Santa Catarina, localizada basicamente no Sul do Estado, somando à queda geral da economia um fator fortemente negativo para a região naquele período. Uma parte da mão de obra empregada nesse setor, especialmente àquela formada por técnicos especializados em mecânica e metalurgia, que era empregada no setor de manutenção dos equipamentos de mineração, foi a base para a formação de dezenas de micro e pequenas empresas do setor metal mecânico na região carbonífera. (SINDIMETAL, 2020).

O Sindimetal é o maior da região com sede em Criciúma e possui o maior número de empresas filiadas, as quais empregam o maior número de trabalhadores – 7.600 dos 10.000 que o setor emprega na região. Também existem outros sindicatos patronais com sede em outros

municípios, a saber: SIMEC Caravaggio, que reúne apenas empresas localizadas no distrito de Caravaggio; e o SINDIMETAL Braço do Norte, que reúne empresas localizadas nos municípios de Braço do Norte e de São Ludgero. Também há o Sindimaq, que é um sindicato em nível nacional, com sede no município de São Paulo, que possui poucas empresas da região filiadas, entre elas está a Icon, de Criciúma.

1.3 ALGUMAS DAS PRINCIPAIS EMPRESAS DO SETOR METAL MECÂNICO.

A partir deste tópico, vamos discorrer sobre algumas das principais empresas de grande e de médio porte, e de grande longevidade no setor metal mecânico da região, fundadas entre as décadas de 1970, 1980 e 1990. Empresas filiadas ao Sindimetal, ao Simec Caravaggio e ao Sindimaq, que reúnem o maior número de trabalhadores da região. No final do tópico, iremos nos ater a algumas empresas de pequeno porte, como pequenas oficinas, auto elétricas e pequenas empresas de reparo de veículos. Todas as informações foram retiradas dos *sites* oficiais das empresas, as quais aparecerão em ordem cronológica, a partir das suas datas de fundação.

1.3.1 Empresas filiadas ao Sindimetal Criciúma

O Sindimetal, como já afirmamos, é um sindicato patronal com sede no município de Criciúma, que congrega pelo menos 100 empresas de toda a região. Também é o sindicato que congrega as empresas que empregam o maior número de trabalhadores. As empresas filiadas a este Sindicato são:

Alumasa Indústria de Plástico e Alumínio, Auto Elétrica Baesso, Auto Elétrica Becker, Auto Elétrica Iguazu, Becker Esquadrias de Alumínio, Bertan Indústria e Comércio de Máquinas, Brametal Sul Metalúrgica, Budny Indústria e Comércio, Cancelier Galpões Pré-Fabricados, Claumann Pinturas Eletrostática, Comin Metalmobile, Contacto Materiais Elétricos, Cromocil Cromo Ouro Equipamentos, Duarte Indústria Metalúrgica, Empilhart, ENTEC, EQUIPLAST, Esquadrias de Alumínio Mattiolo, Hipper Freios, Fundação Bitencourt, Genova, Giga Comércio e Manutenção Eletro Eletrônica, GS Alumínios, ICEMEG Equipamentos Metalúrgicos, IMEPEL, Indústria e Eletrodeposição de Metais, Indústria Metalúrgica Santa Líbera, INO Inocência, Irmãos Olivo do Brasil, Irmãos Santana Mecânica e Auto Peças, Librelato Implementos Rodoviários, Libremac Ambiental Implementos Rodoviários, Maestro do Brasil Indústria Metalúrgica, Matrizart Matrizaria, MDA Indústria e Comércio de Peças, METALENGE, METALFOR, Metalúrgica Metal Arte, Metalúrgica Bock, Metalúrgica Bonfante, Metalúrgica Cleiber, Metalúrgica DS, Metalúrgica Goulart, Metalúrgica

Pescador, Metalúrgica Porto, Metalúrgica Rio Deserto, Metalúrgica Romagna, Metalúrgica SJF, Metalúrgica Soares, Metalúrgica Valente, METROMAQ, Milano Estruturas Metálicas, MMC Metalúrgica, NATREB Indústria e Comércio de Máquinas, Oficina Bristot, Olivo S/A, PETROFAB, PETS Indústria e Comércio de Esquadrias, Posto de Molas Goulart, PREVIMEC, Pró Eletro Equipamentos de Perfuração, Pró Eletro Motores Elétricos, Repuxação de Metais Jabi, Sermil Expositores, Sical Siderúrgica Catarinense, Silveira Indústria e Comércio de Máquinas, Silveira Metal Mecânica, Sinterpeças Indústria e Comércio, SSM Estruturas Metálicas, STEELROOL Indústria Metalúrgica, Super Ar Compressores, TECMAQ Equipamentos Cerâmicos, Topanotti Motores Elétricos, TORCRIL, TORFER, Tornearia e Mecânica Jasil, Tornearia Sulmar, USIPE Indústria e Comércio de Peças, Zadisel Comércio de peças.

A seguir, vamos fazer um breve histórico de algumas empresas da região. Optamos, portanto, para isso, pela ordem cronológica, de acordo com a data de fundação dessas empresas.

Uma grande empresa existente na região é a Librelato - fundada em 1969 pela família Librelato. De acordo com o seu *site* oficial, iniciou suas atividades com uma pequena serraria, localizada na cidade de Orleans. Seu fundador foi Berto Librelato, que produzia carrocerias de madeira. A partir do ano de 1980, ele começou a comercializar peças e acessórios para caminhões e a prestar serviços de assistência técnica neste ramo. No ano de 1998, esta empresa passou a se chamar *Librelato Implementos Agrícolas e Rodoviários* e começou a produzir semirreboques. No ano de 2007, começou a exportar para Angola, na África, e a expandir suas atividades para a cidade de Capivari de Baixo. No ano de 2010, ampliou e modernizou suas unidades produtivas, inaugurando uma unidade na cidade de Criciúma (LIBRELATO, 2020).

Conforme o *site* da empresa, a Siderúrgica Catarinense Ltda foi fundada no ano de 1970 em Criciúma, no Bairro Pinheirinho, onde funciona até os dias atuais. Também de acordo com o *site*, iniciou suas atividades como uma empresa que fazia reforma de tratores e fundição de alumínio e bronze. A partir do ano de 1972, começou a fundir ferro e aço com o objetivo principal de atender às necessidades de produção de peças fundidas para as minas de carvão de nossa região. A partir do ano de 1986, essa empresa passou a utilizar um forno à indução, o que substituiu o forno a arco. Atualmente, ela é uma das maiores empresas do setor, com uma grande área construída e tem a capacidade de produção de 300 toneladas por mês em peças feitas em ferro cinzento, ferro nodular, aço e ligas especiais (SICAL, 2020).

A Brametal é uma empresa do setor metalúrgico que foi fundada na década de 1970. De acordo com o *site* oficial da empresa, em 1975, os engenheiros Ayrtton Egídio de Mattos Brandão e seu filho, Ricardo Minatto Brandão, fundaram a Brametal em Criciúma/SC. Ela é

uma empresa que fornece estruturas metálicas para empreendimentos diversos. Conta com três unidades localizadas no Brasil, mas com sede em Criciúma, e, atualmente, passou a produzir novos produtos. Essa empresa fornece estruturas metálicas para redes de transmissão e para empreendimentos diversos. Suas três fábricas estão localizadas nas cidades de Linhares, no estado do Espírito Santo, em Criciúma, estado de Santa Catarina, e em Sabará, estado de Minas Gerais, e produzem um total de até 150.000 toneladas por ano. As empresas Brametal também passaram a produzir, recentemente, torres treliçadas para aerogeradores, suportes para painéis fotovoltaicos e torres metálicas monotubulares, e, com isso, passaram a atender o mercado de energias renováveis (BRAMETAL, 2020).

Com base no *site* da empresa, em 1970, foi fundada, por Sinézio Bertan, a Bertan Indústria e Comércio de Máquinas Ltda, no município de Morro da Fumaça. Essa empresa iniciou suas atividades comercializando seus produtos apenas no comércio local. No entanto, com o aumento da demanda, o proprietário e seus filhos foram ampliando a empresa e adquirindo novas máquinas, para aumentar a produção e a qualidade dos seus produtos. A partir do ano de 1985, o proprietário Sinézio Bertan deixou a administração da empresa para seus quatro filhos e passou a se dedicar a outros empreendimentos. Seguindo a história da empresa, a partir do ano de 1990, os irmãos Antônio e Olívio expandiram a empresa e construíram uma nova sede localizada na Rodovia SC 443 no bairro Barracão, em Morro da Fumaça (BERTAN, 2020).

De acordo com o *site* da empresa, a INO é uma empresa fundada pelo Senhor Antônio Manoel Inocêncio no ano de 1972. Suas atividades iniciais foram a prestação de serviços em motores elétricos de corrente contínua e corrente alternada, utilizados na mineração de carvão na região. O atual presidente e proprietário da empresa foi funcionário da extinta Companhia Siderúrgica Nacional - CSN. Foi nessa empresa que aprendeu a trabalhar com máquinas e motores. A empresa consolidou-se a partir de 1980, prestando serviços de assistência técnica para as mineradoras da região. Atualmente, produz diversos tipos de motores (INO, 2020).

A Duarte Indústria Metalúrgica Ltda é mais uma empresa do ramo de metalurgia da região. Conforme o *site* oficial, ela foi fundada em 1977 no município de Morro da Fumaça/SC. Iniciou suas atividades por intermédio do empresário Nilson Duarte, como Eletrônica Fumacense, com consertos em motores e instalações elétricas. Em 1986, ampliou suas atividades com a aquisição de um torno. O objetivo era o de iniciar a produção de peças para a indústria cerâmica. Em 1988, lançou sua primeira máquina - um caixão alimentador. Desde então vem crescendo continuamente e, hoje, produz mais de 3.000 itens (MAQUINASDUARTE, 2020).

A Alumasa Indústria de Alumínio e Plástico, de acordo com seu *site*, é uma empresa do setor metalúrgico da região sul de Santa Catarina. Foi fundada em 1986, em Urussanga/SC, para produzir esquadrias como portas e janelas de alumínio, e diversificou suas atividades com o passar do tempo para a produção de escadas de alumínio, assim como produtos de plástico para banheiros, mangueiras e acessórios diversos. Começou produzindo apenas esquadrias de alumínio, mas, a partir do ano de 2003, diversificou sua produção passando a produzir acessórios para banheiro e jardim em material plástico, como já foi colocado. A partir do ano de 2008, essa empresa começou a produzir perfis de alumínio após adquirir sua primeira extrusora. E, no ano de 2011, teve início sua unidade de refusão. Produz em larga escala e vende seus produtos para todo o território brasileiro - produtos derivados do alumínio e do plástico (ALUMASA, 2020).

A Usipe, segundo seu *site*, é uma indústria metalúrgica que fabrica e comercializa produtos metálicos sob encomenda no mercado de fundidos, usinados e caldeiraria. Fabrica peças conforme as especificações dos desenhos e projetos dos clientes. A Usipe foi fundada no ano 1987, possui sua sede na cidade de Criciúma, que também atende ao mercado metal mecânico brasileiro. No ano de 1994, ela inaugurou sua própria fundição, e, em 2002, a empresa inaugurou uma nova unidade na cidade de Içara, possuindo, nesta unidade, fundidos, usinados e caldeiraria (USIPE, 2020).

1.3.2 Empresas filiadas ao Simec Caravaggio

O Simec Caravaggio é um sindicato patronal que congrega empresas especificamente do distrito de Caravaggio/SC. Este Sindicato tem uma forte tradição naquele distrito. Como foi exposto, são 25 empresas filiadas ao Simec.

Fundição Erus, Fundição Mademil, Fundição Nobre, Metalúrgica Spillere, Spilrod. Ind. de Componentes Rodoviários, MDS, Bratti Metal Mecânica, VSR Metal Mecânica, Siderúrgica Colina, Ferracal Indústria e Comércio de Ferragens, SC Polias, Fundição Ferrara, Prasmil Indústria de Arruelas, Jemavel Indústria e Comércio de Ferros, Metalúrgica Madobare, Metalúrgica Frei Elizeu, Pazetto Usinagem, Genova Indústria Metalúrgica, Sucataço, Forjaria e Estamparia Caravaggio, Funditractor, Fundição Figueira, IMESC – Indústria Metalúrgica Sul Catarinense, USICAT, FUNDIZA.

Passamos aqui a fazer um breve histórico de algumas das principais empresas filiadas ao Simec Caravaggio - sindicato patronal criado especificamente para a organização e a defesa das indústrias do distrito de Caravaggio no município de Nova Veneza. Também vamos optar pela exposição em ordem cronológica, por data de fundação.

Uma das principais empresas do setor no distrito de Caravaggio é a Metalúrgica Spillere, considerada a mais antiga da região, fundada em 1946. Essa empresa se dividiu e gerou outras

empresas familiares. De acordo com o Simec Caravaggio, a indústria metalúrgica e a posterior organização do sindicato patronal naquele distrito surgiram a partir da iniciativa da família Spillere.

Em 1930, José Spillere e seu cunhado, Ernesto Zanardo, fundaram uma serraria movida a força hidráulica. Com a 2ª Guerra Mundial e as dificuldades econômicas, surgiu a necessidade de material, insumos e instrumentos agrícolas, já que, devido à guerra, houve uma paralisação nas importações. Dovílio Spillere, filho de José Spillere, a fim de suprir a urgência e necessidade dos colonos em montar oficinas de ferraria, foi aprender a profissão de ferreiro. Aprendido o ofício, Dovílio chamou os irmãos Jerônimo e João e fundaram a Irmãos Spillere, uma ferraria que fabricava ferramentas para a agricultura, ferraduras, lâminas para pica-pau e logo em seguida ferramentas para mineração de carvão. Essa firma seria o embrião da indústria metalúrgica de Caravaggio, que no ano de 1956, com a instalação de energia elétrica, teve fortalecidas e alçadas as metalúrgicas e demais empresas já instaladas na localidade. Nesse contexto, houve a necessidade das indústrias metalúrgicas se organizarem e posteriormente fundarem o Simec - Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e Material Elétrico de Caravaggio. (SIMEC, 2020, p. 1).

A família Spillere é apontada por muitos como a pioneira da metalurgia na região. De acordo com o *site* oficial da Spilrod Indústria de Componentes Rodoviários, esta empresa é “oriunda de um grupo familiar denominado ‘Irmãos Spillere’ (fundada em 1946 pelos irmãos Dovílio, João e Jerônimo, sendo administrada por suas famílias até o ano de 2016), a Spilrod encontra-se estabelecida na cidade de Nova Veneza, distrito de Caravaggio” (SPILROD, 2020). Possui várias unidades: a) uma de fundição fundada no ano de 2005, que trabalha com a fundição de ferro, de aço e de ligas especiais, que produz até 350 toneladas por mês de peças brutas e usinadas; b) uma de componentes rodoviários, que também foi fundada no ano de 2005, a qual produz cilindros hidráulicos e outros implementos rodoviários; e c) de reciclagem, que funciona desde 1960 e trabalha com reaproveitamento e reciclagem de sucatas de ferro, de aço e de ligas especiais, entre outros. (SPILROD, 2020).

Outra empresa importante da família Spillere, e uma das mais antigas, é a MDS, fundada em 1979, e tem seu nome associado ao patriarca da família, Dovílio Spillere, ou seja, Metalúrgica Dovílio Spillere - doravante MDS. Começou como uma pequena fundição em Nova Veneza e se direcionou para a fabricação de mancais para rolamentos. Em 1986, consolidou-se no mercado de acessórios para rolamento e iniciou a diversificação de sua linha de produção, tendo como objetivo a fabricação de buchas de fixação para rolamentos. Em sua busca pela diversificação, a MDS passou a desenvolver produtos para o mercado de reposição de autopeças e, em 1987, começou a produzir os primeiros discos de freio, que foram logo comercializados, e, em seguida, produziu tambores de freio e cubos de roda.

Em 1991, a MDS inaugurou uma nova fundição e “a partir de 1994 a Metalúrgica DS iniciou o processo de modernização de sua usinagem através da aquisição dos primeiros tornos

CNC (Comando Numérico Computadorizado). Com este tipo de equipamento a usinagem ganhou principalmente produtividade e repetitividade”. Em 2001, a empresa abriu sua nova instalação, com quatro mil metros quadrados de área construída (MDS, 2020).

Ao Sindimaq encontramos apenas uma empresa filiada - a Icon. Como já mencionado, foi fundada na década de 1970 pelo grupo Freitas, que também atua em vários outros ramos de atividades econômicas na região, entre elas a de saúde, sendo proprietários do Hospital São João Batista; ainda atuam no ramo de envasamento de água mineral – são proprietários da Águas Da Guarda; e no ramo de Hotelaria, entre outros. O grupo já atuou no ramo de telecomunicações, com a TV Eldorado. Atua, também, há 45 anos, no setor metal mecânico, de propriedade do empresário Hilário Freitas. De acordo com o *site* da empresa, ela é considerada uma das maiores especialistas em estampos e moldes, e se destaca na produção de máquinas e equipamentos. Produz estampos e moldes para indústrias cerâmicas de pisos e revestimentos, assim como para a produção de telhas, via seca e úmida, artefatos de cimento e prensagem de louças. Na área de máquinas e equipamentos, a produção da empresa está voltada para os setores cerâmico, cimenteiro, sucroalcooleiro e de mineração, assim como o de peças de reposição. Emprega 500 trabalhadores em suas quatro unidades - três no Brasil e uma em nosso país vizinho, a Argentina. Faz parte de um grupo empresarial familiar que foi iniciado pelo patriarca da família, o empresário Diomício Freitas (ICON, 2020).

A região também conta com várias pequenas empresas que fazem parte do setor metal mecânico e de material elétrico e que são filiadas ao Sindimetal e ao Sindicato Reparação de Veículos. São auto elétricas, oficinas mecânicas, oficinas de reparação de veículos, postos de molas, tornearias, etc. Fazem parte dessas empresas a Auto elétrica Baesso, a Autoelétrica Becker e a Auto elétrica Iguazu; tornearias, como a Tornearia Sulmar e a Tornearia Jasil. Mecânicas também, como: Irmãos Santana, Oficina Bristot e o Posto de Molas Goulart. Há também inúmeras empresas filiadas ao Sindirepa de Santa Catarina.

Destarte, com esse breve histórico, demonstramos que o setor metal mecânico na região nasceu voltado para a produção de implementos agrícolas, cerâmicos e de mineração; expandiu e se diversificou de forma intensa. Atualmente, o setor metal mecânico na região produz para a indústria automobilística, para a construção civil, para o setor de químicos e de plásticos, para o setor de materiais elétricos, o setor de eletroeletrônica, produz utensílios domésticos e muitos outros produtos, além de prestar serviços em muitas áreas. As empresas do setor, as quais nasceram para atender às demandas locais, na atualidade, atendem empresas de outros Estados e também de outros países, em especial da América Latina.

A seguir, na tabela abaixo, destacamos o crescimento do número de empresas no setor metalúrgico da região no período de 1985 a 2018.

Tabela 1 – Quantidade de metalúrgicas por ano no período (1985-2018)

Ano	Outros	Metalúrgica	Total
1985	3598	45	3643
1986	4205	55	4260
1987	4995	72	5067
1988	5217	69	5286
1989	5060	67	5127
1990	5413	77	5490
1991	5548	77	5625
1992	5563	72	5635
1993	5937	73	6010
1994	6560	132	6692
1995	7512	144	7656
1996	7700	139	7839
1997	8631	173	8804
1998	9287	211	9498
1999	9879	213	10092
2000	10472	250	10722
2001	11115	280	11395
2002	26422	491	26913
2003	27299	527	27826
2004	28352	548	28900
2005	29739	553	30292
2006	30614	575	31189
2007	31350	569	31919
2008	32568	628	33196
2009	33567	633	34200
2010	34848	570	35418
2011	35453	653	36106
2012	35901	689	36590
2013	36489	679	37168
2014	37046	709	37755
2015	37990	713	38703
2016	37907	714	38621
2017	38077	716	38793
2018	37811	701	38512

Fonte: Estabelecimento que não declarou RAIS Negativa (PDET/RAIS, 2020)

Os dados da tabela revelam vários aspectos sobre o crescimento do setor na região, que inferimos que estão relacionados com os períodos sociopolítico e econômico vivenciados pelo país. O primeiro foi entre 1985 a 1992, marcado pelo final da Ditadura Civil-Militar, tendo sido o país governado pelo primeiro presidente civil - José Sarney – e primeiro presidente eleito pelo voto direto - Fernando Collor. Do ponto de vista econômico, em especial a década de 1980, o período ficou conhecido como a década perdida, pois o setor metalúrgico teve um momento estável, com exceção apenas para os anos de 1988 e 1989, quando houve uma pequena retração.

O segundo período ocorreu entre 1993 e 1994, em que houve um grande crescimento no número de empresas na região, que praticamente dobrou, pois saltou de 73 empresas, em 1993, para 132 empresas no ano de 1994. Inferimos que esse salto no crescimento ocorreu

devido à estabilidade econômica após a saída de Fernando Collor de Mello, por conta de seu processo de *impeachment* e a entrada do seu vice-presidente, Itamar Franco, e, posteriormente, a eleição de Fernando Henrique Cardoso. Nos anos seguintes, a tabela demonstra um crescimento instável para o setor.

Um outro grande salto no número de empresas ocorreu entre os anos de 2001 e 2002. Período de transição entre os governos de Fernando Henrique Cardoso e Luiz Inácio Lula da Silva. Nesse período, o número de empresas subiu de 280 para 491. Um acréscimo de 211 empresas no setor de um ano para o outro.

O período do governo Lula foi um período de grande prosperidade econômica, abalado apenas entre os anos de 2008 e 2010, quando ocorreu uma pequena retração no número de empresas. Nesse período, houve uma diminuição de 63 empresas do setor metal mecânico. Inferimos que essa retração do setor tenha uma relação com a crise mundial do capitalismo em 2008, mas, no Brasil, não houve grandes proporções no período. Nelson Barbosa, em seu artigo *Dez anos de política econômica*, no livro *Dez anos de governos pós-neolibérias: Lula e Dilma*, aponta três motivos para o sucesso da economia no governo de Luiz Inácio Lula da Silva. Segundo Barbosa (2013, p. 70),

Em primeiro lugar, foram as decisões do governo Lula que recuperaram a estabilidade macroeconômica, após o ataque especulativo de 2002, bem como possibilitaram que os ganhos de renda decorrentes do cenário internacional favorável fossem transmitidos para a maioria da população brasileira e iniciassem um círculo virtuoso de crescimento baseado na expansão do mercado interno, até 2008. Em segundo lugar, quando eclodiu a crise internacional de 2008 e o cenário mundial se tornou desfavorável, novamente foram as decisões do governo Lula que possibilitaram a rápida recuperação da economia brasileira, no segundo semestre de 2009 e ao longo de 2010, sem perder as conquistas sociais do período anterior. Por fim, diante de um quadro internacional desfavorável, desde 2011 as ações do governo Dilma têm procurado construir uma estrutura produtiva mais eficiente e competitiva e, ao mesmo tempo, continuar ampliando as oportunidades de ascensão social para a maioria da população brasileira.

A partir do ano de 2010, o setor voltou a crescer, embora tenha ocorrido uma nova queda no ano de 2014, com um recuo no número de empresas e a estabilização do crescimento com a crise na qual entramos e estamos enfrentando até o momento. Porém, de modo geral, desde 1985, até os dias atuais, houve um número crescente de empresas no setor, mesmo havendo retração em alguns anos.

1.4 A MÃO DE OBRA DO SETOR METAL MECÂNICO E A DE MATERIAL ELÉTRICO EM CRICIÚMA E NA REGIÃO

A população de Criciúma e da região formou-se inicialmente com as levas de imigrantes italianos, poloneses, alemães, portugueses, entre outros, que começaram a se fixar na região a

partir do final do século XIX. Posteriormente, com o início da economia de extração do carvão mineral, a cidade começou a atrair novas levas populacionais. A classe trabalhadora da região também tem sua origem relacionada a esses processos. Descendentes de imigrantes e populações vindas posteriormente atraídas pelos empregos nas minas de carvão é que vão formar a classe trabalhadora da região. De acordo com Volpato (2001, p. 31).

Durante a segunda guerra mundial, houve um grande aumento da produção de carvão nacional para suprir a lacuna do mercado internacional interrompido. Surgiram novas minas e centenas de novos trabalhadores migraram da “colônia” e das áreas litorâneas para as minas. Após a guerra, com a implantação da siderúrgica nacional, expandiu-se a indústria carbonífera e a partir de 1950, com a construção da Termoelétrica Jorge Lacerda, em Tubarão, manteve-se sua expansão.

Podemos perceber, nas palavras de Volpato, que a classe trabalhadora de Criciúma e da região é formada inicialmente por descendentes de imigrantes que saem do trabalho da agricultura, conhecida por “colônia”, e de pessoas que são atraídas das regiões litorâneas do Estado em busca de emprego nas minas, principalmente pescadores e agricultores empobrecidos em busca de melhores condições de vida para si e para suas famílias. E por que não dizer que a classe trabalhadora também é formada pelos descendentes dessas pessoas que vão nascer já na região?

Acreditamos que com a diversificação econômica ocorrida posteriormente, com o surgimento das cerâmicas, da indústria do vestuário, calçadista e metal mecânica, a mão de obra da região já estava formada por conta do grande aumento populacional proporcionado pela extração de carvão, sendo que os trabalhadores desses novos setores seriam, então, pessoas já nascidas na região, descendentes desses primeiros habitantes que vieram atraídos pelo carvão.

Volpato (2001) também nos fala da marca que a cultura do carvão deixou na região. De acordo com a autora, atualmente, “a grande maioria da população trabalhadora, formada de operários, vive em outros ramos industriais que não as minas de carvão. Contudo, meio século de exclusivismo na exploração do carvão mineral deixou marcas fortes na dimensão cultural e na tradição histórica de sua gente” (Volpato, 2001, p.15). A maioria das pessoas na cidade e na região tem alguma ligação de parentesco com alguém que trabalhou nas minas - pai, avô etc.

Goularti Filho (2016 p.110) também aborda o surgimento e a formação da classe trabalhadora em Santa Catarina, em termos marxistas, da seguinte forma:

Para entender a formação de um exército de reserva para a indústria alimentar, têxtil e metalmeccânica, faz-se necessário entender o processo de diferenciação social que vai se constituindo dentro da pequena produção. O pequeno proprietário não produz apenas para sua subsistência, mas sim também excedente com o intuito de comercializar. O mesmo acontece com os artesãos que entram na esfera mercantil, comercializando o resultado de seu trabalho. Muitos pequenos produtores, com o passar dos anos, arruinam-se e outros oscilam em épocas de crise, porém inicialmente

garantem uma base fundiária pulverizada. Num universo de vários pequenos produtores, há aqueles que se proletarizam, os que acumulam e os que permanecem como médios proprietários, oscilando em época de crise. Os pequenos produtores que se arruinam perdem seus meios de produção, tornam-se operários assalariados, convertendo-se em mercadoria nas mãos dos novos capitalistas. Também existem aqueles que acumulam e serão os “prósperos capitalistas”, que surgem em detrimento dos produtores médios, adquirindo as propriedades falidas dos arruinados, tornando-os proletários.

A classe trabalhadora se forma, portanto, a partir dessa camada da população, que vai pouco a pouco se arruinando, falindo, vendendo suas propriedades para aqueles que mais prosperaram e acumularam capital. Não lhes resta outra solução a não ser a venda de sua mão de obra aos grandes, médios e pequenos capitalistas que conseguiram manter suas empresas e que podem oferecer empregos em troca de salários. Não podemos nos esquecer, no entanto, que a classe trabalhadora também é formada por pessoas que nunca foram detentoras dos meios de produção. Sempre foram excluídas do processo produtivo, como ex-escravos e imigrantes pobres, os quais não receberam terras ou benefícios para imigrar para o Brasil. Importante reforçar que o conceito de classe trabalhadora aqui utilizado será o de Thompson (1987, p. 9-10).

Por classe entendo um fenômeno histórico, que unifica uma série de acontecimentos díspares e aparentemente desconectados, tanto na matéria-prima da experiência como na consciência. Ressalto que é um fenômeno histórico. Não vejo a classe como uma “estrutura” nem como uma “categoria”, mas como algo que ocorre efetivamente (e cuja ocorrência pode ser demonstrada) nas relações humanas. A classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõem) dos seus. A experiência de classe é determinada, em grande medida, pelas relações de produção em que os homens nasceram – ou entraram involuntariamente.

Como podemos perceber, Thompson afirma ser a classe trabalhadora um processo histórico, um fazer-se, por isso ele afirma que “a classe operária não surgiu tal como o sol numa hora determinada. Ela estava presente no seu próprio fazer-se”. Ela é o resultado de um processo em que homens e mulheres, no decorrer de sua experiência, vão se identificando entre si e se percebendo como grupo que possui interesses diferentes da classe empresarial (burguesa).

A pesquisa sobre o crescimento do número de trabalhadores em Criciúma e na região foi realizada na RAIS. Os dados obtidos nessa fonte limitam-se a partir do ano de 1985. De acordo com esses dados, a evolução da mão de obra no setor metalúrgico na região foi a seguinte:

Tabela 2 – Quantidade de trabalhadores por ano de 1985 até 2018

Ano	Outros	Metalúrgica	Total
1985	63054	1012	64066
1986	68302	1142	69444
1987	71375	1234	72609
1988	74218	1266	75484
1989	76832	1568	78400
1990	68093	1135	69228
1991	64183	690	64873
1992	61870	646	62516
1993	69696	742	70438
1994	73708	1587	75295
1995	71269	1253	72522
1996	68364	1324	69688
1997	75070	1850	76920
1998	76769	2084	78853
1999	82298	1916	84214
2000	87757	2264	90021
2001	100223	2487	102710
2002	105747	2882	108629
2003	109698	2866	112564
2004	117879	3698	121577
2005	123144	3262	126406
2006	135357	3772	139129
2007	139570	4174	143744
2008	145498	5056	150554
2009	151661	5071	156732
2010	164274	5827	170101
2011	173957	6436	180393
2012	179099	5674	184773
2013	188141	5708	193849
2014	190482	5689	196171
2015	187330	5090	192420
2016	182441	4814	187255
2017	182681	4978	187659
2018	185304	5238	190542

Fonte: Vínculos ativos 31/Dezembro (PDET/RAIS, 2020)

É possível perceber avanços e retrocessos no número de trabalhadores, de acordo com o ano. Mas, de modo geral, há um aumento significativo do número de trabalhadores ano a ano, sendo que o ano de 2018, que foi o último ano informado, contava com um número de 5.238 trabalhadores, perdendo, em número de trabalhadores, para o ano de 2010, quando a região empregava 5.827 trabalhadores no setor. Perde também para os anos de 2012, com 5.674, para o ano de 2013, quando havia 5.708 trabalhadores empregados, e 2014, quando empregava 5.689 empregados. O que chama a atenção é o ano de 2011, quando a região empregou o maior número de trabalhadores. Nesse ano em específico, a região bateu seu recorde de mão de obra empregada no setor, com 6.436 trabalhadores empregados. Ano que coincide com o governo de Dilma Rousseff na presidência da República.

Analisando melhor a tabela, podemos perceber que o setor metal mecânico na região, entre os anos de 1985 e 1989, durante o Governo de José Sarney, teve um contínuo aumento no

número de trabalhadores. Porém, no ano de 1990, houve uma grande queda. Nesse ano de 1990, o número de trabalhadores caiu de 1.568 para 1.135 trabalhadores, registrando uma queda de 433 vagas de trabalho no setor. Esse período coincide com a eleição de Fernando Collor de Mello e a implantação de suas medidas político-econômicas neoliberais.

Esta queda observada continua se acentuando nos anos de 1991 e 1992, recuperando-se apenas no ano de 1993, que apresenta um pequeno aumento de 96 postos de trabalho no setor. O ano de 1994, no entanto, é marcado por um salto significativo no número de trabalhadores, que passa de 742 do ano anterior para 1.587 empregados no setor. É um salto de 845 novos postos de trabalho. Salto este que coincide com o final do governo do presidente Itamar Franco, a eleição e o início do governo do presidente Fernando Henrique Cardoso.

Interessante observar que, durante o governo do presidente Fernando Henrique Cardoso, acontece uma nova queda no número de empregos, mas que começa a se recuperar no ano de 1996 e tem sua crescente até o ano de 1998, quando chega ao maior número de trabalhadores no setor até então, com 2.084 postos de trabalho; e se manteve relativamente estável, com um certo crescimento até o fim do governo. No período entre os anos de 1995 e o ano de 2003, o aumento no número de trabalhadores no setor metal mecânico na região, por sua vez, subiu de 2.084 trabalhadores. no ano de 1998. para 2.882 no final de seu mandato, registrando um aumento de 798 novos postos de trabalho. No entanto, o grande crescimento estaria por vir.

Foi no período do governo de Luiz Inácio Lula da Silva que houve o maior crescimento no número de postos de trabalho no setor metal mecânico na região. Do ano de 2003, início do mandato de Lula, até o ano de 2011, fim de seu mandato, não houve uma sequer retração no número de postos de trabalho. A crescente foi constante, desde sua eleição até quando passou a faixa presidencial para Dilma Rousseff. Foi o maior aumento no número de postos de trabalho registrado no setor metal mecânico na história da região.

Do início do governo de Luiz Inácio Lula da Silva, no ano de 2003, até o fim de seu mandato, no ano de 2011, o número de trabalhadores no setor metal mecânico na região teve um salto de 2.866 trabalhadores. que ele herdou do governo anterior. para um extraordinário número de 6.436 trabalhadores. quando da passagem da faixa presidencial para sua sucessora, a presidente Dilma Rousseff.

Uma nova queda no número de postos de trabalho no setor começou a partir do início do governo da presidente Dilma Rousseff. Já no primeiro ano de governo a queda é de 762 postos de trabalho, entre os anos de 2011 e 2012; queda que continuou até o final de seu mandato, em 2016, com o processo de seu *impeachment*. Durante todo o seu mandato

presidencial, a queda foi de 584 postos de trabalho. São 584 trabalhadores a menos empregados no setor na região.

Com o *impeachment* de Dilma, e o curto período de Michel Temer, acontece uma tímida reação, com um aumento de 260 postos de trabalho, entre os anos de 2017 e 2018. No entanto, nada comparável ao período do governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que foi um período de grande prosperidade e aumento no número de empresas na região sem nenhum precedente em nossa história. Atualmente estamos passando por um grande período de desindustrialização em todo o país.

1.5 A PRESENÇA DA MÃO DE OBRA FEMININA NO SETOR METAL MECÂNICO E DE MATERIAL ELÉTRICO DE CRICIÚMA E REGIÃO

O setor metal mecânico e de material elétrico não é o setor que mais emprega mulheres na região. Antes, ainda vem o comércio, o setor de vestuário e calçadista, a indústria de alimentos, entre outros, porém, não podemos desprezar essa força de trabalho. Outra questão que envolve o trabalho das mulheres é a da dupla jornada e do trabalho reprodutivo. Apesar da contínua mudança cultural, as mulheres ainda continuam tendo a dupla jornada do cuidado com a casa e com os filhos. De acordo com o Senhor Oderi Gomes, atual vice-presidente do Sindicato dos metalúrgicos de Criciúma e da região, as mulheres exercem diversas funções nas empresas, sendo que as principais são a solda, a expedição e a linha de montagem de eletrônicos; ainda há que se registrar que as mulheres também trabalham na limpeza e no setor administrativo das empresas. A discussão em torno da vida e do trabalho das mulheres foi muito bem estudada pela historiadora francesa Michelle Perrot (2017, p. 109), que coloca:

As mulheres sempre trabalharam. Seu trabalho era da ordem do doméstico, da reprodução, não valorizado, não remunerado. As sociedades jamais poderiam ter vivido, ter-se reproduzido e desenvolvido sem o trabalho doméstico das mulheres, que é invisível.

Nem sempre as mulheres exerceram ofícios reconhecidos, que trouxeram remuneração. Não passavam de ajudantes de seus maridos, no artesanato na feira ou na loja. Sua maneira de lidar com o dinheiro trazia problemas, ainda mais quando eram casadas. No entanto elas sabiam contar, e o célebre quadro de Bassano que retrata os Portinari, mostra um casal de cambistas iguais em suas ações.

É o regime assalariado, principalmente com a industrialização, que, a partir, dos séculos XVIII-XIX, nas sociedades ocidentais, coloca em questão o “trabalho das mulheres”.

Conforme a citação de Perrot, supracitada, podemos perceber que as mulheres sempre trabalharam, mas, no passado, trabalharam em funções não valorizadas e não remuneradas. Trabalhavam na lavoura, ajudando os homens; e na casa, onde geravam e criavam os filhos. Trabalhos e ocupações que elas afirmam serem imprescindíveis para a manutenção e o desenvolvimento das sociedades humanas. No entanto, nem sempre elas receberam salário e

remuneração. A mudança ocorre, portanto, com a industrialização e com a Revolução Industrial na Europa dos séculos XVIII e XIX. É nessa época que o trabalho das mulheres e das crianças começa a ser demasiadamente explorado nas fábricas, principalmente na crescente indústria têxtil inglesa.

O setor metal mecânico e de material elétrico na região ocupa, comparativamente com outros setores, um número pequeno de trabalhadoras. De acordo com a pesquisa realizada nos dados da RAIS, a quantidade de trabalhadores por gênero é a seguinte, conforme tabela, cujos dados se limitam do ano de 1985 e são apenas quantitativos, não expressando as funções exercidas por elas.

Tabela 3 – Quantidade de trabalhadores por gênero entre os anos de (1985-2018)

Ano	Masculino	Feminino	Total
1985	949	63	1012
1986	1068	74	1142
1987	1164	70	1234
1988	1191	75	1266
1989	1467	101	1568
1990	1050	85	1135
1991	654	36	690
1992	611	35	646
1993	702	40	742
1994	1520	67	1587
1995	1185	68	1253
1996	1249	75	1324
1997	1754	96	1850
1998	1882	202	2084
1999	1706	210	1916
2000	1948	316	2264
2001	2169	318	2487
2002	2627	255	2882
2003	2576	290	2866
2004	3339	359	3698
2005	2924	338	3262
2006	3406	366	3772
2007	3718	456	4174
2008	4406	650	5056
2009	4334	737	5071
2010	4990	837	5827
2011	5361	1075	6436
2012	4945	729	5674
2013	4872	836	5708
2014	4796	893	5689
2015	4296	794	5090
2016	3996	818	4814
2017	4126	852	4978
2018	4395	843	5238

Fonte: Vínculos ativos 31/Dezembro (PDET/RAIS, 2020)

Analisando a tabela da quantidade de trabalhadoras do sexo feminino com os dados existentes desde o ano de 1985, quando começaram a ser registrados pelas RAIS, até o ano de 2018, dada limite de nossa pesquisa, podemos perceber muita semelhança com os dados dos

trabalhadores em geral. Há um número crescente de trabalhadoras durante toda a história do setor na região.

O que surpreende é o número de trabalhadoras empregadas no setor no ano de 2011, que coincide com o último ano de Luiz Inácio Lula da Silva na presidência da República. Nesse ano em específico, o setor chega a empregar 1075 trabalhadoras. Este número não irá encontrar comparativo em nenhum outro momento da história do setor.

Analisando mais detalhadamente a tabela, podemos perceber que durante os anos de 1985 até o ano de 1988, que são anos correspondentes ao final da ditadura civil-militar no país, e o início do governo do presidente José Sarney, o número de trabalhadoras no setor girou em torno de 63 e 75 mulheres empregadas nas empresas. O que surpreende é o ano de 1989, quando há um salto de 75 para 101 mulheres empregadas, o que dá um aumento de 26 postos de trabalho a mais em relação ao ano anterior.

Com a chegada do ano de 1990, que coincide com a eleição e a posse do presidente Fernando Collor de Mello, há uma queda no número de trabalhadoras no setor, que volta a reagir somente no ano de 1994, final do governo do presidente Itamar Franco.

Seguindo com o final do governo de Itamar Franco e o início do governo do presidente Fernando Henrique Cardoso, há uma alta crescente no número de trabalhadoras no setor, sendo que há apenas uma pequena queda entre os anos de 2001 e 2002, de 318 trabalhadoras para 255; o que dá uma diferença de 63 trabalhadoras empregadas.

O que nos surpreende mesmo nesta tabela, mas que já era percebido na tabela de trabalhadores totais, é que, no período que corresponde ao governo de Luiz Inácio Lula da Silva, o crescimento do número de postos de trabalho no setor é realmente bastante acentuado, sendo que a indústria metal mecânica e de material elétrico de Criciúma e da região bate seu recorde de postos de trabalho para mulheres chegando ao ano de 2011, final do governo Lula, com 1075 trabalhadoras nas empresas.

Durante os governos que se seguem, como o governo da presidente Dilma Rousseff, entre 1º de janeiro de 2011 e 31 de agosto de 2016, e o governo de Michel Temer, entre 31 de agosto de 2016 e 1º de janeiro de 2019, o setor se estabiliza e emprega em torno de 729 e 893 mulheres, sendo que, ao final, no governo do presidente Michel Temer, em 2019, o setor estava com 843 mulheres ocupando postos de trabalho.

Nos próximos capítulos, pretendemos analisar a trajetória de lutas do sindicato e desta classe de trabalhadores ao longo dos anos, passando pela fundação do sindicato na década de 1960, atendo-nos principalmente ao período do ano de 1979 até o ano de 2018.

O marco em 1979 se dá por conta de que foi nesse ano que uma onda de greves no setor metalúrgico foi impulsionada pelas greves do ABC paulista, as quais foram espalhadas por todo o país, atingindo também a nossa região. Foi uma onda de greves e de protestos que acabaram por fechar grandes metalúrgicas de Criciúma e da região, como a extinta Carrocerias Becker e a até hoje atuante Icon.

2 O PERFIL DOS TRABALHADORES DAS INDÚSTRIAS METALÚRGICAS MECÂNICAS E DE MATERIAL ELÉTRICO DE CRICIÚMA E REGIÃO

Este capítulo pretende traçar um perfil dos trabalhadores do setor metalúrgico, mecânico e de material elétrico de Criciúma e da região. O objetivo é conhecer o trabalhador em sua realidade socioeconômica. Para isso, foram abordados vários aspectos relevantes da sua vida, como: a) faixa-etária; b) escolaridade; c) tempo de permanência no emprego; d) faixa de remuneração média; e) horas contratuais semanais; f) sexo; g) nacionalidade; e h) quantidade média de trabalhadores do setor na região e no Estado, entre outras informações. Cabe destacar que um primeiro perfil sobre os trabalhadores do setor foi produzido por França e Zanelatto (2016) no artigo intitulado “Perfil, formação profissional e noção de política sindical de metalúrgicos de Criciúma e Sul Catarinense”. Como exposto neste capítulo, pretendemos avançar em outros aspectos dos trabalhadores metalúrgicos.

Para formar este perfil, foram utilizadas fontes obtidas na Relação Anual de Informações Sociais – RAIS - divulgada no final do ano de 2019. A RAIS é um relatório de informações socioeconômicas solicitado pelo Ministério do Trabalho e Emprego ligado ao governo brasileiro que exige das empresas determinadas informações dos diversos setores da economia anualmente.¹

Este perfil vai nos possibilitar conhecer o trabalhador do setor a ser estudado, no nosso caso, o setor de metalurgia, do material elétrico e do mecânico, em suas principais características socioeconômicas, lembrando que a área de abrangência do Sindicato dos metalúrgicos que está sendo estudada compreende os seguintes municípios: Criciúma, Lauro Muller, Içara, Balneário Rincão, Urussanga, Orleans, Morro da Fumaça, Cocal do Sul, Sangão, Treviso, Siderópolis, Forquilha, Morro Grande, Meleiro, Maracajá, Araranguá, Balneário Arroio do Silva, Balneário Gaivota, Timbé do Sul, Turvo, Ermo, Jacinto Machado, Sombrio, Santa Rosa do Sul, Praia Grande, São João do Sul e Passo de Torres.

De acordo com os dados da RAIS, a tabela abaixo relaciona a quantidade de vínculos formais de trabalho em nossa região por porte do estabelecimento, ou seja, pequenas, médias e grandes empresas. A pesquisa optou por ser feita com tabelas em perspectiva histórica, para

¹As tabelas foram produzidas a partir dos microdados da RAIS - Relação Anual de Informações Sociais. Os filtros aplicados correspondem ao Subsetor do IBGE igual à metalurgia (código 3) em estabelecimentos situados nos municípios de abrangência do sindicato. Em anos em que a variável Subsetor do IBGE estava ausente, foi construída a partir da tabela de correspondência com a variável CNAE 2.0, subclasse versus IBGE Subsetor, e, quando necessário, a tabela de correspondência entre CNAE 95 classe e IBGE Subsetor.

que percebamos a evolução do setor no decorrer do tempo. A pesquisa foi realizada utilizando-se de dados entre os anos de 1985 e 2019.

Tabela 4 – Vínculos formais de trabalho no setor de metalurgia por porte do estabelecimento [1985-2019]

Ano	Até 4	De 5 a 9	De 10 a 19	De 20 a 49	De 50 a 99	De 100 a 249	De 250 a 499	Zero	De 500 a 999	Total
1985	102	15	96	189	77	539	477			1495
1990	190	63	38	374	585	537	457			2244
1991	278	117	224		230	627				1476
1992	228	52	57	153	305	272				1067
1993	135	87	55	89	360	381				1107
1994	212	148	236	293	300	566	285	28		2068
1995	213	194	99	451	462	538		72		2029
1996	187	119	198	500	472	291		62		1829
1997	245	212	352	681	111	876		26		2503
1998	356	236	515	521	284	1048		37		2997
1999	367	247	401	529	153	1160		50		2907
2000	403	300	437	401	417	1321		66		3345
2001	488	413	506	667	741	1018		54		3887
2002	468	571	555	843	573	787	282	80		4159
2003	551	566	558	584	1496	622		73		4450
2004	527	660	549	1049	1017	1582		148		5532
2005	582	856	725	795	820	793	364	456		5391
2006	701	569	787	724	644	1366	467	98		5356
2007	667	603	659	1168	847	1058	1125	306		6433
2008	677	703	1010	1285	1015	1729	1360	92		7871
2009	780	818	909	1370	729	1531	726	34	751	7648
2010	658	759	1006	1073	1632	1197	399	63	2193	8980
2011	653	910	1299	1381	1410	1120	946	81	2227	10027
2012	704	1025	863	1444	1276	1365	975	105	864	8621
2013	720	943	1240	1134	1167	1723	1097	100	964	9088
2014	831	1016	1230	909	1972	1058	408	149	1723	9296
2015	875	965	1166	726	1605	575	1776	220		7908
2016	807	871	850	1034	992	948	1199	194		6895
2017	809	780	923	1100	1052	1079	622	84	640	7089
2018	835	856	1079	829	1432	870	612	121	867	7501
2019	720	969	1058	1489	1002	1271	583	110	904	8106

Fonte: RAIS-MTE; pesquisa do autor.

Podemos perceber, na tabela acima, relacionada aos vínculos formais de trabalho por porte do estabelecimento na região que, desde 1985, há um número crescente de trabalhadores, ano a ano, não importando o tamanho da empresa. Notamos que houve retração no número de trabalhadores em determinados anos, no entanto, em média, o setor cresceu na região, sendo que o maior número de trabalhadores se concentra entre os anos de 2008 e 2015. Inferimos que esse crescimento no número de trabalhadores, nesse período, esteja relacionado à estabilidade da economia e a políticas industriais dos governos Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Vana Rousseff, os quais contribuíram para a expansão do setor (CANO e SILVA, 2010. CANÊDO e PINHEIRO, 2013). A partir de 2016, tem início uma queda na quantidade de trabalhadores e uma leve recuperação no ano de 2019, que terminou com um total de 8.106 trabalhadores no setor, de acordo com o filtro utilizado para a obtenção da tabela.

Em relação à quantidade de trabalhadores por município, a região é liderada por Criciúma, seguida pelos municípios de Içara e de Urussanga. Além desses, elencamos outros quatro municípios com maior número de trabalhadores, que são: Araranguá, Cocal do Sul, Sangão e Siderópolis. Esses sete municípios compreendem a quase totalidade dos trabalhadores da região pesquisada.

Na tabela abaixo, construída com os dados da RAIS, faremos uma comparação da nossa região com as demais regiões do Estado de Santa Catarina no quesito *trabalhadores envolvidos com o setor metal mecânico em nosso Estado*. Podemos perceber que a região norte catarinense lidera o número de trabalhadores no setor metalúrgico, com 41,08% de todos os trabalhadores do Estado, ou seja, quase a metade de todos os trabalhadores do setor estão empregados nessa região. A segunda região com maior número de trabalhadores no setor é a região do vale do Itajaí, onde a cidade de Blumenau lidera em número de trabalhadores, com 13,84% do total dos trabalhadores do Estado. Notamos que nossa região fica bem atrás, em quarto lugar, em número total de trabalhadores, com o município de Criciúma liderando a região, com 6,38% do total dos trabalhadores do Estado.

Tabela 5 – Quantidade de trabalhadores por região do estado de Santa Catarina

Região	Microrregião	Percentual
Grande Florianópolis	Florianópolis	5,43%
Grande Florianópolis	Tabuleiro	0,05%
Grande Florianópolis	Tijucas	0,38%
Norte Catarinense	Canoinhas	1,20%
Norte Catarinense	Joinville	41,08%
Norte Catarinense	São Bento do Sul	3,37%
Oeste Catarinense	Chapecó	4,58%
Oeste Catarinense	Concórdia	0,70%
Oeste Catarinense	Joaçaba	3,76%
Oeste Catarinense	São Miguel do Oeste	0,83%
Oeste Catarinense	Xanxerê	1,07%
Região Serrana	Campos de Lages	1,28%
Região Serrana	Curitibanos	0,88%
Região Sul	Araranguá	0,73%
Região Sul	Criciúma	6,38%
Região Sul	Tubarão	3,24%
Vale do Itajaí	Blumenau	13,84%
Vale do Itajaí	Itajaí	6,46%
Vale do Itajaí	Ituporanga	0,92%
Vale do Itajaí	Rio do Sul	3,84%
Total		100%

Fonte: RAIS-MTE; pesquisa do autor.

Na tabela a seguir, encontramos as informações sobre a faixa-etária dos trabalhadores do setor metalúrgico, metal mecânico e de material elétrico de Criciúma e da região. De acordo com a tabela, estão relacionados trabalhadores entre 10 e 65 anos ou mais, sendo que, entre os

anos de 1999 e 2016, nenhum vínculo formal de trabalho foi registrado para trabalhadores entre os 10 e 14 anos de trabalho.

Para analisar a faixa-etária dos trabalhadores do setor, vamos utilizar novamente tabelas em perspectiva histórica, sendo que as informações obtidas na RAIS iniciam no ano de 1985 e vão até o ano de 2019. Na tabela abaixo, podemos perceber claramente que o maior número de trabalhadores do setor está entre os 18 e os 49 anos de idade, o que corresponde à faixa de idade da população economicamente ativa no Brasil. Entre os 10 e os 17 anos de idade, a quantidade de trabalhadores é menor, assim como acima dos 50 anos também; percebemos uma queda que talvez esteja relacionada à aposentadoria dos trabalhadores.

Tabela 6 – Vínculos formais de trabalho no setor de metalurgia por faixa-etária [1985-2019]

Ano	NA	15 a 17 anos	18 a 24 anos	25 a 29 anos	30 a 39 anos	40 a 49 anos	50 a 64 anos	10 a 14 anos	65 anos ou mais	Total
1985	10	63	665	320	290	98	49			1495
1990	13	152	854	447	505	208	57	3	5	2244
1991	12	79	484	325	363	170	41		2	1476
1992	4	33	322	233	287	148	36	1	3	1067
1993	1	54	328	242	310	139	30	2	1	1107
1994	2	98	596	450	641	229	45	6	1	2068
1995	1	94	565	430	674	212	50	3		2029
1996		75	489	360	594	258	49	3	1	1829
1997		101	668	515	800	345	71	2	1	2503
1998	2	143	860	622	909	375	76	7	3	2997
1999		123	904	564	886	338	88		4	2907
2000		123	1081	601	1012	428	97		3	3345
2001		109	1292	691	1142	531	120		2	3887
2002		70	1504	728	1117	580	158		2	4159
2003		64	1508	830	1235	635	173		5	4450
2004		86	1969	1024	1376	857	218		2	5532
2005		69	1848	1075	1275	860	260		4	5391
2006		58	1829	1065	1277	853	268		6	5356
2007		96	2174	1289	1557	967	345		5	6433
2008		91	2777	1584	1807	1179	422		11	7871
2009		76	2601	1462	1824	1230	444		11	7648
2010		95	3235	1756	2048	1343	494		9	8980
2011		112	3510	1967	2376	1492	561		9	10027
2012		109	2787	1712	2180	1278	540		15	8621
2013		117	2820	1803	2362	1377	590		19	9088
2014		125	2664	1853	2497	1418	709		30	9296
2015		80	1979	1556	2305	1249	699		40	7908
2016		61	1526	1402	2092	1145	634		35	6895
2017		40	1510	1370	2278	1209	649	1	32	7089
2018		53	1666	1404	2444	1240	669	2	23	7501
2019		54	1765	1478	2669	1394	716	1	29	8106

Fonte: RAIS-MTE; pesquisa do autor.

Notamos, na literatura, que a maior parte da população economicamente ativa do Brasil é constituída por jovens, e que a maior parte desses jovens vive nas áreas urbanas, o que faz com que muitos deles optem pelo trabalho nas indústrias metalúrgicas mecânicas e de material elétrico como fonte de obtenção de renda e de sustento. Em nossa região não foi/é diferente,

tendo em vista que há uma queda brusca de ocupados no setor após os sessenta e cinco anos de idade. Importante ressaltar que, após essa faixa-etária, a maioria deles já tem idade e tempo de trabalho para estarem aposentados e, por esse motivo, acabam deixando os postos de trabalho.

De acordo com o DIEESE:

Em 2009, de acordo com dados da Pnad-IBGE, a população brasileira com mais de 16 anos – e portanto, legalmente apta para o trabalho – foi estimada em 141.819.000 pessoas, das quais, cerca de 33% (46.340 mil) eram jovens com idade entre 16 e 29 anos. Do total de jovens, 73,1%, compunham a população economicamente ativa, como ocupados ou desocupados. A maior parte da população (61.744 mil) e também dos jovens (18.639 mil) viviam na região Sudeste, e entre a população de 16 a 29 anos, 69,4% integravam a força de trabalho. A Região Centro-Oeste reunia o menor contingente (10.241 mil) de pessoas acima de 16 anos que vivem no país, bem como o menor número de jovens (3.479 mil), mas uma parcela significativa desses jovens (74,2%) estava no mercado de trabalho. A maior taxa de participação de jovens foi verificada na Região Sul, onde 79,0% dos jovens (5.050 mil) faziam parte da PEA (DIEESE, 2012, p.234).

Na citação acima, ainda podemos perceber um destaque para a Região Sul, onde 79% dos jovens, ou 5.050 indivíduos, fazem parte da População Econômica Ativa – PEA -, em dados do final da primeira década do século XXI. Dados que nos informam que a população brasileira vem envelhecendo gradativamente, no entanto, ainda somos um país de jovens em sua maioria.

Continuando nossa análise sobre o perfil dos trabalhadores do setor metalúrgico de Criciúma e da região, apontamos, na sequência, para o grau de instrução e de escolaridade da categoria. Na tabela abaixo, também em perspectiva histórica, podemos observar um baixo índice de trabalhadores considerados analfabetos. De acordo com os dados pesquisados, os vínculos formais de trabalho e de trabalhadores que se encontram nessa situação, em média, tem caído ano a ano. Contudo, para o ano de 2019, ainda havia no setor 14 vínculos formais de trabalho relacionados a trabalhadores em situação de analfabetismo. Esse percentual, acreditamos, deve refletir o índice de analfabetismo geral de nossa região, que também é baixo.

Com até o quinto ano do ensino fundamental incompleto, podemos perceber também um relativo baixo índice. A maioria dos trabalhadores das indústrias metalúrgicas da região se concentra entre aqueles que possuem entre o fundamental completo e o médio completo, sendo que o nível médio completo teve uma crescente, principalmente a partir do ano de 2004. Mesmo com uma certa queda do número de vínculos formais de trabalho entre os anos de 2015 e 2019, o nível de escolaridade tem subido ano a ano, talvez devido à exigência cada vez maior do mercado de trabalho em relação à qualificação do trabalhador, ocorrida nos últimos anos. Ensino Médio é a escolaridade mais comum entre aqueles que conseguem obter um curso técnico, como o de soldador, o de mecânico, de torneiro, de auxiliar administrativo, etc. Esse grau de instrução talvez esteja relacionado às exigências que as empresas têm feito nos últimos

tempos. Acima do nível médio, temos um grupo seletivo de poucos trabalhadores com nível superior completo e incompleto. O número de trabalhadores com nível superior completo tem sido crescente desde o ano de 1985, atingindo seu máximo no ano de 2019, com 459 vínculos formais de trabalho para aquele ano. Mestrado e Doutorado são o nível de escolaridade com menor índice. A categoria aponta, para o ano de 2019, dois vínculos formais de trabalho relacionados a trabalhadores que possuem doutorado e três que possuem mestrado. Porém, um dado que chama a atenção na tabela abaixo é o número de mestres e de doutores para o ano de 2008, com 8 vínculos para doutores e 12 para mestres.

Tabela 7 – Vínculos formais de trabalho no setor de metalurgia por nível de escolaridade [1985-2019]

Ano	NA	Analfabeto	Até 5ª Incompleto	5ª completo Fundamental	6ª ao 9ª Fundamental	Fundamental Completo	Médio Incompleto	Médio Completo	Sup. Incompleto	Sup. Completo	Doutorado	Mestrado	Total
1985	8	17	174	505	373	215	68	95	17	23			1495
1990	8	47	169	526	690	446	131	164	32	31			2244
1991	14	20	97	405	445	282	81	91	20	21			1476
1992	20	11	62	257	280	253	76	79	13	16			1067
1993	10	10	46	367	290	221	71	69	10	13			1107
1994		18	96	397	628	513	154	202	22	38			2068
1995	11	14	106	296	645	558	161	179	19	40			2029
1996	20	24	131	393	450	491	123	157	19	21			1829
1997		34	135	459	623	751	161	269	36	35			2503
1998		29	118	468	833	934	225	322	35	33			2997
1999		22	107	442	768	926	262	317	31	32			2907
2000		26	89	479	807	1146	356	374	34	34			3345
2001		31	117	629	979	1158	411	480	42	40			3887
2002		50	100	524	1015	1158	490	700	64	58			4159
2003		27	120	485	1012	1241	572	819	89	85			4450
2004		20	151	543	1206	1549	746	1098	134	85			5532
2005		21	135	485	1056	1408	751	1312	135	88			5391
2006		39	87	397	953	1268	775	1595	140	101	1		5356
2007		19	159	604	925	1603	961	1898	146	118			6433
2008		20	197	638	1002	2034	1057	2493	220	190	8	12	7871
2009		20	325	521	899	1633	1073	2699	253	224	1		7648
2010		19	296	470	1046	1734	1267	3603	299	246			8980
2011		17	315	565	1145	1757	1401	4262	311	253	1		10027
2012		14	270	406	832	1364	1067	4158	242	267	1		8621
2013		22	310	382	811	1303	1090	4584	275	310	1		9088
2014		23	357	364	788	1248	1088	4823	285	319	1		9296
2015		20	333	265	601	888	875	4373	254	298	1		7908
2016		13	232	201	471	748	728	3941	247	313	1		6895
2017		10	240	203	494	772	706	4044	267	352	1		7089
2018		13	254	211	556	796	811	4177	274	406	1	2	7501
2019		14	282	213	603	808	953	4485	284	459	2	3	8106

Fonte: RAIS-MTE; pesquisa do autor.

Os dados da RAIS também possuem informações sobre a raça ou a cor referentes aos trabalhadores do setor. De acordo com os dados, podemos perceber que o maior número de vínculos formais de trabalho é de trabalhadores que estão classificados como brancos ou

brancas. Nossa região é predominantemente formada por população de origem europeia, e isso se reflete no número de trabalhadores identificados como brancos. Entanto, percebemos que isso não se verifica em todo o país, pois, de acordo com os estudos do DIEESE (2012), notamos que o Brasil foi/é um país que possui uma grande população negra e parda, podendo chegar até mesmo a ser a metade da população do país. O que acontece é que essa população é discriminada e excluída do processo econômico e social, além de também ter menos oportunidades e apresentar maiores índices de analfabetismo; estão entre o maior número de desempregados. Acabam ficando com o trabalho mais desvalorizado e mais mal remunerado.

Ainda que mais da metade da população economicamente ativa (PEA) identificada pela Pnad em 2009 seja constituída por pretos e pardos (50,7%), este segmento populacional não apenas ganha menos e tem mais dificuldades em atingir níveis mais elevados de escolarização, como também tem forte presença entre os desempregados. E, quando ocupados, os setores em que a presença dos negros é mais intensa são aqueles que exigem menor escolarização formal e, conseqüentemente, oferecem remuneração mais baixa. Assim, os setores de atividade onde os negros se mostraram mais presentes foram o emprego doméstico e o setor agrícola, nos quais corresponderam a 61,6% e 61,5% do total dos ocupados, respectivamente. No emprego doméstico, dos 7,22 milhões de ocupados, 93% são mulheres, a maioria, negra (DIEESE 2012, p. 200).

Essa é a realidade do país, conforme os órgãos da pesquisa, ou seja, mesmo sendo pretos e pardos, o que corresponde à maior parte da população brasileira, esses grupos sociais estão entre as camadas mais desfavorecidas da sociedade, com as menores taxas de escolaridade, de renda, de empregos formais, de acesso à saúde, de moradia, sendo discriminados e excluídos do processo produtivo do país.

Também pesquisamos a quantidade de trabalhadores por sexo. De acordo com os dados obtidos na base da RAIS, é possível observar a quantidade de homens e de mulheres que se ocupam no setor metalúrgico, metal mecânico e de material elétrico da base de atuação do sindicato. Verificamos, na tabela abaixo, um número bastante desigual na questão de trabalhadores na classificação por sexo. Temos, na região, para o ano de 2019, em vínculos formais de trabalho, um total de 6.845 vínculos relacionados a trabalhadores homens para uma minoria de apenas 1.261 vínculos relacionados a trabalhadoras mulheres. Portanto, podemos concluir, claramente, que o setor foi/é constituído por ampla maioria de trabalhadores homens. Observamos, também, que o ano em que o setor mais empregou mulheres foi o ano de 2014, com 1.381 vínculos formais de trabalho relacionados a trabalhadoras classificadas como do sexo feminino, seguido do ano de 2015, com 1.264 vínculos formais de trabalho relacionados ao sexo feminino. Apesar de a maioria dos trabalhadores ainda ser masculina, a quantidade de trabalhadoras do sexo feminino cresceu bastante no decorrer do tempo.

Tabela 8 – Vínculos formais de trabalho no setor de metalurgia por sexo [1985-2019]

Ano	Masculino	Feminino	Total
1985	1411	84	1495
1990	2100	144	2244
1991	1385	91	1476
1992	1006	61	1067
1993	1043	64	1107
1994	1973	95	2068
1995	1923	106	2029
1996	1723	106	1829
1997	2354	149	2503
1998	2693	304	2997
1999	2537	370	2907
2000	2823	522	3345
2001	3330	557	3887
2002	3771	388	4159
2003	4029	421	4450
2004	4960	572	5532
2005	4857	534	5391
2006	4852	504	5356
2007	5702	731	6433
2008	6964	907	7871
2009	6599	1049	7648
2010	7835	1145	8980
2011	8549	1478	10027
2012	7546	1075	8621
2013	7834	1254	9088
2014	7915	1381	9296
2015	6644	1264	7908
2016	5728	1167	6895
2017	5919	1170	7089
2018	6243	1258	7501
2019	6845	1261	8106

Fonte: RAIS-MTE; pesquisa do autor.

A participação do trabalho das mulheres nas metalúrgicas é bem pequena. Historicamente, esse não é um setor muito atrativo para as mulheres. A maior parte das trabalhadoras se encontra em outros setores, como o de trabalhos domésticos, o de comércio, nas indústrias têxteis e na educação. De modo geral, a participação delas no mercado de trabalho vem se ampliando, porém, o setor metalúrgico ainda é um setor predominantemente masculino.

A ampliação da participação feminina no mercado de trabalho resultou de vários fatores como a emancipação econômica da mulher, a redução da taxa de fecundidade, a busca da realização profissional e a elevação da escolaridade, uma vez que, em 2009, as mulheres ocupadas estudaram, em média, 8,7 anos, e os homens, 7,7. A necessidade de contribuir para o sustento da família também foi um fator determinante, principalmente em casos de desemprego ou mesmo de ausência do cônjuge. Em 2009, no Brasil, cerca de 22 milhões de famílias eram chefiadas por mulheres (35,2% do total de famílias no país). Entre as famílias sem cônjuge, 49,0% do tipo mãe com filhos, das quais 27,6% eram compostas por mães com todos os filhos de 14 anos ou mais e 15,6% por mães com todos os filhos menores de 14 anos. (DIEESE 2012, p. 216).

Observamos, ainda, que o setor metalúrgico tem empregado um número crescente de mulheres, porém, parece estar relacionado ao desenvolvimento do setor, ou seja, o número mais

elevado de mulheres observado para o ano de 2019 está relacionado ao maior número de empresas que foram surgindo no decorrer dos anos. Dos 84 vínculos formais de trabalho relacionados a mulheres em 1985, para o ano de 2019, podemos observar a ocorrência de 1.261, no entanto, é possível notar que muitas empresas surgiram nesse período de tempo, o que explica a maior incidência de mulheres, sendo que a proporção permanece quase a mesma.

Outra informação que obtivemos na RAIS é referente à nacionalidade dos trabalhadores. Percebemos que há trabalhadores de mais de 20 nacionalidades diferentes, prevalecendo, obviamente, a nacionalidade brasileira, com um total, para 2019, de 7.997 brasileiros. Entre as outras nacionalidades, também para o ano de 2019, estão: chilena (1), portuguesa (1), paraguaia (4), uruguaia (1), africana (5), italiana (2), haitiana (82), sul-africana (1), latino-americana (5); ganesa (4), venezuelana (1) senegalesa (2).

O fenômeno que mais chama atenção foi/é o do crescente aumento de haitianos empregados no setor, que começa a crescer bastante a partir de 2013. O número de haitianos sobe de 26, em 2013, para 35, em 2014, 43, em 2015, e assim por diante, vai crescendo até atingir o número de 82 vínculos formais de trabalho para a nacionalidade haitiana no ano de 2019. Observemos a tabela abaixo.

Tabela 9 – Vínculos formais de trabalho no setor de metalurgia por nacionalidade [1985-2019]

Ano	NA	Brasileira	Naturalidade brasileira	Argentina	Alemnha	Chilena	Francesa	Portuguesa	Norte-Americana	Paraguaia	Uruguuaia	Outros Africanos	Italiana	Haitiano	Sul-Africano	Equatoriano	Chinesa	Outros Latino-americanos	Outros	Ganesa	Venezuelano	Senegalesa	Total
1985	3	1487	2	2	1																		1495
1990	4	2237	3																				2244
1991	5	1470	1																				1476
1992	4	1063																					1067
1993		1106	1																				1107
1994		2066	1	1																			2068
1995		2027	2																				2029
1996	4	1823	2																				1829
1997		2501				2																	2503
1998	1	2993			3																		2997
1999		2902			4	1																	2907
2000		3343			2																		3345
2001		3884			2	1																	3887
2002		4156			2	1																	4159
2003		4447			2			1															4450
2004		5530			2																		5532
2005		5388			2	1																	5391
2006		5352			3	1																	5356
2007		6429			3	1																	6433
2008		7868			2	1																	7871
2009		7644	1		2	1																	7648
2010		8974	1		1	1			2	1													8980
2011		10014	1	1	2	4		4	3	2													10027
2012		8609	1	1	2	4		4	2	1	1												8621
2013		9045	1				1	5	5	1	3	26	1										9088
2014		9228			2	1	3	5	1	10	2	35	2	1	1	4	1						9296
2015		7833			2	1	3	5	1	11	1	43	3	1	4								7908
2016		6841			2	1	2	3		6	2	36	2										6895
2017		7040			2	1	1	2	6	3	31	1							1	2			7089
2018		7413	1		1	1	2	4	1	11	2	43	1					20		2			7501
2019		7997			1	1	1	4	1	5	2	82	1					5		4	1	2	8106

Fonte: RAIS-MTE; pesquisa do autor.

O segundo maior número de trabalhadores estrangeiros em nossa região está relacionado ao grupo classificado pela RAIS como *outros africanos*, sendo que esses trabalhadores começam a chegar na região no ano de 2014. Para o ano de 2019, tínhamos 5 vínculos formais de trabalho para outros africanos, e o maior número foi em 2015 e 2018, quando a região registrou 11 trabalhadores de outras nacionalidades africanas. Esta outra tabela abaixo mostra que, apesar da imigração crescente em nossa região, a esmagadora quantidade de mão de obra ainda é a nacional.

Tabela 10 – Vínculos formais de trabalho no setor de metalurgia por nacionalidade brasileira [1985-2019]

Ano	Brasileira	Outras	NA	Total
1985	1487	5	3	1495
1990	2237	3	4	2244
1991	1470	1	5	1476
1992	1063		4	1067
1993	1106	1		1107
1994	2066	2		2068
1995	2027	2		2029
1996	1823	2	4	1829
1997	2501	2		2503
1998	2993	3	1	2997
1999	2902	5		2907
2000	3343	2		3345
2001	3884	3		3887
2002	4156	3		4159
2003	4447	3		4450
2004	5530	2		5532
2005	5388	3		5391
2006	5352	4		5356
2007	6429	4		6433
2008	7868	3		7871
2009	7644	4		7648
2010	8974	6		8980
2011	10014	13		10027
2012	8609	12		8621
2013	9045	43		9088
2014	9228	68		9296
2015	7833	75		7908
2016	6841	54		6895
2017	7040	49		7089
2018	7413	88		7501
2019	7997	109		8106

Fonte: RAIS-MTE; pesquisa do autor.

O ano de 2019 foi o ano em que a região empregou o maior número de trabalhadores de outros países, perfazendo um total de 109 estrangeiros para um número total de 8.106 trabalhadores no setor na região, sendo que o número vinha crescendo a partir do ano de 2011, que registrou um total de 13 trabalhadores de outras nacionalidades empregadas.

Outra informação relevante encontrada na base de dados da RAIS foi a faixa de hora contratual semanal que nos permite saber qual a quantidade de horas trabalhadas mais frequente

entre os trabalhadores do setor metalúrgico da nossa região. Podemos perceber, na tabela abaixo, que a grande maioria dos trabalhadores é contratada para trabalhar entre 41 e 44 horas semanais. As demais faixas de horas contratuais estão bem aquém, com poucos trabalhadores contratados para jornadas de trabalho inferiores a 41 ou 44 horas semanais. Para o ano de 2019, do total de vínculos formais de trabalho, de 8.106, 7.880 eram contratados para jornadas de trabalho entre 41 e 44 horas semanais, ao enquanto todas as demais jornadas semanais inferiores a 41 horas semanais somadas contavam com apenas 207 trabalhadores.

Tabela 11 – Vínculos formais de trabalho no setor de metalurgia por faixa de horas contratuais semanais [1985-2019]

Ano	NA	Até 12 horas	21 a 30 horas	41 a 44 horas	31 a 40 horas	16 a 20 horas	13 a 15 horas	Total
1985	1495							1495
1990	2244							2244
1991	1476							1476
1992	1067							1067
1993	1107							1107
1994	1	7	4	2056				2068
1995	2	1	5	2013	8			2029
1996			7	1609	212	1		1829
1997		6	7	2291	199			2503
1998		1	5	2990	1			2997
1999		2	8	2895	1	1		2907
2000		1	10	3333	1			3345
2001		1	11	3865	9		1	3887
2002		9	25	4117	6	1	1	4159
2003		12	19	4411	2	4	2	4450
2004		11	34	5471	9	6	1	5532
2005		12	40	5309	22	8		5391
2006		2	34	5310	5	5		5356
2007		3	58	6309	56	7		6433
2008		2	63	7783	19	4		7871
2009		3	55	7557	23	8	2	7648
2010		3	65	8866	26	18	2	8980
2011		2	77	9928	8	10	2	10027
2012		4	73	8505	13	24	2	8621
2013		4	89	8946	23	24	2	9088
2014		3	82	9143	28	38	2	9296
2015		5	73	7779	22	26	3	7908
2016		2	76	6752	24	36	5	6895
2017		4	81	6914	25	60	5	7089
2018		14	76	7310	21	77	3	7501
2019	19	10	77	7880	33	84	3	8106

Fonte: RAIS- MTE; pesquisa do autor.

Na sequência do capítulo, a pesquisa vai tratar da situação econômica e financeira dos trabalhadores, ou seja, o quanto recebem mensalmente e qual foi o piso salarial acordado com cada sindicato patronal para o ano final da pesquisa. Não podemos esquecer que são 5 os sindicatos patronais: Sindmaq, Sindimetal, Simec Caravaggio, Reparação de Veículos e o Sindimetal Braço do Norte - FIESC.

Tabela 12 – Vínculos formais de trabalho no setor metalurgia por faixa de remuneração em dezembro em salários mínimos [1985-2019]

Ano	NA	0,51 a		1,01 a		1,51 a		2,01 a		3,01 a		4,01 a		5,01 a		7,01 a		10,01 a		15,01 a		20,01 a		Total
		salários mínimos	salários mínimos	salários mínimos	salários mínimos	salários mínimos	salários mínimos	salários mínimos	salários mínimos	salários mínimos	salários mínimos	salários mínimos	salários mínimos	salários mínimos	salários mínimos	salários mínimos	salários mínimos	salários mínimos	salários mínimos	salários mínimos	salários mínimos	salários mínimos	salários mínimos	
1905	33	126	670	358	119	65	58	31	24	10	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1495
1990	55	62	225	651	616	210	207	123	49	31	15	15	15	15	15	15	15	15	15	15	15	15	15	2244
1991	58	46	209	225	481	200	131	62	24	10	32	32	32	32	32	32	32	32	32	32	32	32	32	1476
1992	33	35	203	100	262	197	92	19	15	9	22	22	22	22	22	22	22	22	22	22	22	22	22	1067
1993	118	55	295	219	213	175	83	25	10	1	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	1107
1994	55	69	123	115	414	552	310	260	119	34	10	10	10	10	10	10	10	10	10	10	10	10	10	2060
1995	25	73	196	115	383	634	231	103	126	47	11	11	11	11	11	11	11	11	11	11	11	11	11	2029
1996	5	53	165	95	312	636	214	204	86	35	14	14	14	14	14	14	14	14	14	14	14	14	14	1829
1997	4	29	204	161	311	825	421	298	163	53	17	17	17	17	17	17	17	17	17	17	17	17	17	2503
1998	11	96	347	355	459	865	303	260	149	39	15	15	15	15	15	15	15	15	15	15	15	15	15	2997
1999	64	67	375	384	470	738	300	231	122	40	17	17	17	17	17	17	17	17	17	17	17	17	17	2907
2000	17	4	544	615	633	726	333	210	116	35	10	10	10	10	10	10	10	10	10	10	10	10	10	3345
2001	13	153	672	582	1097	730	309	178	90	30	8	8	8	8	8	8	8	8	8	8	8	8	8	3887
2002	19	116	477	551	1500	705	259	197	119	34	13	13	13	13	13	13	13	13	13	13	13	13	13	4159
2003	23	123	556	490	1819	779	202	217	116	27	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	4450
2004	43	191	664	745	2274	830	375	238	113	43	8	8	8	8	8	8	8	8	8	8	8	8	8	5532
2005	76	122	561	811	2276	703	306	233	110	21	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	5391
2006	89	109	500	1372	2005	644	308	155	74	11	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	5356
2007	99	152	941	2016	1909	691	291	149	82	13	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	6433
2008	108	166	1059	2739	2338	839	342	104	81	12	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	7871
2009	111	167	1276	2611	2056	827	331	101	72	14	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	7648
2010	144	231	1628	3378	2217	827	295	176	74	9	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	8980
2011	105	190	1417	3052	2783	951	325	227	70	17	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	10027
2012	195	107	1562	2934	2325	880	266	195	53	16	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	8621
2013	213	208	1563	3079	2585	82	294	180	53	16	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	9008
2014	235	204	1454	3187	2697	919	321	215	42	15	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	9298
2015	109	150	1116	2652	2452	33	278	187	34	11	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	7908
2016	104	178	1003	2201	2196	706	226	156	33	7	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	6895
2017	323	206	1010	2413	2087	637	227	143	36	4	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	7009
2018	172	212	1001	2643	2235	706	261	147	37	5	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	7501
2019	421	155	1159	3079	2123	720	223	140	30	6	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	8106

Fonte: RAIS- MTE; pesquisa do autor.

Percebemos, na tabela, com os dados da RAIS, que a faixa salarial média está entre 1,5 e 3 salários mínimos, sendo que, para o ano de 2019, 3.079 trabalhadores estavam recebendo entre 1,5 e 2 salários mínimos, e a segunda faixa salarial mais frequente era entre 2 e 3 salários mínimos, com um número de 2.123 trabalhadores recebendo dentro dessa faixa salarial.

Conforme o site oficial do Sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos de Criciúma e região, o piso salarial da categoria é determinado em convenção coletiva anual, sendo que, para cada sindicato patronal, há um piso salarial diferente, de acordo com o negociado em cada convenção coletiva, com seus respectivos sindicatos patronais. Portanto, para os trabalhadores empregados em empresas ligadas ao Sindmaq, para o ano de 2019, havia um piso salarial de 1.581,96 reais, exceto para *office-boys*, telefonistas, empregados no serviço de jardinagem, faxina e limpeza, copa e cozinha. Importante colocar que esse valor também não era assegurado para trabalhadores com menos de 90 dias de trabalho nas empresas.

Para os trabalhadores empregados nas empresas ligadas ao Sindimetal, também para o ano de 2019, era assegurado um piso salarial de 1.562,78 reais, exceto para a função de *office-boy* e trabalhadores com menos de 90 dias de efetivo trabalho nas empresas. O Simec Caravaggio, Sindicato patronal, por sua vez, com sede no distrito de Caravaggio, no município de Nova Veneza, para o ano de 2019, havia em convenção coletiva acordado um piso salarial de 1.508,75 reais para cada trabalhador, com exceção, também, para a função de *office-boy* e para trabalhadores com menos de 45 dias de efetivo trabalho.

O Sindicato patronal Reparação de Veículos, que agrega oficinas mecânicas e diversos ramos ligados à reparação de veículos, em convenção coletiva para o ano de 2019, em comum acordo com o sindicato dos trabalhadores, determinou um piso salarial de 1.468,60 reais, exceto para *office-boys* e trabalhadores com menos de 90 dias de efetivo trabalho em suas empresas associadas.

Assim sendo, todas as empresas filiadas aos cinco sindicatos patronais atuantes na região de Criciúma estabeleceram pisos salariais menores para os trabalhadores recém-contratados, com menos de 90 ou 45 dias na empresa, e para os trabalhadores das determinadas funções acima citadas.

Na sequência, vamos analisar os vínculos formais de trabalho por faixa de tempo no emprego, ou seja, a quantidade de anos ou meses em que os trabalhadores têm se mantido na atividade do setor metalúrgico no decorrer dos anos. É fácil perceber que a permanência na atividade varia muito ano a ano. Então, vamos analisar alguns anos em específico, tentando relacionar ao período histórico que o país estava vivendo na época.

Tabela 13 – Vínculos formais de trabalho no setor de metalurgia por faixa de tempo de emprego [1985-2019]

Ano	Até 2,9 meses	3,0 a 5,9 meses	6,0 a 11,9 meses	12,0 a 23,9 meses	24,0 a 35,9 meses	36,0 a 59,9 meses	60,0 a 119,9 meses	120,0 meses ou mais	NA	Total
1985	268	156	357	328	124	118	123	21		1495
1990	380	272	358	619	260	233	95	27		2244
1991	197	208	207	251	283	206	90	21	13	1476
1992	124	120	204	193	89	202	115	19	1	1067
1993	214	134	255	167	101	105	108	18	5	1107
1994	376	232	328	408	199	212	277	29	7	2068
1995	208	246	512	405	252	197	175	34		2029
1996	281	187	303	413	243	225	147	30		1829
1997	410	367	442	438	287	317	190	51	1	2503
1998	529	327	597	680	296	353	175	40		2997
1999	501	283	524	631	400	318	212	35	3	2907
2000	582	381	642	634	379	412	261	48	6	3345
2001	569	535	796	757	401	477	292	59	1	3887
2002	721	517	843	782	436	390	369	91	10	4159
2003	631	572	800	1012	488	451	373	121	2	4450
2004	882	858	1123	971	548	589	399	152	10	5532
2005	642	580	1071	1220	585	611	513	167	2	5391
2006	813	683	931	964	701	596	459	189	20	5356
2007	1111	952	1119	1171	606	740	517	211	6	6433
2008	1246	985	1704	1528	766	787	609	235	11	7871
2009	1143	848	1243	1696	893	863	702	240	20	7648
2010	1826	1145	1797	1358	915	948	714	260	17	8980
2011	1781	1147	1756	2117	881	1128	896	303	18	10027
2012	1458	929	1398	1547	1170	951	832	324	12	8621
2013	1632	1040	1372	1506	974	1183	1016	343	22	9088
2014	1586	1103	1631	1536	867	1164	1000	393	16	9296
2015	987	607	1258	1599	880	1005	1154	414	4	7908
2016	667	497	990	1129	969	1002	1181	452	8	6895
2017	850	624	1043	1023	701	1122	1223	489	14	7089
2018	1065	730	1214	1319	585	930	1151	490	17	7501
2019	1206	791	1311	1494	808	684	1192	604	16	8106

Fonte: RAIS-MTE; pesquisa do autor

Na tabela acima, podemos perceber que, entre os anos de 1985 e 1995, período que compreende os governos de José Sarney, Fernando Collor de Mello e Itamar Franco, o maior número de meses em que os trabalhadores permaneceram na atividade estava entre os 6 e os 23,9 meses.

Para o período que compreende os dois mandatos de Fernando Henrique Cardoso na Presidência da República, entre os anos de 1995 e 2003, a média de permanência na atividade é a mesma, entre os 6 e os 23,9 meses. Porém, podemos perceber uma leve alteração, para cima, pois houve um aumento na permanência na atividade, ano a ano, sendo que, para 2002, houve um recorde de 782 trabalhadores que haviam permanecido na atividade pelo menos entre os 12 e 23,9 meses. É importante que não deixemos de levar em consideração o aumento total de

trabalhadores para o período, já que houve um aumento de trabalhadores empregados no setor, que se observa ano a ano.

No governo de Luiz Inácio Lula da Silva, entre os anos de 2003 e 2011, o número total de trabalhadores aumenta bastante e salta de 4.450 em 2003, seu primeiro ano de governo, para 10.027 seu último ano de governo, sendo o maior número de trabalhadores no setor em toda a história da região.

A tabela que vamos analisar a seguir nos permite observar a natureza jurídica especial das empresas que mais empregam trabalhadores no setor metalúrgico e metal mecânico na nossa região.

Tabela 14 – Vínculos formais de trabalho no setor de metalurgia por natureza jurídica especial [1985-2019]

Ano	NA	1. Administração Pública	2. Entidades Empresariais	4. Pessoas Físicas	Total
1985	1495				1495
1990	2244				2244
1991	1476				1476
1992	1067				1067
1993	1107				1107
1994		8	2060		2068
1995	12		2016	1	2029
1996	12		1817		1829
1997			2503		2503
1998			2997		2997
1999			2907		2907
2000			3345		3345
2001			3887		3887
2002			4159		4159
2003			4450		4450
2004			5532		5532
2005			5391		5391
2006			5356		5356
2007			6433		6433
2008			7871		7871
2009			7647	1	7648
2010			8979	1	8980
2011			10025	2	10027
2012			8618	3	8621
2013			9086	2	9088
2014			9294	2	9296
2015			7908		7908
2016			6895		6895
2017			7089		7089
2018			7501		7501
2019			8106		8106

Fonte: RAIS-MTE; pesquisa do autor

A tabela nos permite perceber que o setor privado é o único setor que emprega mão de obra em nossa região, sendo que o último ano que registrou trabalhadores empregados na

administração pública foi em 1994. Pessoas físicas também fazem parte de uma minoria empregada no setor na região.

A tabela abaixo mostra a natureza jurídica das empresas que estão estabelecidas em nossa região. É fácil perceber que as que mais empregam em nossa região são as empresas de sociedade limitada, seguidas pelas de sociedade anônima fechada e, em terceiro lugar, as firmas mercantis individuais. Também é perceptível o aumento no número de vínculos de trabalho na maioria das empresas no decorrer do tempo. As cooperativas e as empresas de outras naturezas jurídicas têm menos trabalhadores, assim como as empresas de sociedade anônima aberta.

Tabela 15 – Vínculos formais de trabalho no setor de metalurgia por natureza jurídica [1985-2019]

Ano	SA FECH	SOC QT LTDA	FRM MER IND	COOPERATIVA	CONTR IND07	SA ABERTA	AUTARQ EST	SOC SIMP LTD	GRUP SOC	CONTR IND	NA	EMP PUB	OUT INST EXT
2002	433	5532	448	4	1								
2003	344	6507	382	5	1								
2004	366	7676	395	3									
2005	345	7825	461	40	7	2							
2006	239	8503	426	61	17	7							
2007	287	10200	462	55	7								
2008	992	12009	579	54	9	21							
2009	1159	11550	576	59	10	24	3	1					
2010	1775	13982	716	64	1	175	6						
2011	1917	16003	846	64	2	216							
2012	2044	14972	787	58	3	6	57						
2013	1784	16174	926	111	2	186							
2014	1676	15433	1067	259	2	197	3	79	25				
2015	1648	13413	1280	101	234	41	2						
2016	1541	10878	727	81	2	6	30	129					
2017	1622	10912	747	82	1	5	1	1071					
2018	2669	11008	697	79	3	1033							
2019	2915	11493	735	95	6	7							

Fonte: RAIS-MTE; pesquisa do autor

O estudo realizado neste capítulo procurou traçar um perfil dos trabalhadores representados na base territorial do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria Metal Mecânica e de Material Elétrico de Criciúma e da região, SINMETAL, filiado à Central Única dos Trabalhadores - CUT. Ele se destina a possibilitar o conhecimento de quem é o trabalhador em seus aspectos econômicos, sociais e culturais. O intuito é possibilitar aos dirigentes sindicais conhecer os trabalhadores os quais eles representam. Os dados mostram avanços no nível de

emprego em determinadas épocas, mas também retrocessos que podem ser preocupantes para a categoria. Por fim, observamos que a maioria dos trabalhadores do setor são homens, não negros, jovens, com grau de instrução médio e cujo salário, considerando a categoria, está em média entre 1,5 e 3 salários mínimos.

3 AS LUTAS DOS TRABALHADORES METALÚRGICOS, SUAS CONQUISTAS E SEUS REVESES

Este quarto e último capítulo do presente estudo pretende analisar a trajetória de lutas da categoria dos trabalhadores do setor metalúrgico, mecânico e de material elétrico de Criciúma e da região desde o início, em 1962, ano da fundação da Associação (necessária pela legislação da época), passando pela fundação do Sindicato, em 1965, até o ano de 2018. De acordo com Boito Jr.:

A particularidade do sindicato oficial no Brasil é que ele é um ramo da burocracia do Estado. Trata-se de uma entidade de direito público rigidamente subordinada à cúpula da burocracia do Estado. À sua representatividade legal outorgada corresponde um minucioso controle de sua organização e atividade. A CLT e as portarias ministeriais regulamentam itens como a denominação dos sindicatos, sua organização por categorias, sua base territorial, e seus serviços, obrigatórios ou facultativos, de assistência jurídica e social. Estabelecem a duração e o tipo de mandato dos diretores do sindicato, o número de integrantes de uma diretoria sindical, as funções de cada membro da diretoria e a habilitação dos candidatos a cargos de direção. No tocante ao estatuto, exigem do sindicato a colaboração com o governo e a promoção da paz social e proíbem a propaganda ou a atividade partidária na sede do sindicato. A legislação regulamenta, também, as assembleias sindicais. Estabelece a forma de convocação, o quórum e o método de votação para cada tipo de assembleia sindical: assembleia de campanha salarial, assembleia para aprovação de contas da diretoria, etc. (BOITO JR, 1991, p. 55).

Durante a pesquisa, identificamos três fases no processo de atuação do sindicato. Essas fases estão relacionadas ao momento político e econômico pelo qual o país passou desde os anos de 1960. A primeira fase inicia com o golpe civil-militar que ocorre no contexto da Guerra Fria e que instaurou uma ditadura no país a partir de 1964, e vai até, aproximadamente, o ano de 1979, com a transição para a redemocratização.

A segunda fase começa na transição dos governos militares para os governos civis. Passa pela grande onda de greves do final dos anos 1970, pela abertura política e pela criação da CUT em 1983. Passa, ainda, pela conquista de direitos, com a Constituição de 1988, e termina como o avanço das medidas neoliberais empreendidas pelos governos dos presidentes Fernando Collor de Mello e Fernando Henrique Cardoso.

A terceira e última fase começa no processo de lutas do sindicato com o governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, a partir do ano de 2002, e vai até o ano de 2018. Período da aproximação da CUT, e do sindicalismo em geral, ao governo; também passa pelo governo de Dilma Rousseff e termina no governo de Michel Temer e a reforma trabalhista, que impacta profundamente a organização sindical.

3.1 PRIMEIRA FASE: O SINDICATO NO CONTEXTO DA GUERRA FRIA E DA DITADURA CIVIL-MILITAR - 1962 – 1979

De acordo com o livro “O Operário e o Padre”, de 2012, o Sindicato dos Metalúrgicos de Criciúma e Região começa a ser idealizado no início dos anos 1960, a partir da iniciativa do metalúrgico Raul Clemente Pereira. Junto ao operário, que, na época trabalhava na oficina da revenda Júlio Gaidzinski, havia a colaboração de um padre, por isso o título do livro.

No período em questão, o mundo vivia a chamada Guerra Fria, que correspondia a um momento vivido logo após a Segunda Guerra Mundial, em que as superpotências, que saíram vencedoras na guerra, dividiram o mundo em duas zonas de influência. Do lado capitalista, estavam os Estados Unidos da América e do lado comunista, a União Soviética.

Para Sebastião Tavares Pereira, autor do livro citado acima, a presença do padre Hélio Simas na fundação do Sindicato estaria relacionada a esta conjuntura mundial da época. A Igreja Católica temia a aproximação dos trabalhadores e dos sindicalistas ao comunismo ateu que governava a União Soviética e os demais países comunistas.

O papel do padre, então, era o de divulgar a encíclica papal *Mater et Magistra*, publicada pelo então papa João XXIII. A tal encíclica pregava o direito dos trabalhadores de organizarem-se em associações, em sindicatos, desde que continuassem na fé cristã. A tarefa do padre Hélio, portanto, era a de auxiliar na fundação de um sindicato que não se deixasse levar para o lado do comunismo ateu de orientação marxista.

A partir de 1964, um novo fato ocorre no Brasil. Acontece a deposição do presidente João Goulart e a instauração de uma ditadura civil-militar, que interrompe novamente o curto período democrático que o país vivia desde o fim da era Vargas. Período de intervenções nos sindicatos, destituições de diretorias, proibição de greves e de manifestações políticas. É nesse contexto que, em 1965, acontece a fundação do Sindicato. Segundo Pereira:

Em 28 de julho de 1965, no 16º mês de vigência do movimento revolucionário de 1964, o padre Hélio José de Simas encontrava-se em Criciúma, no Estado de Santa Catarina, no Sul do Brasil, participando do evento de transformação da Associação Profissional em Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e do Material Elétrico da Zona Sul do Estado de Santa Catarina, Sinmetal, conforme a sigla atualmente utilizada. Veio de Porto Alegre, no Rio grande do Sul, especialmente para assistir à solenidade de entrega da Carta Sindical. Não foi chamado para compor a mesa dos trabalhos, ao contrário do que deveria ocorrer. Não se pode considerar uma gafe do amigo sindicalista Raul Clemente Pereira. Certamente solicitou para não ir a mesa, onde se juntavam membros do clero, sindicalistas, o deputado federal e minerador Diomício Freitas e outras autoridades (PEREIRA, 2012, p. 30).

Observem que o autor se refere ao golpe civil-militar da época como “movimento revolucionário”, expressão usada pelos militares para disfarçar o golpe e que confunde muitas

peessoas até os dias de hoje. Era difícil admitir um golpe de Estado, por isso as autoridades militares e civis, que foram a favor da deposição de João Goulart, nunca admitiram ter dado um golpe de Estado e instalado uma ditadura; sempre trataram de mascarar seus atos como necessários para garantir a democracia no país e livrar a população do “comunismo”.

Na época, o papel do padre Hélio Simas era o de coordenar cursos de sindicalismo, os quais eram ministrados por professores, advogados, juízes, delegados, ou seja, profissionais com conhecimentos nas áreas afins necessárias para a formação de sindicalistas. Havia sempre a preocupação de formar sindicalistas cristãos, que não se envolvessem com as ideias marxistas/comunistas, como já foi mencionado, principalmente pela questão do ateísmo e da extinção da propriedade privada preconizada por essas ideias.

Com o advento do golpe civil-militar, o sindicato recém-fundado ficou de mãos atadas por um longo período. As intervenções nos sindicatos foram constantes. Segundo Nagasava:

As intervenções sindicais aconteceram desde o primeiro dia da ditadura. Não foi necessária sequer a oficialização de posse de Arnaldo Sussekind como ministro do trabalho para que os membros de diretorias sindicais fossem perseguidos e presos, os sindicatos invadidos e seu aparelhamento físico destruído ou apreendido. Considerando-se o temor dos golpistas da instalação de uma “República Sindicalista”, não surpreende os militares terem mirado desde o início os sindicatos. A palavra de ordem era prender, apreender, intervir e depois informar o Ministério do Trabalho (NAGASAVA, 2018, p. 117).

As palavras da historiadora Heliene Nagasava demonstram bem o clima que se instaurou no Brasil pós-1964. A ordem democrática foi interrompida e um dos alvos principais do governo foram os sindicatos: de metalúrgicos, têxteis, jornalistas, entre outros. Eles foram invadidos, tiveram suas diretorias destituídas e, em seu lugar, foram colocadas pessoas da confiança do regime em vigor. Em muitos sindicatos, os dirigentes sindicais, chamados de “pelegos”, foram colocados nas diretorias para que cumprissem seu papel, ou seja, o de não enfrentar os patrões, nem proporem medidas extremas como greves, paralisações, protestos em portas de fábrica.

O Sindicato dos Trabalhadores na Indústria Metal Mecânica e de Material Elétrico de Criciúma e Região, o SINMETAL, não ficou de fora e também sofreu intervenção, pois, de acordo com o livro de Sebastião Tavares Pereira:

A partir de dezembro de 1968, o ato institucional nº 5 impacta diretamente as atividades. É flagrante o seu efeito na vida associativa, a partir da situação de excepcionalidade instaurada no Brasil em 13/12/68. Houve um evidente esvaziamento de participação dos trabalhadores nas assembleias. Mesmo no SINMETAL, que ao tempo da revolução dera continuidade quase normal as suas atividades para obter a carta sindical, os trabalhadores foram desestimulados de uma participação mais ativa na busca de melhores condições salariais e de trabalho. No início da década de 1970, Raul Clemente Pereira, que assumira a presidência da Federação dos Metalúrgicos, foi detido, interrogado e solto, mas afastado definitivamente do cargo. Os inúmeros

mandados de segurança impetrados em seu favor, pelo advogado Benedito Narciso da Rocha, não surtiram efeito. (PEREIRA, 2012, pp. 189 e 190).

Como podemos perceber, o Sindicato dos Metalúrgicos da região não ficou de fora da truculência dos militares e sofreu intervenção direta dos órgãos de repressão da Ditadura Civil-Militar. O período foi tão sombrio que não há registro de greves em nossa região na época. Conforme os jornais locais, principalmente o Jornal do Sul, que anuncia a volta das greves na região, não houve nenhuma greve de metalúrgicos durante o período de ditadura civil-militar. De acordo com o Jornal do Sul, sábado, 8 de setembro de 1979:

Pois as greves voltaram, finalmente à Capital do Carvão... Desde o final do mês de junho, o repórter do JS, Zulnei Manique Barreto, vinha acompanhando toda a movimentação e organização no setor metalúrgico da cidade e informando sobre a situação que gradativamente tornava-se mais e mais tensa. O desleixo total por parte dos patrões, sua prepotência traduzida na forma de menosprezo a uma organização legalmente constituída como o sindicato, teve na última terça-feira o início de uma resposta à altura: a greve! Em princípio deflagrada na Carrocerias Becker, a paralização encampou na manhã seguinte, quarta-feira, a Crivel, Jugasa, Metalúrgica Milano, Siderúrgicas Catarinense e Criciumense (SIDESA). Na quinta-feira, foi a vez da Mecril e Autopertences. Concentrações. E passeatas dos grevistas ocorridas durante as paralizações deram o toque de maturidade que caracterizou fundamentalmente todo o movimento. Advertências aos patrões não faltaram. A greve dos metalúrgicos é a primeira em Criciúma a ocorrer nos últimos 15 anos. Não será, com toda certeza, a última. Boatos constantes vaticinam novas paralizações de outros setores trabalhistas para esta semana, incluindo cerâmicas e minas de carvão. E agora Patrões?

Percebe-se, claramente, na notícia do Jornal do Sul, que houve um período de 15 anos em que Criciúma e região não presenciaram nenhuma greve. Esse período coincide plenamente com o período dos militares no poder. No entanto, a mesma notícia anuncia o retorno dos movimentos grevistas na região com a onda de greves que se espalhou pelo Brasil a partir do final da década de 1970 e início da década de 1980.

As greves dos anos de 1978 a 1980 no ABC paulista afrontaram o regime militar e inauguraram uma nova fase do sindicalismo brasileiro. Lideradas pelo então sindicalista Luiz Inácio da Silva, o Lula, ressurgia, a partir de então, um sindicalismo combativo e de real comprometimento com a classe trabalhadora. Sindicalismo este que havia passado por anos de repressão.

As lutas empreendidas pelos sindicatos e por vários movimentos sociais do período buscavam conquistar direitos trabalhistas, mas também direitos políticos, e foram fundamentais para o processo que marcou o fim da ditadura e que levou à redemocratização do país (SANDER, 1988).

3.2 SEGUNDA FASE: DAS LUTAS E DAS CONQUISTAS EM ÂMBITO NACIONAL E LOCAL AO AVANÇO NEOLIBERAL: 1979 - 2002

A partir dos anos de 1978 e 1979, na região do ABC paulista, São Caetano, São Bernardo do Campo e Diadema, uma onda de grandes greves de metalúrgicos assola o país. Sob a liderança do então sindicalista Luiz Inácio da Silva o Lula, metalúrgicos do ABC cruzam os braços para protestar e reivindicar melhorias salariais e de condições de trabalho. O ano de 1979 coincide com o ano da Anistia Política dos presos e exilados pelo regime civil-militar, que já durava 15 anos. Os baixos salários e as péssimas condições de trabalho revoltam os trabalhadores, que resolvem entrar em greve protagonizando a maior onda de greves que o país já havia presenciado desde o início da implantação do capitalismo industrial. Em Criciúma,

Os metalúrgicos foram os que iniciaram a onda de greves em setembro de 1979 na cidade de Criciúma. Essa categoria vinha num processo de mobilização e reivindicação há pelo menos dois meses. Existia uma disparidade muito grande entre a proposta de reajuste salarial apresentada pelos empresários e a reivindicada pela categoria. Enquanto os empresários ofereciam 30% a título de antecipação do dissídio, que estava marcado para março do ano seguinte, os metalúrgicos reivindicavam 60%, sendo 30% de reajuste imediato e 30% com antecipação (MIRANDA. 2013, p. 26-27).

Segundo Miranda (2013), o descontentamento era tão grande que a proposta patronal não foi aceita. Na época, a inflação altíssima corroía os salários e o poder de compra dos trabalhadores se via cada vez menor. O piso dos metalúrgicos de Criciúma e da região era um dos mais baixos da categoria em todo o Estado de Santa Catarina. Os patrões se mostravam arrogantes e irredutíveis às reivindicações dos operários. Ao final do movimento grevista, os trabalhadores saíram vitoriosos, pois:

As conquistas foram consideráveis: garantiram estabilidade no emprego aos grevistas por noventa dias, anteciparam o próximo dissídio de março para fevereiro e os dias parados seriam compensados nas férias, além disso, o novo salário passou a valer a partir do dia primeiro do mês de setembro, ou seja, o pagamento seguinte já foi realizado com o aumento acordado (MIRANDA. 2013, p. 51).

Nessa época, o sindicalismo e outros movimentos sociais estavam se espalhando por várias cidades do país. O Partido dos Trabalhadores -PT foi criado em 1980, e, em 1983, após várias discussões em congressos de trabalhadores e em entidades sindicais, é criada a Central Única dos Trabalhadores - CUT. Um ano depois, em 1984, também é criado o Movimento dos Trabalhadores sem Terra – MST.

O sindicalismo e os movimentos sociais que ficaram adormecidos durante o período militar ressurgiram com força. A volta de muitas lideranças que estavam exiladas e o surgimento de novas lideranças no interior da classe trabalhadora agitaram o cenário das

reivindicações trazendo novamente à tona a questão da luta de classes e da situação da classe trabalhadora brasileira, tão massacrada nos chamados *Anos de Chumbo*.

É possível afirmar alusivamente que, entre as décadas de 1970 e 1980, um novo elemento começou a caracterizar o movimento sindical brasileiro existente durante a ditadura militar. O nosso movimento operário e sindical viveu em fins dos anos 1970 um momento de extrema importância para sua história. Após o duro impacto do golpe de 1964, que lhe havia deixado pouco espaço de ação – a não ser aqueles presentes no trabalho silencioso e cotidiano no interior das fábricas e de algumas tentativas pontuais de contestação, (...) um sindicalismo de corte mais autêntico aflorava, exigindo a ampliação dos espaços para a representação dos interesses da classe trabalhadora (ANTUNES. SILVA, 2015, pp. 512-513).

A década de 1980 continuou agitada para o movimento sindical e grevista em todo o Brasil, e nossa região não ficou de fora. Nos arquivos do CEDOC, da UNESCO, é possível perceber o grande número de ações grevistas e reivindicativas dos sindicatos em todo o Brasil e também em nossa região. Metalúrgicos, mineiros, vestuaristas, motoristas, ceramistas, todas as principais categorias de trabalhadores tiveram enfrentamentos grevistas nesse período. O jornal “O Metalúrgico”, de publicação do Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André, de Mauá, de Ribeirão Pires e de Rio Grande da Serra, em edição especial de fevereiro de 1986, estampa em sua capa: “1985. O ano em que reduzimos a jornada”, em alusão à conquista da redução da jornada de 44 para 40 horas semanais.

A redução da jornada diária (ou do *tempo* semanal) de trabalho tem sido uma das mais importantes reivindicações do mundo do trabalho, uma vez que constitui num mecanismo de contraposição à extração de sobretrabalho, realizado pelo capital, desde sua gênese com a revolução Industrial e contemporaneamente com a acumulação flexível da era do toyotismo e da máquina informacional. Desde o advento do capitalismo, a redução da jornada de trabalho mostra-se central na ação dos trabalhadores, *condição preliminar* para uma vida emancipada. (ANTUNES, 2015, p. 131).

O jornal *O Estado*, de 17 de fevereiro de 1986, tem matéria com o título “Tumultos e violência no 4º dia de greve”, se referindo à greve dos mineiros, que já entrava em seu 5º dia. Os metalúrgicos de Criciúma não ficaram de fora. Conforme o Jornal de Santa Catarina, do dia 22 de maio de 1986,

Segundo Zanelato, desde segunda-feira quando todos os metalúrgicos em greve voltaram ao trabalho, o sindicato não recebeu nenhuma manifestação dos empresários para entendimento. Num contato telefônico com o presidente da Federação Estadual dos Metalúrgicos, Adalcino Pereira, Mário Búrigo, pediu alguns dias para reinício das conversações.

O diretor da metalúrgica Mecril, Guido Búrigo, garantiu, à tarde, que ‘os canais de negociações estão abertos, como sempre estiveram. Queríamos apenas aguardar o julgamento do TRT’. Disse ainda que, na sua opinião, O Sindicato dos Metalúrgicos se precipitou ao optar pela greve, pois, se tivesse prosseguido as conversações que vinha encaminhando com os empresários “poderia ter algumas conquistas”. Todas as reivindicações dos metalúrgicos foram negadas pelo TRT, sua sessão de terça feira última.

A notícia do jornal dá conta de uma greve realizada pelos metalúrgicos no período da presidência do senhor Domiciano P. Zanelato, em que as reivindicações não foram aceitas pelo Tribunal Regional do Trabalho. Isso mostra que nem só de vitórias é feita a história da classe trabalhadora brasileira. No entanto, mostra a força da união dos trabalhadores e dos movimentos grevistas, já que os empresários se mostram abertos à negociação para evitar a paralisação das fábricas.

As lutas dos trabalhadores também não se limitaram a negociações salariais, pois podemos perceber, no informativo do Sindicato dos Metalúrgicos de Criciúma e da região, “Zé Ferreiro”, todo tipo de reivindicações e de preocupações com relação às suas condições de trabalho, como: horas-extra, insalubridade e maus tratos pelos patrões. Em edição de julho de 1984, do informativo Zé Ferreiro, encontramos a seguinte preocupação:

Os companheiros que trabalham em locais ou operações insalubres, pelo fato de estarem prejudicando sua saúde e perdendo sua capacidade de trabalho, tem direito a receber adicional de insalubridade. Trata-se de uma forma de compensar os males causados ao organismo do empregado.

Porém, como não tem dinheiro no mundo que pague a perda da saúde, os trabalhadores não podem se contentar com o recebimento da insalubridade. É necessário atacar o mal pela raiz e exigir que as empresas utilizem uma parte de seu volumoso capital para eliminar as condições de trabalho insalubre.

A matéria do informativo ainda continua reforçando que muitas empresas, não raramente, nem adicional de insalubridade pagavam corretamente aos seus empregados. De acordo com o informativo do sindicato, a lei da época obrigava o pagamento de adicional de insalubridade de 40%, 20% ou 10%, conforme o grau de insalubridade da atividade realizada pelo trabalhador.

Denúncias de maus tratos aos trabalhadores nos locais de trabalho também eram constantes nas páginas do informativo “Zé Ferreiro” na década de 1980. Até o cumprimento de horas-extra, que, por lei, era uma opção do trabalhador, eram impostas com a ameaça de demissão. “Hora-extra ou rua” era o que diziam os empregadores. De acordo com “Zé Ferreiro” de julho de 1984.

Chegaram ao sindicato informações de que existem empresas obrigando os trabalhadores a fazer horas extras – todos os trabalhadores! – sob ameaça de demissão. Ou aceita ou está no olho da rua.

Se por motivos particulares o trabalhador não poderá cumprir a imposição, é sumariamente despedido.

Fazendo hora extra repetidamente o operário se desgasta rapidamente e tira o lugar de algum desempregado que está passando necessidades.

Por exemplo, 100 trabalhadores que cumprem diariamente duas horas extras estão fazendo o trabalho de 25 outros trabalhadores, que estão na rua.

A preocupação com as horas-extra realizadas pelos trabalhadores era uma constante nos informativos do Sindicato, principalmente em relação ao desemprego que essa modalidade de trabalho acarreta a outros trabalhadores e ao desgaste físico e mental do próprio trabalhador que se submete a tal situação em troca de um adicional salarial. Outro problema relatado no informativo “Zé Ferreiro” era o do pagamento das horas-extra estar sendo pago fora da folha de pagamento, o que acarretaria um prejuízo futuro ao trabalhador, pois essas horas não estariam sendo depositadas como Fundo de Garantia (FGTS), o que significava lesão para o trabalhador na previdência social e na hora da aposentadoria. Outros tipos de maus tratos, como agressões e ameaças, também eram constantes. No informativo Zé Ferreiro de março de 1987, podemos ler:

Durante a campanha salarial o empresário RUI BECKER, proprietário da Carrocerias Becker, atentou contra a vida de dois diretores do Sindicato: ANTONIO CARLOS LEANDRO e JOSE ITAMAR MAFIOLETTI (Preguinho).
Toda a revolta dele foi em função de uma denúncia que o Sindicato fez ao Ministério do Trabalho.
A Denúncia era sobre uma prática escravagista usada pelo empresário que obriga os seus empregados a pagarem as horas de falta de energia com prolongamento do expediente sem direito a horas extras.

O sindicato na época havia registrado queixa policial a qual estava sendo investigada e isso teria irritado o empresário que, por sua vez, teria ameaçado os dirigentes sindicais. O sindicato recomendava, na mesma matéria de seu informativo, que os trabalhadores, quando procurassem emprego, que evitassem a Carrocerias Becker, pois o patrão lá mais parecia um “nazista” ou alguém que vivia em outra época, como na da escravidão.

Outra nota do informativo Zé Ferreiro, de setembro de 1989, com o título “Diabo ataca outra vez na Imecal”, dá conta de que, por diversas vezes, um engenheiro da empresa vinha sendo denunciado. O tal engenheiro Ângelo, segundo o informativo, gostava de “aparecer” e fazia “cara de capeta” para amedrontar os trabalhadores. O Sindicato, por meio de seu informativo, mandava recado ao engenheiro que não era daquela forma que ele iria conquistar os trabalhadores e fazê-los trabalhar como se fossem escravos.

A década de 1990 marcou, no Brasil, o início de um novo governo, com a eleição do presidente Fernando Collor de Mello. Finalmente, após 21 anos de Ditadura Civil-Militar, em que o país ficou mergulhado no autoritarismo e foi governando por Presidentes-Generais e, mais um período do “governo apêndice”, de José Sarney, que, na verdade era vice na chapa que elegeu Tancredo Neves pelo Colégio Eleitoral, formado pelos deputados e pelos senadores, ocorria a primeira eleição direta para Presidente da República.

No ano de 1989, Fernando Collor de Mello foi eleito presidente do Brasil no segundo turno das eleições, derrotando seu adversário, Luiz Inácio Lula da Silva. Pela primeira vez na história do Brasil, um representante legítimo da classe trabalhadora havia disputado uma eleição para a Presidência da República.

Vitorioso, Collor de Mello pôs-se a realizar seu projeto neoliberal que estava em curso no período. Desencadeado mundialmente por representantes como Margaret Thatcher, na Inglaterra, e Ronald Reagan, nos Estados Unidos, esse projeto atacava o “estado de bem-estar social” que predominou no pós-Guerra e as classes trabalhadoras em seus direitos. Projeto este ainda em curso em nível mundial.

Após um pequeno intervalo no governo de Itamar Franco, que sucedeu a Fernando Collor, após o seu Impeachment, o neoliberalismo avança com as medidas liberalizantes e privatizantes dos dois mandatos do presidente Fernando Henrique Cardoso. De acordo com Ivo Lesbaupin,

No Brasil, entre os anos 30 e o final dos anos 80 houve um processo de construção de um Estado nacional. Foi Collor de Mello quem iniciou, em 1990, o seu desmonte, com a adoção do ideário neoliberal. Mas a iniciativa de Collor foi interrompida pelo seu impeachment. Fernando Henrique Cardoso se encarregou de levá-la a seu pleno desenvolvimento. No início de seu governo, em 1995, o Brasil era um país ainda respeitado internacionalmente, com um parque industrial significativo, com imensos recursos naturais, com empresas estatais altamente competitivas em áreas estratégicas, como a Petrobrás, a Vale do Rio Doce, com um setor de telecomunicações desenvolvido, com uma rede de produção de energia elétrica, com um grande potencial de desenvolvimento e onde o trabalho era ainda o principal bem que as pessoas possuíam. (LESBAUPIN, 1999, p. 7).

Segundo Ivo Lesbaupin, quatro anos após a posse de FHC, o Brasil estava imerso em uma crise econômica, em recessão e sob o controle do Fundo Monetário Internacional (FMI). Havia privatizado a empresa Vale do Rio Doce e gerado desemprego e baixa salarial, assim como havia promovido uma deterioração dos serviços públicos de educação, de saúde, da assistência social e da previdência.

Fernando Henrique Cardoso havia sido eleito com promessas de elevação das condições na área social, mas havia feito o contrário. As medidas tomadas pelos governos neoliberais afetaram todo o país, inclusive na nossa região, com a privatização da Companhia Siderúrgica Nacional - CSN, e o fim do subsídio na compra do carvão mineral. Isso afetou os trabalhadores e o movimento sindical. De acordo com Goularti Filho:

Não restam dúvidas de que, com o aumento exponencial do desemprego nos anos 1990, os sindicatos brasileiros tiveram que se readaptar, mudando o discurso e a forma de atuação. O aumento do desemprego fragilizou as bases sindicais fazendo-os recuarem no que se refere as greves, piquetes e mobilizações de fábrica. A estabilização dos preços do Plano Real, a recessão, a “ilusão monetária” de que os

salários estão acompanhando a inflação e o medo do desemprego deixam inúmeras categorias acuadas (GOULARTI FILHO, 2016, p. 316).

Mesmo no contexto de crise econômica e de avanço das políticas neoliberais, os trabalhadores do sindicato dos metalúrgicos não pararam de lutar. O que vamos analisar, agora, são as lutas e as experiências dos trabalhadores metalúrgicos de Criciúma e da região no período 1995 a 2003, que corresponde aos 8 anos do governo Fernando Henrique Cardoso. De acordo com o informativo Zé Ferreiro, de março de 1995, o ano já começava com uma greve considerada vitoriosa para a categoria. Na página 3 do informativo, podemos ler: “A greve dos Metalúrgicos do Sindimetal e recuperação de veículos, realizada de 23 de janeiro a 9 de fevereiro, pode ser considerada vitoriosa”. De acordo com o informativo:

Nós, diretores do Sindicato, chamamos uma assembleia para avaliar qual seria o rumo a ser tomado. A assembleia deflagrou a greve, sendo que alguns companheiros foram iludidos pelos encarregados e patrões. Mesmo assim a greve foi um sucesso. Se o Sindicato tivesse seguido aqueles empregados iludidos pelos seus superiores, os índices seriam aqueles citados como exemplos. Com isso, o nosso índice não foi dos melhores, mas conseguimos um percentual superior àquele imposto pelo Governo e patrões.

A direção do Sindicato avalia que, se não fosse a greve, os resultados seriam piores; a greve forçou os empregadores a aumentos melhores do que aqueles que estavam sendo propostos pelo governo e pelos patrões.

O mesmo informativo, de março de 1995, em sua página 4, também demonstra a preocupação com o desemprego. Uma entrevista com o então presidente do sindicato, o Senhor Dorival Sazan, mostra que os trabalhadores estavam preocupados com as políticas neoliberais e com a modernização das empresas com o emprego crescente de máquinas que substituem os trabalhadores, as quais faziam sozinhas o que vários trabalhadores faziam anteriormente. Questionado sobre o desemprego, Dorival Sazan afirma:

De um modo geral ele aumentou em algumas fábricas. No caso da Milano, por exemplo, há três ou quatro meses havia 100 empregados e hoje o quadro está reduzido à metade. A Petersime também demitiu de 20 a 30 trabalhadores nos últimos meses. Na Imecal houve cerca de 20 dispensas. Desde a implantação do Plano Real, mais de 400 metalúrgicos foram demitidos na região.

Sobre o futuro, ele afirma, na mesma entrevista:

Para mim, nos anos que se seguem, por um período talvez muito longo, esse quadro tende a se agravar ainda mais. As empresas investem em máquinas para substituir o trabalhador, aumentando o número de desempregados. As máquinas aumentam a produção, em contrapartida o trabalhador que produziu essa riqueza não usufrui disso, e nem diminui sua carga horária em função de ter aumentado a produção.

A década de 1990 também é um período em que podemos perceber dificuldades em algumas empresas, devido às tomadas de decisão do Governo, o que fez os trabalhadores

sofrerem com atrasos em pagamentos e rescisões de contrato de trabalho. Isso ocorre na região em empresas como a Módulos, de Cocal do Sul, e Metalúrgica Montanha Ltda – Memol, de Caraváio, assim como a empresa Miraglia, segundo o informativo do Sindicato. Tal fato fez com que o Sindicato prontamente tomasse medidas em defesa dos trabalhadores. No informativo “Zé Ferreiro”, do mês de setembro de 1995, podemos ler o seguinte:

Os 38 funcionários da Módulos, de Cocal do Sul, entraram na justiça através do Sindicato com uma medida de arresto, pretendendo o bloqueio dos bens da empresa para garantir o pagamento de três meses de salários em atraso e das rescisões. A empresa está fechada.

A situação dos trabalhadores da Memol (Metalúrgica Montanha Ltda), de Caraváio, é semelhante.

A Memol tem cerca de 30 funcionários. O Sindicato também vai entrar com uma medida de arresto contra a Memol.

Outra empresa que passa por dificuldades devido às medidas econômicas do Governo é a Miraglia, empreiteira da Amanda. A direção do Sindicato conseguiu receber um cheque no valor de R\$ 54 mil para fazer as rescisões vencidas e o pagamento dos salários em atraso desde maio.

O ano de 1995, segundo a edição do informativo “Zé Ferreiro”, de junho, foi o ano em que tomou posse uma nova diretoria. A eleição, que ocorreu nos dias 11 e 12 de abril, elegeu Francisco Pedro dos Santos, o “Chico” - na época, trabalhador da Imecal. Francisco foi eleito em chapa única, com 93% dos votos válidos, ou seja, 1.047 votos.

Até então haviam sido presidentes do Sindicato, desde sua fundação, os senhores Raul Clemente Pereira, por três mandatos, entre 1962 e 1971, fundador e idealizador da instituição; Dinarte Mendes, entre 1971 e 1977, por três mandatos, até seu falecimento, em 24 de dezembro de 1977, em pleno exercício do mandato - presidente que pegou o período mais duro em relação aos sindicatos no Brasil; sucedido por Ari Alano de Oliveira. Ari liderou o Sindicato no período das grandes greves desencadeadas a partir de 1979.

No período entre os anos de 1980 e 1983, o Sindicato foi presidido pelo senhor Ademir Klein, que era amigo pessoal de Raul Clemente, fundador do Sindicato. Participou das grandes greves dos anos 1970 e se revelou uma grande liderança, o que acabou lhe rendendo a eleição à presidência do Sindicato em 1980. Trabalhou na Jugasa e foi um dos primeiros filiados ao Sindicato. Em sua biografia também está a fundação do Sindicato dos metalúrgicos de Bom Jardim da Serra, no planalto serrano, e a criação do informativo “Zé Ferreiro”. Infelizmente, nenhum número do informativo publicado em seu período foi encontrado para esta pesquisa.

Entre os anos de 1983 e 1992, por três mandatos, o Sindicato foi presidido pelo senhor Domiciano Pedro Zanelatto, que teve forte atuação frente à presidência. Pegou o período de transição entre o governo de José Sarney e a eleição de Fernando Collor. Durante seu mandato, foram editados vários números do informativo “Zé Ferreiro” e, no informativo de 4 de outubro

de 1989, houve uma reflexão acerca das eleições para a Presidência da República, que estavam prestes a ser realizadas. Podemos ler na edição.

Vejamos quais são os principais candidatos que defendem o projeto político da classe patronal.

Collor de Mello, votou em Paulo Maluf no colégio eleitoral. É grande empresário do setor de comunicação. É candidato da Rede Globo, um dos maiores complexos econômicos do país.

Afif Domingos, representante da grande burguesia comercial. Foi secretário da Agricultura de Paulo Maluf. Está sendo processado por ter desviado verbas públicas para facilitar a candidatura de Paulo Maluf em eleições anteriores.

Paulo Maluf, símbolo maior da corrupção. Em sua trajetória política, sempre tem se colocado contra os trabalhadores. É representante dos banqueiros e das grandes empresas.

O artigo publicado no informativo terminava conclamando os trabalhadores a votar em candidatos comprometidos com as lutas da classe trabalhadora e a repudiar candidatos comprometidos com as elites governantes, empresários e donos do capital. Dando sequência aos eleitos, então, o senhor Dorival Sazan sucedeu Zanelatto e foi eleito presidente do Sindicato para o período de 1992 a 1995. Exerceu seu mandato durante os governos de Fernando Collor de Mello e Itamar Franco. Afirmou, em entrevista para Sebastião Tavares Pereira, autor do livro a respeito do qual temos tratado nos últimos capítulos, que:

Na época, havia bastante desemprego, o que fortalecia o patrão. Era difícil negociar. O Sindicato se preocupava com o desemprego e, por isso, era diplomático nas negociações. O fato é que dentro de algumas empresas surgiam lideranças, entre os trabalhadores, que definiam ações e paralizações por conta própria. E era difícil o sindicato controlar. Fizemos algumas greves e tivemos derrotas pela exigência deles, sem ser o momento certo em nossa visão. Queriam para com poucos trabalhadores, prejudicando o movimento. Nas assembleias, tínhamos dificuldade de convencimento de que a greve, naquele momento era perdida e não iríamos avançar em nada.

Mesmo assim, Dorival Sazan acredita que foi um momento importante para o movimento sindical da região. Segundo ele, foram conquistadas melhorias nos locais de trabalho, principalmente em relação à segurança com o funcionamento da CIPA. Reduziram-se os acidentes de trabalho com uma boa atuação do Ministério do Trabalho em suas fiscalizações.

O período de presidência de Francisco Pedro dos Santos, entre 1995 e 1998, foi bastante agitado. De acordo com o informativo do Sindicato, “Zé Ferreiro”, Francisco assumiu o cargo no dia 15 de maio 1995. Chico tinha como vice-presidente o senhor Antônio Carlos Leandro, o Tonhão, e o secretário geral era João Salésio Caetano. Também faziam parte da direção os senhores José Alceu Martins, José Machado, Celso Luiz Dutra, Dorival Sazan, Paulo Roberto Rodrigues Maciel, Hugo Carlos Mello, Jair Guetener, Valdonil Martins e Adecir Ferreira. Conforme o informativo de julho de 1995, houve negociação com a Icon. Na página 4, podemos ler.

A direção da Industrial Conventos concedeu aumento real de 9% em junho nas faixas salariais. A negociação com as demais empresas ligadas ao Sindimaq está difícil, pois elas alegam que não podem dar antecipação por causa da crise que o País atravessa, mas a diretoria do Sindicato vai continuar negociando. Na ICON foi possível arrancar o aumento real porque os trabalhadores estavam dispostos a parar. Essa pressão tem que ser feita nas outras empresas. Quanto ao Sindimetal, aguardamos resposta do presidente do sindicato Mário Búrigo, para negociar. Nós não vamos desistir, até porque o trabalhador não aguenta mais o arrocho salarial. A perda atinge 8,85% de janeiro a maio.

Acidentes de trabalho também aconteceram nas empresas da região. De acordo com o informativo “Zé Ferreiro” do mês de agosto de 1995, um trabalhador, que trabalhava na Metalúrgica Iany Indústria e Comércio Ltda de Urussanga SC, perdeu o dedo indicador da mão direita em um desses acidentes. O Sindicato também reclamava, na mesma matéria, que a tal empresa, além das péssimas condições de trabalho que oferecia, ainda pagava apenas o salário mínimo, não cumprindo o piso da categoria acordado em convenção coletiva.

Em outubro de 1995, o informativo “Zé Ferreiro”, na página 4, anunciava demissões na (Metalúrgica Cricúma Ltda - Mecril. De acordo com o informativo:

Em junho a direção do Sindicato e a Mecril fecharam um acordo para redução da jornada de trabalho e consequente redução do salário, devido a crise econômica imposta pelo Governo Federal. Mesmo sendo contra a redução da jornada e dos salários, o Sindicato não teve alternativa, pois quis evitar demissões. O período do acordo ia de 1º de julho a 30 de agosto. Após o vencimento, a direção do Sindicato entrou em contato com a empresa para que renovasse o acordo. Mas a Mecril optou pelas demissões, e cerca de 75 trabalhadores perderam o emprego. Agora o Sindicato espera que não haja mais dispensas, e se for necessário vai mais uma vez negociar com a direção da empresa.

Em contrapartida, os trabalhadores da Milano conquistavam aumento real de 5% também em outubro do mesmo ano. De acordo com matéria do informativo “Zé Ferreiro” de novembro de 1995, intitulada “Trabalhadores da Milano conquistam aumento real” em negociação ocorrida no dia 24 de outubro entre a empresa e o Sindicato. Na mesma matéria, o Sindicato informa que a Usipe havia concedido uma antecipação de 3% e o mesmo índice para os meses de novembro e dezembro. Os trabalhadores da Siderúrgica Catarinense Ltda - Sical também haviam conseguido uma antecipação de 5% para outubro e mais 5% para novembro. A matéria termina da seguinte forma:

O Sindicato, embora com muitas dificuldades por causa do plano econômico, vem negociando com as empresas e vai continuar negociando as antecipações. Queremos que até janeiro, no dissídio coletivo, a diferença seja bem menor”, afirmou o presidente do Sindicato, Francisco Pedro dos Santos. As perdas salariais de janeiro a setembro estão em torno de 16%.

O último informativo do Sindicato, de dezembro de 1995, tem como matéria principal: “Metalúrgicos iniciam campanha salarial/96”. Na matéria da página 3 do informativo “Zé Ferreiro”, o assunto gira em torno dos 76 itens de reivindicações acordados na Assembleia que

havia sido realizada no dia 11 de novembro do mês anterior. Entre as reivindicações estavam perdas salariais, aumento real de salário e participação no lucro das empresas.

Porém, não são apenas os baixos salários que incomodam a classe trabalhadora. O cotidiano nas fábricas é importunado por “dedo duros”, patrões autoritários, encarregados mandões e todo tipo de situações que, de uma maneira ou de outra, atrapalham o bom convívio dos trabalhadores. Em uma seção do informativo “Zé Ferreiro”, intitulada “Chumbo grosso”, podemos perceber várias reclamações dos trabalhadores no cotidiano das empresas. No informativo de dezembro de 1995, temos as seguintes reclamações: “Há um trabalhador do beneficiamento da Sical que anda entregando os companheiros. Ele não tem cuidado com a segurança do pessoal e agride os funcionários física e moralmente.” Outra reclamação é a seguinte: “Os empregados da Mecril estão fazendo hora extra e não recebem. A empresa faz com que descontem em folgas.” Há, também, no mesmo informativo, uma reclamação sobre a Retífica Nereu, em que o trabalhador, após acidente de trabalho, estava sendo obrigado a trabalhar com o pé engessado.

O informativo “Zé Ferreiro”, de janeiro de 1996, em sua seção citada no parágrafo anterior, faz reclamações a diversas empresas, entre elas Sidesa, Sical, Vera Cruz e Fernandes. Na página 2 do informativo, podemos perceber as seguintes reclamações:

Sidesa

O médico da Sidesa não aceita atestado de outro médico. Porém ele só atende às segundas-feiras, uma hora por dia. Nos outros dias da semana que o médico não atende, o trabalhador não pode ficar doente. É isso aí, o jeito é “programar” os problemas de saúde.

Discriminação na Sical

Os encarregados da empresa receberam cestas de Natal, mas os demais funcionários não. O peão de fábrica, que produz a riqueza para o patrão, deveria ser tratado da mesma maneira.

Vera Cruz

A empresa atrasou o pagamento do 13º salário e fez com que os funcionários assinassem papéis em branco para alegar que está tudo correto. Pedimos que os trabalhadores tenham muito cuidado com o que assinam para não serem vítimas da desonestidade de alguns empresários.

Fernandes

Nove funcionários demitidos em novembro ainda não receberam a rescisão. A empresa alega que não tem dinheiro e colocou duas máquinas MIG para que sejam vendidas para o pagamento das rescisões. Mas enquanto as máquinas não são vendidas, como ficam os trabalhadores que esperam esse dinheiro para saldar suas dívidas?

Reclamações como essas são constantes em vários informativos do Sindicato. No de junho/julho de 1996, existe uma reclamação de que os atestados médicos não estão sendo aceitos pelas empresas e que alguns chegam a ser rasgados na frente do trabalhador. Além disso,

o Sindicato avisa os trabalhadores para conferirem o dinheiro recebido com o valor que está na folha de pagamentos, pois algumas empresas estão “logrando” os trabalhadores, pagando valores inferiores aos que estão nas folhas.

No informativo “Zé Ferreiro” de junho de 1998, em uma seção chamada “Rápidas”, observamos várias informações, entre elas algumas reclamações das empresas: “O FGTS na Sidesa há 7 anos não está sendo depositado. Os trabalhadores da empresa estão acionando a justiça”. Em uma outra reclamação, consta: “Metalúrgica Bonelli não paga hora extra, tem trabalhadores sem registro em carteira e está com o recolhimento do FGTS e pagamento em atraso” e assim por diante. Em quase todos os informativos, durante a década de 1990, esses tipos de reclamação são constantes.

O informativo de agosto de 1998 informa a ocorrência de uma pequena greve na empresa Sidesa. De acordo com o informativo, “atraso no pagamento de salário e descumprimento do acordo por parte do patrão foram o estopim para a deflagração de uma greve de 3 dias”. Para o Sindicato, a greve foi forte e a empresa logo solucionou o problema.

No último informativo a que conseguimos ter acesso, da década de 1990, de junho de 1999, podemos perceber a ocorrência de uma greve. Nesse exemplar do informativo “Zé Ferreiro”, lemos:

Os quase 100 trabalhadores da Siderúrgica Spillere, entraram em greve nada menos do que em três oportunidades, entre o mês de março e mês de maio, protestando contra os salários em atraso. Os metalúrgicos da empresa cruzaram os braços pela primeira vez em 15 de março e pararam novamente nos dias 26, 27 e 28, fazendo outra greve em 18 de maio. Além de receberem os salários em atraso, a direção do sindicato, juntamente com lideranças dos grevistas, conseguiram (sic) através de negociação com que não fossem descontados os dias parados.

O informativo Zé Ferreiro, de junho de 1999, é a última fonte que obtivemos sobre a década de 1990. Não encontramos nenhuma outra fonte dos meses subsequentes.

3.3 TERCEIRA FASE: DO PRAGMATISMO NAS LUTAS DOS TRABALHADORES À REFORMA TRABALHISTA: 2002 – 2018

Os anos 2000 iniciaram com a eleição, em 2002, de Luiz Inácio Lula da Silva, e, pela primeira vez na história do Brasil, um legítimo representante vindo da classe trabalhadora, ex-metalúrgico e ex-sindicalista, exerceria o cargo de Presidente da República. Após disputar todas as eleições presidenciais desde a redemocratização, Lula, com um discurso mais ameno e conciliador, e com seu vice, José Alencar, um grande empresário paulista do setor têxtil, o que demonstra a conciliação de classes que Lula e o PT pretendiam, chega ao poder.

Seu governo, que tem início em 1º de janeiro de 2003, ficaria marcado pela grande atenção dada às questões sociais. Programas sociais como Bolsa Família, Fome Zero, Primeiro Emprego, Minha Casa Minha Vida, entre outros, tornaram-se a marca do Governo Lula e se estenderam para o governo de sua sucessora, Dilma Rousseff.

Na área da atenção aos trabalhadores, Lula, que além de ser um dos fundadores do PT, também era um dos fundadores de uma das maiores e mais combativas centrais sindicais do país até então, a CUT. Fato que levou a aproximação dos sindicatos e das principais centrais sindicais ao governo. Sindicalistas ocuparam cargos no governo e influenciaram políticas e ações governamentais, mas nem por isso seu governo seria o melhor dos governos para a classe trabalhadora. Artur Henrique, sindicalista que participou do governo, no livro *Lula e Dilma 10 anos de governos pós-neoliberais no Brasil* faz uma reflexão da relação das centrais sindicais com o governo no período. De acordo com Henrique (2013, pp. 304 e 305),

Para os sindicalistas, no início, havia certa confusão sobre qual deveria ser o papel da central, do partido e do governo. Apesar de inúmeras vitórias para governadores e prefeitos em todo o país, era a primeira vez que nosso projeto chegava ao chamado Poder Central. Aqui reside a primeira lição, aprendida a duras penas: ganhamos a eleição e não o poder.

Alguns sindicalistas acreditaram que o governo Lula promoveria mudanças automaticamente, não levando em consideração a correlação de forças, a existência de um Congresso Nacional amplamente conservador, o papel da mídia e do Judiciário, as alianças feitas para chegar à vitória. Essa visão além de equivocada, poderia levar à acomodação. Afinal de contas, a luta de classes não acabou com a vitória de Lula.

Como vimos acima, para Henrique, “a luta de classes não acabou com a vitória de Lula”. É o que pretendemos analisar nesta seção. Como foi a luta dos trabalhadores durante os governos do Partido dos Trabalhadores? Houve greves? Negociações coletivas? Acordos coletivos?

Em âmbito nacional, o período foi marcado por greves, mas com caráter “sobretudo instrumental, já que utilizadas como recurso de poder nas negociações coletivas. E têm sido eficazes nesse aspecto, ao menos em termos salariais” (CARDOSO, 2015, p. 501).

A negociação coletiva entre nós, portanto, é assunto para os próprios interessados, capital e trabalho. E, uma vez mais, segundo o DIEESE, desde 2008, 80% ou mais das categorias negociaram reajustes salariais acima da inflação, proporção que atingiu quase 95% em 2012. Apesar da queda em 2013, em 2014 a cifra voltou a superar os 90%. Desde 2005, a proporção de acordos que superaram a inflação esteve sempre acima de 70%, e acima de 80% na maioria das vezes (CARDOSO, 2015, p. 502).

Portanto, os dados sobre greves e negociação coletiva evidenciam que, mesmo sendo “invisível”, pois não provoca a mesma comoção e grandes mobilizações como ocorriam, por exemplo, na década de 1980, a ação sindical no Brasil se mostrou bastante eficaz nos espaços onde os sindicatos eram convocados cotidianamente para negociar.

Nossa principal fonte para o estudo do período são os informativos do sindicato, o “Zé Ferreiro”, do período de dezembro de 2003 a agosto de 2011. Infelizmente, foram encontrados apenas alguns números desse informativo, sendo que não sabemos se a publicação não era regular ou se alguns números não foram guardados nos arquivos do Sindicato.

O informativo “Zé Ferreiro”, de dezembro de 2003, trouxe, em sua capa, desejos de *feliz natal* aos trabalhadores e um *feliz ano novo*. Na segunda página, o informativo trazia uma matéria sobre revisão de aposentadoria que estava sendo feita para trabalhadores aposentados em determinados meses, como entre junho de 1977 e setembro de 1988, e também para os aposentados entre março de 1994 a fevereiro de 1997. Ainda, informava sobre atendimento médico e jurídico, além de matéria sobre um campeonato de Futebol Suíço que foi realizado entre 16 de outubro e 19 de dezembro. Na questão salarial, há uma matéria que prevê as negociações para o dissídio de janeiro de 2004, a respeito da qual podemos ver:

Negociação salarial

O repasse do INPC integral e mais 5% de aumento real são as principais reivindicações dos metalúrgicos para o dissídio em janeiro. A assembleia aprovou o rol de reivindicações que já foi enviado para a classe patronal e estamos aguardando. Além das cláusulas econômicas básicas, há outras muito importantes:

Estabilidade por afastamento do serviço devido a doença.

Plano de saúde.

Participação nos lucros.

Jornada de trabalho de 40 horas – O Sindicato está lutando pela jornada de 40 horas semanais, sem prejuízo dos salários. Assim estaremos ajudando os companheiros desempregados a conquistarem um novo emprego. Com a redução das horas, as empresas vão precisar contratar mais trabalhadores para não diminuir a produção.

Podemos perceber, no informativo “Zé Ferreiro”, que não há nenhum indicativo de greve para o ano de 2004, e que as negociações do Sindicato com as empresas seguem tranquilas em mesas de negociação. Perceberemos que, no decorrer desse período, prevaleceram as negociações às greves. De acordo com Cardoso (2015 p. 502),

A negociação coletiva entre nós, portanto, é assunto para os próprios interessados, capital e trabalho. E, uma vez mais, segundo o DIEESE, desde 2008, 80% ou mais das categorias negociaram reajustes salariais acima da inflação, proporção que atingiu quase 95% em 2012. Apesar da queda em 2013, em 2014 a cifra voltou a superar os 90%. Desde 2005, a proporção de acordos que superaram a inflação esteve sempre acima de 70%, e acima de 80% na maioria das vezes.

Vistos em conjunto, os dados sobre greves e negociação coletiva sugerem que, embora “invisível” (pois não provoca a mesma comoção de outros tempos), a ação sindical no Brasil parece bastante eficaz ali onde os sindicatos são convocados cotidianamente para negociar os interesses de seus representados junto aos patrões. Nesse âmbito, não há crise sindical visível.

O mesmo informativo também nos dá conta sobre a construção da sede própria do Sindicato, que estava em curso nessa época. A sede do Sindicato, que já havia passado por outros locais, em salas comerciais alugadas, passa a ter sede própria a partir do final do ano de

2001, quando o Sindicato adquire uma casa em frente ao Estádio Heriberto Hulse, na rua Leone Perassoli, de número 49, onde se encontra até os dias de hoje. Na época, essa matéria foi veiculada pelo informativo “Zé Ferreiro” de novembro de 2001.

Atendimento na Nova Sede

A partir do dia 26 de novembro o Sindicato dos Metalúrgicos de Criciúma e Região passa a atender na nova sede, situada na rua Leone Perassoli, 49, em frente ao portão principal do Criciúma Esporte Clube. A nova sede foi adquirida em julho deste ano e já foi paga com recursos próprios, o que representa mais uma conquista dos trabalhadores. O imóvel tem mais espaço e conforto para melhor atendimento aos associados, evitará despesas com condomínio, e possui garagem para abrigar os veículos do Sindicato, além de melhores condições de estacionamento externo por haver menor fluxo de veículos nesta região em relação ao centro da cidade.

Anos mais tarde, entre 2003 e 2004, segundo o que podemos perceber pelo informativo do Sindicato, a antiga casa de madeira que abrigava o Sindicato foi retirada e é construído no local um prédio em alvenaria com dois pisos, o qual abriga o Sindicato até os dias atuais. De acordo com o informativo “Zé Ferreiro”, de dezembro de 2003, o prédio, com 592,7 m², possui nove salas, auditório, sala de reuniões, entre outras instalações. O informativo de maio de 2004 dá conta de que o Sindicato já havia terminado a construção do novo prédio e que já estava atendendo no local. O mesmo informativo traz um editorial apresentando aos trabalhadores questões sobre as negociações coletivas realizadas para o ano de 2004. Podemos ler:

Negociação coletiva e Mobilização

Em fevereiro, fechamos as negociações coletivas referente às perdas do ano de 2003. Foram várias as reuniões com a classe patronal, difícil como todos os anos, acabamos fechando com o índice maior que o INPC (inflação) e mantendo as cláusulas sociais. Mas essa conquista só foi possível com a mobilização dos trabalhadores, fazendo pressões nas fábricas e a união entre trabalhadores e a direção do Sindicato. Esse conjunto de ações teve um saldo positivo nas negociações.

No Caravaggio, os trabalhadores decidiram pela paralização, que foi avaliada pela direção como muito positiva, já que no passado os trabalhadores por pressão dos patrões não paralisavam.

Desta vez foi diferente, os patrões tiveram que ir até a casa dos trabalhadores e trazê-los para dentro da fábrica, mesmo assim a produção ficou comprometida, durante três dias.

Percebemos que o ano de 2004 foi de conquistas e de conscientização da classe trabalhadora metalúrgica, que paralisou até mesmo empresas que não possuíam essa prática por medo da pressão dos patrões. O mesmo informativo coloca que os trabalhadores, naquele ano, haviam conseguido um reajuste salarial acima do INPC calculado para o período entre 1º de janeiro de 2003 e 31 de dezembro de 2003, que era de 10,38%, sendo que os trabalhadores metalúrgicos de Criciúma e da região conquistaram 12% na data base, ficando também mantidas as cláusulas sociais do abono de férias e/ ou aniversário, que foi definido junto ao Sindimetal e o Sindimaq (sindicatos patronais) em R\$ 80,00, e junto ao Sindimetal Caravaggio em R\$ 90.00.

O ano de 2004 também foi o ano de posse de uma nova diretoria. O informativo “Zé Ferreiro” de maio de 2004 anuncia a posse de uma nova diretoria, cujo presidente seria Oderi Gomes, trabalhador da Icon. Gomes seria reeleito quatro anos depois para um novo mandato, sendo que sua gestão à frente do Sindicato seria no período de 2004 a 2012. De acordo com o livro *O Operário e o Padre*, de Sebastião Tavares Pereira, o próprio Oderi, em entrevista, resume sua gestão da seguinte maneira:

Foi dada continuidade no processo de conquistas de melhores salários e condições de trabalho. Os ganhos econômicos foram muito importantes, na valorização do piso e dos salários de todos os 11.500 trabalhadores da categoria. Tivemos greves em algumas empresas, por atraso de salários. Enfrentamos juntamente com os trabalhadores a busca de cobrança dos direitos em empresas que encerraram as atividades. Nesses oito anos, tivemos duas greves da categoria, em janeiro e julho, na data base. Realizamos investimentos em toda estrutura da sede e sub-sedes, com informatização para melhor atender os trabalhadores (PEREIRA, 2012, pp. 311, 312).

São poucas as fontes do período em que Oderi Gomes ficou à frente do Sindicato, mas podemos confirmar, no informativo “Zé Ferreiro”, as falas do próprio Oderi Gomes, dadas em entrevista a Sebastião Tavares Pereira, sobre as greves e outras questões ocorridas em sua gestão.

Podemos observar nos informativos do Sindicato que o período que corresponde aos anos dos governos Lula e Dilma são anos de poucas greves e muitas conquistas por meio de pequenas mobilizações e negociações coletivas com reajustes salariais acima do INPC, índice que calcula a inflação para o ano. No entanto, de acordo com o editorial de capa do informativo do Sindicato, de maio de 2004, “essa conquista só foi possível com a mobilização dos trabalhadores, fazendo pressões nas fábricas e a união entre trabalhadores e a direção”. No distrito de Caravaggio, em Nova Veneza, houve pequena paralisação avaliada pela direção do Sindicato como muito positiva. De acordo com “Zé Ferreiro” de maio de 2004, sobre a paralisação no Distrito de Caravaggio, temos o seguinte:

Desta vez foi diferente, os patrões tiveram que ir até a casa dos trabalhadores e trazê-los para dentro da fábrica, mesmo assim a produção ficou comprometida durante três dias. Que essas atitudes dos patrões sirvam para que os trabalhadores vejam o quanto é importante o seu trabalho na produção da fábrica. Conscientização, mobilização e união, isso não pode faltar entre os trabalhadores

De acordo com o informativo, os trabalhadores do distrito de Caravaggio, no município de Nova Veneza, nunca haviam paralisado as atividades das metalúrgicas daquele local, portanto, essa ocasião teria servido de aprendizado tanto para os patrões como para os trabalhadores, os quais perceberam a importância da sua força de trabalho, dado que, sem eles, as fábricas pararam e os empresários ficaram desesperados, sofrendo com os prejuízos. E os

padrões aprenderam sobre a importância das negociações com os trabalhadores, para evitar medidas extremas, como as greves e as paralisações.

Infelizmente, a seção “Chumbo grosso”, do informativo, ainda movimentava as notícias sobre acidentes de trabalho, morte de trabalhadores, atraso em pagamento de salários e rescisões de contrato, trabalho de menores de idade em locais insalubres, pagamento de horas-extra por fora, como medida usada pelas empresas para fins de sonegação de impostos. Tudo isso e mais a velha prática no não repasse do FGTS para o governo. Conforme a seção de maio de 2004:

A morte de um companheiro metalúrgico em acidente de trabalho trouxe à tona a discussão sobre a segurança no trabalho. É fundamental o trabalhador se conscientizar da importância do uso dos EPIs (Equipamentos de Proteção Individual). No Brasil, segundo estatísticas do INSS, no período de 1970 até o ano de 2002 quase 33 milhões de trabalhadores foram vítimas dos acidentes de trabalho.

O informativo “Zé Ferreiro”, de março de 2005, dá a tônica do que seriam os anos 2000 para os trabalhadores metalúrgicos da região. Negociações coletivas e aumentos reais acima da inflação para o período conquistados pelos trabalhadores fazem com que as greves diminuam consideravelmente. De acordo com o editorial, na primeira página do Informativo do Sindicato de março de 2005:

Mais uma vez, fechamos a negociação coletiva com índice maior que o INPC (inflação) e mantendo as cláusulas sociais. Enquanto o INPC de 1º de janeiro a 31 de dezembro de 2004 foi de 6,13%, conquistamos 9%. Isso só foi possível porque houve a mobilização dos trabalhadores, o trabalho sério e persistente da direção do Sindicato e o crescimento econômico de 2004.

Conforme os informativos do Sindicato de março, junho, julho e dezembro de 2005, não houve nenhuma greve durante o ano. Os informativos se limitam a informações variadas aos trabalhadores como: salário família, valor do salário mínimo, seguro desemprego, imposto de renda, INSS, convênios com médicos e dentistas, campeonato de futebol suíço para os trabalhadores das metalúrgicas, etc. Foi também no ano de 2005 que o Sindicato colocou em funcionamento o seu *site na internet* para ampliar a comunicação com os trabalhadores.

Para os anos de 2006, 2007 e 2008, nenhuma informação foi obtida. Não sabemos se os informativos não foram publicados ou se não nos foram viabilizados. Para o ano de 2009, no informativo do mês de maio, o que mais chama a atenção é a conquista novamente de um reajuste salarial acima do INPC para o período. Em “Zé Ferreiro” de 2009, p. 3, podemos ler:

Categoria conquista aumento de 8,5%

Os mais de seis mil trabalhadores metalúrgicos de Criciúma e região conquistaram índices superiores à inflação no dissídio coletivo de janeiro. O fechamento das negociações encerrou em março em função da dificuldade de negociação pelos empresários em função da crise. Segundo Oderi Gomes, presidente do Sindicato, a categoria conquistou um reajuste positivo e significativo pela paciência dos trabalhadores em esperar passar o ápice da crise que iniciou em outubro. “Alegando a

queda na produção e nas vendas os empresários não apresentaram proposta nas primeiras reuniões”, explica. Oderi lembra que foi necessário argumentar lembrando que os efeitos da crise causaram pouco impacto nas empresas da região.

Apesar das conquistas dos trabalhadores nesse período em que predominaram as negociações coletivas no lugar das greves, as quais marcaram os períodos anteriores, principalmente os anos 1980, no ano de 2010, o informativo do Sindicato apresenta a ocorrência de uma greve que paralisou pelo menos três empresas da região. De acordo com “Zé Ferreiro”, na página 3, vemos:

Após nove anos da última paralisação no setor de máquinas em Criciúma e região os metalúrgicos entraram em greve de 02 a 04 de agosto de 2010. O protesto fechou as empresas Industrial Conventos (ICON) de Criciúma e a Cardal e CMC de Cocal do Sul. A adesão foi de 100%, cerca de 500 trabalhadores. “Os metalúrgicos acreditaram na sua força de organização e fizeram uma greve vitoriosa”, afirma Oderi Gomes, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos em Criciúma e região.

Segundo o informativo, os trabalhadores dessas empresas obtiveram 8,5% de aumento salarial, sendo um ganho superior ao índice da inflação para o período, embora a proposta patronal tenha sido de 7,31%. Pequenas greves como essa são constantes durante o período dos anos 2000, durante os governos Luiz Inácio Lula da Silva, Dilma Rousseff e Michel Temer. Foi um período de grande prosperidade econômica no país e na região em que os empresários preferiram a negociação para que as atividades não se paralisassem por longo tempo. O ano de 2011 também é marcado por novas negociações entre o sindicato dos trabalhadores e os sindicatos patronais, sendo que não há ocorrência de greves. Os Informativos de junho e agosto daquele ano se limitam a informar sobre os dissídios coletivos, as negociações e os aumentos salariais conquistados durante o ano. O que chama a atenção no Informativo de agosto de 2011 é a falência da Metalúrgica Bock. De acordo com a matéria da capa,

A Metalúrgica Bock de Forquilha encerrou suas atividades no primeiro semestre desse ano, após 15 anos de prestação de serviço no setor. Em reunião realizada no mês de junho entre o proprietário, direção do Sindicato e os 22 trabalhadores, foi acertado que a Assessoria Jurídica do Sindicato iria fazer o “arresto” dos equipamentos e posteriormente sua venda para quitação dos direitos trabalhistas.

Segundo o informativo do Sindicato, as máquinas e os equipamentos da empresa seriam vendidos para que os trabalhadores pudessem receber suas rescisões, já que a empresa havia alegado, em reunião, não possuir dinheiro para cumprir com suas obrigações contratuais junto aos trabalhadores.

E, no ano de 2012, primeiro ano da gestão de Francisco Pedro dos Santos na presidência do Sindicato, o portal g1, da então RBS TV, traz matéria sobre a ocorrência de uma greve dos metalúrgicos de Criciúma e da região. Conforme o *site*, cerca de 1.400 trabalhadores metalúrgicos de empresas estavam em greve, a qual havia iniciado na segunda-feira, dia 20 de

agosto daquele ano, sendo que tinha sido aprovada em assembleia no dia 17. A paralisação atingia empresas de Criciúma e de Cocal do Sul e se estenderia à cidade de Araranguá. De acordo com o portal da RBS,

A direção do Sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos de Criciúma e Região (Sinmetal) negocia o aumento de salário com representantes patronais desde maio. A última proposta foi de 7% de aumento para todos, sendo 4,9% de INPC, 2,1% de ganho real e R\$ 340 de abono. A categoria reivindica 14,9% entre inflação e ganho real. "A gente sabe que o desfile coletivo é uma vez no ano e se a gente negocia mal agora, vai ficar só para julho do ano que vem. Então agora a gente tem que fazer uma boa negociação", diz Francisco. (<http://g1.globo.com/sc>, acesso em 17/08/2021).

A matéria também afirma que a paralisação afetava diretamente a produção das indústrias cerâmicas que dependiam dos equipamentos produzidos na região. Segundo o texto, o sindicato patronal (Sindimaq) estava irredutível e afirmava que os valores reivindicados estavam acima do que as empresas poderiam atender, colocando que, para atender às reivindicações, seria necessário demitir trabalhadores.

Como podemos perceber, entre os anos de 2003 e 2018, prevaleceram pequenas greves e as negociações coletivas tiveram grande sucesso em todo o país e também em nossa região. Na maioria das vezes, os trabalhadores conseguiram ganhos reais acima do índice de inflação para o período.

Podemos concluir, portanto, que, desde a fundação da Associação, em 1962, o Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e Material Elétrico de Criciúma e da região, na medida do possível, cumpriu sua tarefa na defesa dos trabalhadores do setor. Desde sua primeira diretoria e fundação, com Raul Clemente Pereira, até nosso recorte temporal, o ano de 2018, o Sindicato, entre vitórias, derrotas e reveses, não mediu esforços na defesa da classe metalúrgica da região. Com essa análise, terminamos este último capítulo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Formação de um setor importante de nossa economia (a metalurgia), e a trajetória de lutas do Sindicato dos trabalhadores deste setor foram o principal objetivo deste trabalho. Analisar como se formou a indústria metalúrgica na região de Criciúma (SC), e como se formou e constituiu o Sindicato desta categoria, suas lutas suas conquistas suas derrotas a partir dos anos 1960 até o ano de 2018 foi a motivação deste trabalho.

Como vimos o Sindicato surgiu em decorrência do surgimento e crescimento das indústrias que em nossa região foram sendo criadas. A metalurgia na região foi uma alternativa utilizada pelos empreendedores que não queriam ficar presos às atividades tradicionais da região como agricultura, mineração, comércio. As metalúrgicas surgiram ligadas a demanda de produtos e implementos de necessidade das outras atividades e se desenvolveram a ponto de atualmente a região exportar para muitas partes do mundo.

Como foi possível observar no corpo deste trabalho o Sindicato dos Metalúrgicos possui décadas de atuação na região. Teve suas mãos amarradas durante a Ditadura, renasceu no final dos anos 1970 com o ressurgimento das greves e do sindicalismo combativo, enfrentou o avanço do neoliberalismo a partir do governo de Fernando Collor de Mello que teve sua continuidade no governo de Fernando Henrique Cardoso.

No ano 2003 o Brasil assistiu a chegada ao poder de um legítimo representante da classe trabalhadora. O ex metalúrgico Luiz Inácio Lula da Silva que chegou a presidência do país com a promessa de melhorar a vida do trabalhador brasileiro. De fato há um avanço neste período na relação capital x trabalho talvez não o suficiente. Há nesse período também uma grande aproximação entre o governo os sindicatos e as maiores centrais sindicais do país principalmente a CUT (Central Única dos Trabalhadores).

Lula governou por oito anos referentes a dois mandatos e elegeu sua sucessora a presidenta Dilma Vana Rousseff que governou entre 1º de janeiro de 2011 e 31 de agosto de 2016 ano em que ela sofreu um processo de Impeachment e deixou o cargo. Foi sucedida pelo presidente Michel Temer que colocou em curso várias reformas (neoliberais) entre elas a reforma trabalhista e a reforma da previdência que tinham por objetivo principal retirar direitos dos trabalhadores.

O Sindicato dos Metalúrgicos tem sua trajetória ligada a essas fases da política nacional e ao desenvolvimento do setor de metalurgia na região. Aproximadamente 20 anos após o surgimento da primeira empresa metalúrgica da região o Sindicato tem sua fundação reconhecida pelo governo federal no ano de 1965. Os anos passaram e o setor cresceu

vertiginosamente na região. De algumas pequenas empresas no início dos anos 1940 e 1950 o setor se transformou em um grande empregador de mão de obra na região com empresas de grande, pequeno e médio porte.

Com o crescimento no tamanho e no número de empresas os desafios do Sindicato também cresceram. O número de trabalhadores cresceu junto com o número de empresas que atualmente emprega até trabalhadores estrangeiros vindos de vários países da América Latina e continente africano. Segundo o site oficial do Sindicato o número de filiados é de aproximadamente 3.500 trabalhadores, número pequeno se levarmos em consideração que o total de trabalhadores na região se aproxima dos 10.000.

O Sindicato foi fundado por iniciativa de trabalhadores de Criciúma, e representava os municípios de Araranguá, Nova Veneza, Cocal do Sul, Urussanga e Içara até o ano 2000. Os demais trabalhadores da região eram representados pelo sindicato com sede em Florianópolis, no entanto, com o passar dos anos o Sindicato de Criciúma expandiu sua base territorial de representação por toda a região sul do estado. Desde o ano 2000 ele representa além dos acima citados, os municípios de: Lauro Muller, Balneário Rincão, Orleans, Morro da Fumaça, Sangão, Treviso, Siderópolis, Forquilha, Morro Grande, Meleiro, Maracajá, Balneário Arroio do Silva, Balneário Gaivota, Timbé do Sul, Turvo, Ermo, Jacinto Machado, Sombrio, Santa Rosa do Sul, Praia Grande, São João do Sul e Passo de Torres.

A pesquisa teve início com a descoberta do livro *O Operário e o Padre: História da criação do Sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos de Criciúma e Região*, escrito por Sebastião Tavares Pereira, filho do fundador do Sindicato e que também participou ainda criança da fundação do mesmo. A partir de então o mergulho nos jornais do Arquivo Histórico Municipal (anexo a Biblioteca Municipal Donatila Borba), e nos arquivos do Cedoc – Centro de Documentação da UNESCO – deram um novo folego a pesquisa que ganhou corpo mesmo quando da descoberta da existência do informativo publicado pelo próprio Sindicato o *Zé Ferreiro*. Os sites das empresas, do sindicato dos trabalhadores, dos sindicatos patronais e das agências de imprensa também foram de grande importância para a conclusão da pesquisa.

As categorias de análise utilizadas para o desenvolvimento da pesquisa e da escrita deste trabalho foram as categorias de experiência de E. P. Thompson, desenvolvida no livro *A Miséria da Teoria ou um planetário de erros*, a categoria trabalho desenvolvida por Ricardo Antunes, principalmente no livro *Adeus ao Trabalho? Ensaio sobre as Metamorfoses e a Centralidade do Mundo do Trabalho* e a categoria sindicalismo desenvolvida por Armando Boito Jr no livro *O Sindicalismo de Estado no Brasil: uma análise da estrutura sindical*.

A trajetória do Sindicato como podemos perceber principalmente no capítulo final desta dissertação foi marcada pela constante defesa dos trabalhadores tanto nas greves e nas pequenas paralizações quanto nas causas trabalhistas de defesa dos direitos como: Recebimento de FGTS, Férias, Horas extras. Fatos curiosos frequentemente observados nas empresas são acidentes de trabalho, agressões por parte dos patrões, falências de empresas.

Período que marca o Sindicalismo na região e que merece destaque são as greves de 1979. Essas greves começaram em São Paulo nas indústrias metalúrgicas do ABC paulista e se espalharam por todo o país inclusive em nossa região. Foram essas greves que deram notoriedade a liderança sindical de Luiz Inácio da Silva que viria a ser presidente do país posteriormente.

Podemos concluir que o perfil dos trabalhadores das indústrias metalúrgicas de Criciúma e região é formado por uma maioria de trabalhadores do sexo masculino, brancos, de escolaridade média. A maioria na faixa etária dos 18 aos 49 anos. Há uma minoria de mulheres, negros e estrangeiros. A carga horária mais comum está entre 41 e 44 horas semanais sendo que atualmente todos trabalham em empresas ligadas a iniciativa privada devido a não existência de empresas estatais no setor na região.

Acredito que esta dissertação é apenas o começo de uma série de pesquisas que possam vir pela frente sobre o setor metalúrgico o sindicalismo e a luta dos trabalhadores em nossa região. Essa pesquisa pretende ser apenas mais um tijolinho na construção da história social e econômica de Criciúma e região. Muitos outros aspectos e pontos de vista podem ser pesquisados e defendidos pelos pesquisadores interessados neste assunto.

REFERÊNCIAS

- Alumasa.** Disponível em: <<https://www.alumasa.com.br/>>. Acesso em: 23 fev. 2020.
- AMADO, J.; FERREIRA, M. DE M. **Usos e Abusos da História Oral.** Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- ANTUNES, R. **Adeus ao Trabalho? Ensaio sobre as Metamorfoses e a Centralidade do Mundo do Trabalho.** São Paulo: Cortez, 2015.
- Bertan Máquinas – Qualidade desde o projeto até o acabamento.** Disponível em: <<https://bertanmaquinas.com.br/>>. Acesso em: 23 fev. 2022.
- BOITO JR, A. **O Sindicalismo Brasileiro nos Anos 80.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991a.
- BOITO JR, A. **O Sindicalismo de Estado no Brasil: Uma Análise Crítica da Estrutura Sindical.** Campinas: UNICAMP, 1991b.
- Brametal - Energia para o mundo | Bem vindo(a) ao nosso site!** Disponível em: <<https://brametal.com.br/>>. Acesso em: 23 fev. 2020.
- BRASIL RAIS. **Ministério do Trabalho e Previdência — Português (Brasil).** Disponível em: <<http://mte.gov.br/>>.
- CANÊDO-PINHEIRO, M. Experiências comparadas de política industrial no pós-guerra: lições para o Brasil. Em: FERRERIA, P. C.; VELOSO, F. (Eds.). **Desenvolvimento econômico: uma perspectiva brasileira.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2013. p. 381–404.
- CANO, W.; SILVA, A. L. G. Política industrial do governo Lula. **Texto para discussão**, v. 181, p. 139–174, 2010.
- DIESE. **A Situação do trabalho no Brasil na primeira década dos anos 2000.** São Paulo: Diese.
- Duarte Indústria Metalúrgica | Fábrica de Máquinas e Equipamentos Industriais | Morro da Fumaça - Santa Catarina.** Disponível em: <<http://www.maquinasduarte.com.br/>>. Acesso em: 4 ago. 2022.
- Empresas Icon.** Disponível em: <<https://www.empresacon.com.br/>>. Acesso em: 21 maio. 2020.
- FRANÇA, G. F. T. DE F.; ZANELATTO, J. H. Perfil, formação profissional e noção de política sindical de metalúrgicos de Criciúma e Sul Catarinense. **Novos Cadernos NAEA**, v. 19, n. 3, p. 113–126, 2016.
- GOULARTI FILHO, A. **Formação Econômica de Santa Catarina.** Florianópolis, SC: UFSC, 2016.
- INO. Disponível em: <<https://ino.com.br/br/index.php>>. Acesso em: 10 abr. 2020.

LESBAUPIN, I. (ED.). **O desmonte da nação: Balanço do governo FHC**. Petrópolis: Vozes, 1999.

Librelato. Disponível em: <<https://www.librelato.com.br>>. Acesso em: 28 mar. 2020.

MDS - Discos de Freio - Tambor de Freio, Cubo de Roda, Sapata de Freio, Cilindro de Roda e Cilindro Mestre. Disponível em: <<https://www.mds.ind.br/>>. Acesso em: 14 maio. 2022.

MIRANDA, L. A. **Trajetórias e Experiências do Movimento Operário Sindical de Criciúma – SC Da Ditadura Militar a Nova República (1964- 1990)**. Tese (doutorado) - Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.

NAGASAVA, H. **O sindicato que a ditadura queria**. São Paulo: Paco Editorial, 2018.

PEREIRA, S. T. **O Operário e o Padre: História da Criação do Sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos de Criciúma e Região - SINMETAL**. Florianópolis: S.Tavares Pereira, 2012.

PERROT, M. **Minha História das Mulheres**. São Paulo: Contexto, 2017.

SADER, E. (ED.). **10 anos de governos pós-neoliberais no Brasil: Lula e Dilma**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.

SICAL. Disponível em: <<https://www.sical.com.br/#>>. Acesso em: 21 maio. 2020.

Spilrod Fundição. Disponível em: <<https://www.spilrod.com.br>>. Acesso em: 14 maio. 2020.

TEIXEIRA, J. P. **Os Donos da Cidade**. Florianópolis: Editora Insular, 1996.

THOMPSON, E. **A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica do pensamento de Althusser**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

Usipe - Fundidos e Usinados. Disponível em: <<http://www.usipe.com.br/>>. Acesso em: 26 fev. 2020.

VENDRAMINI, C. R. A contribuição de EP Thompson para a apreensão dos saberes produzidos do/no trabalho. **Educação Unisinos**, v. 10, n. 2, p. 123–129, 2006.

VOLPATO, T. G. **Vidas Marcadas: Trabalhadores do Carvão**. Tubarão: UNISUL, 2001.

